

LEGADO

LEGADO

Eduardo Côrte Real Barbieri

1ª Edição

Porto Alegre, 2024

Introdução: A Terra ou Devaneios

Você consegue imaginar uma vida humana? Nos primeiros cinquenta anos, descobrimento, incompreensão, tentativas de representar uma vida coerente, uma receita: constitua uma família, mesmo aprenda uma profissão, duas! Escreva cartas de amor para alguma paixão do passado, esqueça as palavras duras, os minutos roubados. Troque tudo pela bebida. Depois, nos outros cinquenta, dentro do silêncio, as coisas se misturam. Seus processos mentais letárgicos, o álcool cobrou o preço, seus filhos fazem questão de te lembrar de que a história que você conta tão eloquentemente na mesa de jantar, nunca aconteceu. Você se torna uma sátira, um motivo de preocupação, um vulto nos cantos das reuniões de família dizendo que quer morrer, talvez você até chore baixinho na cozinha, ‘chega disso vó’, nos últimos momentos você pede perdão. Uma tentativa de refazer laços, talvez as coisas tenham algum significado: algumas pessoas, em algum momento, te amaram. Te amam. E tudo acabou em um piscar de olhos. Sua vida inteira resumida em menos de um parágrafo pelo produto do seu sangue. E, se mesmo ao fechar os olhos, a sua solidão nunca acabar? Não no sentido genético da deficiência de lítio geracional da sua família, que você passou adiante, nem na lástima dos seus filhos sem herança, seu anel de formatura não conta. Mas no sentido literal, ficar preso em uma sala. As janelas se abrem para um céu artificial, iluminado por holofotes de luz branca, tudo que você tem são páginas vazias para preencher com os ecos de um passado distorcido por um cérebro atrofiado. Como era meu nome mesmo?

Me apaixonei por uma mulher de cabelos escuros e rosto cansado, cujos olhos haviam sido substituídos por uma cicatriz longitudinal. Ela dizia meu nome. Vejo seus lábios se mexendo, mas o som escapou. Nós corremos pelas planícies floridas, e ali construímos um pequeno chalé. Os dias passavam tomados por alegria pura, nunca chovia, e mesmo assim, todas as plantas cresciam e o chão era fértil. Teci para ela, a partir das teias das aranhas douradas e das pérolas que brotavam das pedras, um véu para disfarçar suas cicatrizes, ela pediu que o véu fosse rendado para que seus “olhos” ainda aparecessem. Um dia, chegaram homens de uma terra distante, que botaram fogo na nossa casa idílica, ela morreu, soterrada pelos escombros. Eu fui poupado, por dias cavei nas cinzas da madeira, a fuligem grudada na pele, o suor escorria preto e o sol continuava no céu. Encontrei o corpo da minha esposa, a expressão contorcida pelo terror da morte, o véu cobrindo o rosto intacto, um milagre. Do cadáver nasciam flores únicas, com pétalas de cristal, o luto se esvaiu quando as vi. Decidi expor o corpo em frente à casa, como um espantalho, enquanto o alçava sobre estacas de madeira, uma das pernas se desprende e caiu putrefata no chão, de dentro dela uma ninhada de coelhos surgiu, e se foi saltitante pelo mundo. Um viajante qualquer que passava na estrada, depois de ver as belas flores, espalhou a notícia, e, logo, gente de

todo o país veio ver o corpo pendurado. Cobrei moedas de ouro daqueles que desejavam levá-las, sempre ficava um pouco de carne na base da flor, para preservar as raízes. O tempo passou, o corpo foi se desfazendo, os demais membros começaram a cair, os dedos viraram passarinhos, as mãos filhotes de cachorro. A outra perna caiu, e veio a primeira chuva, veio uma enchente e levou meu amor embora. Eu acordei desorientado, tomado por uma tristeza profunda, um dos meus últimos sonhos. Mas o que são sonhos? Meu nome não importa. O que importa é o registro. Ao longo do meu tempo neste mundo já fiz vários, mas esse tornou-se meu favorito. Me fez rever toda minha obra, e mais do que isso, minha metodologia. Isso pode parecer insignificante para você, mas foi uma verdadeira revolução epistemológica, uma resposta para uma dor antiga, permita-me elaborar começando do começo.

Em algum momento da vida todo ser vivo no planeta Terra escuta um chamado. Nascemos predispostos a aceitá-lo, é natural da biologia, inescapável. Vocação. A primeira vez que ouvi, pensei que fosse algum mau funcionamento do sistema nervoso. Mas é maior do que isso, tanto em nós, seres humanos, como no João-de-barro construindo seu ninho, à vocação permanece. Talvez o segredo esteja no tutano dos ossos, pois então como explicar os comportamentos das plantas ou das esponjas marinhas? A vocação é inegável, de repente as mãos começam a se mover sozinhas, em seguida os pulsos, os antebraços, os joelhos. Enfim, o corpo inteiro se movimentando na sinfonia do propósito superior. O João-de-barro arrasta a terra para cima dos galhos, e eu, como as esponjas, absorvo o ambiente, filtro e destilo; elas: a água do mar em nutrientes, eu: a violência em história racional.

Mesmo o som inconfundível do propósito, às vezes deixa um zumbido nas orelhas, e, após um período de alta produtividade, me vi perdido sentado no meu velho escritório, cercado pelas estantes repletas de minha própria criação, enlouquecendo, incapaz de alcançar o silêncio. Todos os manuscritos começaram a me parecer iguais, talvez não as mesmas palavras, mas os mesmos sinônimos espalhados nas paredes. Comecei a flertar com a ideia de botar fogo em tudo, incluindo autoimolação, carbonizar noite adentro, as chamas alimentadas por pedaços de mim mesmo. Decidi que uma mudança era não só necessária, mas urgente. O mundo se modernizou à minha volta, distanciando-se da essência que me guiou até aqui. Eu já não encontrava mais nas telas dos celulares a violência pura, colhida do solo, como a que encontrei nos jornais. Uma busca se tornou necessária. Encontrar em algum canto do mundo algum resquício da brutalidade natural, apenas refinada e produzida pelas mãos humanas conectadas à terra fresca, algo semelhante a uma geleia seminatural de uva.

Depois de árdua pesquisa, encontrei um número anormalmente alto, e crescente, diga-se de passagem, de desaparecimentos ao longo dos últimos 15 anos na região sul do Brasil. A geografia do lugar parecia esconder algum segredo. De um lado, a terra montanhosa e disforme dos planaltos férteis povoados por parreirais nas encostas, do

outro, a desertificação crescente da planície, consequência da tradição e da plantação de arroz. O vento frio esculpe muito mais do que rochas, pulsando por entre as rachaduras dos planaltos, e sucedido pela geada, que mata o trabalho de meses, cria uma certa melancolia inescapável e sangrenta. E depois, acompanhada pela natureza fértil do verão, cresce uma tradição erguida sobre trabalho duro, carcaças de animais e pessoas com pouca sorte.

Sem hesitar, me lancei em nova empreitada nesse cantinho precioso do mundo. O primeiro contato com Porto Alegre já foi surpreendente. Era dia 20 de junho e um calor úmido de 30 graus me recebeu na rodoviária. Toda a metáfora da brutalidade inevitável do inverno, de repente é desafiada pelo calor. Esse confronto, catalisou uma nova tese, uma tentativa de encontrar vida nova em velhos hábitos. Ao invés de compreender as pessoas pelo caráter da terra, buscaria então compreender o caráter da terra a partir das pessoas. Uma ideia tão simples e direta, que apenas uma mente brilhante seria capaz de conceber.

Já considerei a tecnologia um dos muitos inimigos da minha arte, mas, depois dessa experiência, não a vejo mais como um corruptor da essência. Hoje percebo que a tecnologia nada mais é do que uma manifestação humana. Toda tecnologia pensa como humano, os disjuntores de luz lutando pela autopreservação, as imperfeições do asfalto que se deformam com o excesso de carga, e os celulares vigiando, consumindo. Em momentos de sofrimento, telas de LED se tornam faróis, e a forma como as pessoas desesperadas se agarram nelas, procurando algum tipo de auxílio inexistente, é, no mínimo, cativante.

Capítulo 1: Algumas Pessoas têm Má Sorte.

Um detalhe fundamental sobre mim: a maioria das pessoas não pode me ver. Por isso nunca preciso pagar pelas passagens de ônibus. Algumas pessoas, em algumas condições, podem me ver, mas esse seleto grupo não costuma envolver cobradores, motoristas de ônibus ou seguranças de rodoviárias. Admito que me esgueirar por debaixo dos braços e pernas deles não seja a atividade mais digna para um estudioso do meu calibre, mesmo assim, pagar quase 100 reais por uma passagem também não é. A invisibilidade relativa, além de garantir privilégios financeiros, facilita muito o meu trabalho de engenheiro da História, sempre observando, comprimido contra os cantos das paredes das salas de estar e quartos de dormir. Comecei a apreciar tal prática, similar a das baratas, nunca de costas para o vazio, sempre pronto. Nos cantos, praticamente não existe fluxo, as pessoas tendem a se concentrar no centro dos corredores, algo que nunca compreendi.

Como dito, minha jornada começa dia 20 de junho na rodoviária de Porto Alegre, saio do ônibus por último ou por primeiro, não faz tanta diferença assim. A rodoviária da

cidade fica próxima ao centro histórico. Um lugar anacrônico, lotado. Inúmeros prédios se sobrepõem retorcidos, competindo por espaço, todos com pinturas desbotadas e infinitas janelas. Os corredores internos das estruturas fazem pouco sentido para o observador externo, e muitas das janelas dão para outras janelas e paredes lisas. Mais assustador ainda do que paredes lisas de nove andares impedindo a entrada de sol, é que dentro das molduras iluminadas das janelas, vidas inteiras se constroem. Alguém deu os primeiros passos enquanto segurava a mão materna dentro de um desses apartamentos. Não é difícil imaginar quantas brigas e reconciliações aconteceram, quantas segundas chances soterradas em concreto. Quantas marcas escondidas pelas camadas de tinta na parede. A vida no centro de Porto Alegre prevalece dentro das estruturas retorcidas e mofadas, como as raízes das árvores prevalecem rompendo o pavimento, e por entre essas rachaduras, o vento frio se intromete, procurando novas colheitas para congelar.

Depois de caminhar pelo centro, cruzando passarelas e desviando de ambulantes, no meio da paisagem urbana algo me chamou atenção, na rua Demétrio Ribeiro, em frente ao prédio criativamente denominado 'Demetrius', estava um Peugeot 108 azul-turquesa estacionado. Um casal carregava as últimas malas no carro. Talvez pelos meus anos de experiência, instinto ou sabedoria, eu decidi acompanhá-los na viagem. 'Eu esqueci meus óculos, vou subir para pegar', diz o homem indo em direção ao portão do prédio, 'ok eu espero aqui mesmo', respondeu a mulher. O homem passou uns bons trinta segundos lutando contra o portão velho, ela entrou no carro, ligou o rádio e abriu as janelas. Se não fosse o calor anormal de trinta graus, ela não teria aberto as janelas, não teria sido preservada de nada do que aconteceria a seguir, e esse registro não existiria.

Eu corri pela rua, na velocidade limite da minha compostura, até atingir o alvo azul-turquesa. Minha forma esguia me permitiu entrar pela janela traseira. O banco estava repleto de malas e sacolas, sobrava apenas o pequeno espaço por onde entrei. Pude ficar deliciosamente comprimido contra a porta lateral. Depois de mais ou menos 10 minutos, o homem, agora de óculos escuros, desceu do prédio e assumiu o volante: 'Tu sempre enfia as coisas no lugar mais difícil de achar', 'da próxima vez quem sabe eu não enfio no teu cú', disse a mulher ao aumentar o volume do rádio. A música era um velho samba, *Samba-joia*, Samba do Profeta. O alto falante pulsava com o coro gospel da introdução, depois, enquanto o cantor bradava com toda a força dos pulmões sobre a segunda vinda de Jesus Cristo ou outra coisa do tipo, a mulher olhava pela janela em silêncio e mordida o canto da boca em um tique nervoso. Ela tinha uma pequena deformação na estrutura óssea da face, nada muito exagerado, mas estava lá, consequência de alguma fratura mal cicatrizada.

Na primeira hora, não aconteceu nada muito notável do lado de dentro do carro. Os dois passaram boa parte da viagem em silêncio. No máximo colocações sobre o

tempo, ou pedidos de parada, o pouco que consegui descobrir foram os nomes: Lúcia e Matheus. Os livros não fazem jus à paisagem dessa região do mundo: morros arborizados, paredões de pedra habitados por nascentes d'água, picos acima das nuvens, e tudo isso posicionado às margens da estrada que desce para a praia. Após alguns quilômetros, a altitude diminui e a vegetação se torna mais arenosa. Em um último esforço para ver a serra desaparecendo no horizonte, virei meu corpo e olhei pelo vidro traseiro através de uma pequena fresta na bagagem empilhada. Pela primeira vez, vi a van preta que seguiu nossos novos amigos desde Porto Alegre. Algumas Pessoas têm Má Sorte.

Eu tenho que tomar cuidado com esse tipo de coisa, sempre acredito que tem alguma coisa me seguindo, então às vezes é meio difícil diferenciar a paranoia da realidade. A suspeita começou a sair do reino da paranoia para o domínio da constatação depois que a van passou por oito possíveis saídas da estrada e continuou seguindo. Em seguida, se fortaleceu, atingindo o nível das estranhas coincidências quando, mesmo tendo várias oportunidades claras e naturais para ultrapassar, o motorista da van mantinha sempre a distância de um carro do Peugeot 108. E por fim ascendeu à realidade no momento em que Matheus errou a entrada, e a van também o fez. O porquê de a van seguir o carro eu nunca entendi. Mais tarde, nesse mesmo relato, ficará claro que os passageiros da já sabiam para onde Matheus e Lúcia estavam indo, segui-los era apenas um requinte de crueldade. Quando sentei para repensar e escrever esses momentos, me veio à mente a pecuária extensiva, os animais criados em vastas extensões de terra com a ilusão de liberdade, sempre vigiados de não tão longe. O próximo passo dessa pequena experiência de pensamento é o abate, mas isso fica para mais tarde.

Na segunda hora de viagem, passando ao lado de um campo de cataventos eólicos e um belo lago, Matheus decidiu interromper o silêncio: “Você lembra desse lugar? Aquela vez que o pneu furou de noite na volta da viagem tivemos que ficar esperando o guincho e eu comecei a ficar super estressado, daí tu me contou aquela história de quando teu irmão quase morreu porque comeu isca da pescaria”. Lúcia não respondeu, fingiu estar dormindo. Seu rosto parecia suspenso em fumaça, mudava com o vento, as pequenas deformações da vida, como cicatrizes ou marcas de expressão, caminhando quando desviamos os olhos. A estrutura exposta de uma casa em chamas, a madeira crepitando, caindo na pilha de cinzas enquanto a fundação luta para continuar em pé, seus cabelos escuros por causa da fuligem. A única coisa estática, a âncora da face, era uma pequena deformidade na estrutura óssea da mandíbula, consequência de algum acidente de infância. Matheus, com seus olhinhos de pássaro, olhava para ela por cima do ombro, criava coragem para dizer alguma coisa. Respirou fundo, apertou o volante, contorceu o rosto: “Ainda no tópico da alergia, lembra daquela vez que meu pai ficou com a cara inchada depois de comer lagosta? alguém tem um antialérgico?”,

parecia que tinha se fundido com a lagosta; ainda por cima tava usando aquela camiseta ridícula do Garfield que ele gosta” Lúcia não aguentou e ainda de olhos fechados, esboçou um sorriso. “Você quer mesmo fazer isso?”, adicionou Matheus insatisfeito com seu pequeno sucesso, “isso o quê?”, fogo começa com brasa; “essa viagem”. Lúcia revela a natureza do incêndio com suas perguntas incisivas: “eu estou no carro, não estou? Eu arrumei as malas, não arrumei?”, Matheus recuou, escondido atrás da barba como seu queixo semi-inexistente: “é que você não falou desde hoje de manhã”, “Quer que eu diga o quê? O quanto você é incrível ou algo do tipo?”, Matheus veio preparado: “Você tem razão, já está fazendo um esforço, obrigado por aceitar vir comigo”. Lúcia emitiu algum som em resposta, encostou a cabeça na janela e olhou para fora, para os cataventos. Ela ficou em silêncio pelo que pareceram horas, e então disse: “Eu lembro daquela noite, sim, o reflexo das estrelas no lago estava lindo”. Matheus pareceu relaxar um pouco, o que me dá a impressão de estar acostumado a andar entre escombros.

Mais uma hora de viagem, a BR 101 substitui os rios e hoje cumpre o papel de cortar as pequenas cidades no meio. O progresso é mais preguiçoso no interior do estado, e os prédios aglutinados e padronizados com precisão científica, grandes órgãos da vida, dão lugar às pequenas células em formato de casas. Estávamos nos aproximando do mar. As casas dessa praia, em particular, são absurdas em seu próprio mérito. A maioria em construção permanente, uma ilusão de riqueza, a tão sonhada “casa de veraneio” acabou tornando-se uma obra faraônica, interminável sobre o brejo que precede a restinga da costa atlântica. Um propósito para continuar a produzir. Uma delas em particular prendeu minha atenção: um bloco retangular sólido de tijolo exposto sem janelas, a porta parece ter pertencido a um roupeiro antigo, mas que se mantém selada por uma pesada corrente com um cadeado no centro. Outra ideia ruim. O rádio passou o tempo inteiro da viagem pulando entre estações locais, Lúcia gostava assim, se divertia procurando pelas músicas e ouvindo as amenidades dos programas, se tranquilizou com a mudança do cenário. Uma das estações sincronizou em uma música do João Gomes, a mulher comentou sobre ele ser o Bob Dylan brasileiro. Os dois riram.

O primeiro truque da paisagem é convencer o observador de que está morta. Tudo se mexe sob a linha dos olhos, incluindo o solo. Cercados de um lado pelo mar, e pelo outro, por uma densa plantação de eucalipto. Nada cresce debaixo do eucalipto, sempre sugando tudo. Acompanhados por atoleiros e esqueletos de casas, eram os últimos metros da estrada de asfalto, o movimento diminuiu, a van ficou “para trás”, mas podia ser vista por um olho atento. Passamos por uma escola estadual de ensino fundamental e médio, depois pelo “minimercado Júlia”, então, o asfalto acabou. Mais alguns metros de estrada de chão e visualizei pela primeira vez, disposto sobre o palco, o cenário do primeiro ato: uma casa, que, ao contrário das outras, estava

finalizada. Um oásis de cores vibrantes. Apesar de não ser muito alta, ela se destaca da paisagem desolada. Pintada de azul-turquesa, a mesma cor do carro que enfrentou como um campeão 200 quilômetros de asfalto mais 2 de estrada de chão para nos trazer até aqui, era a única casa com muros em um perímetro de mais ou menos um quilômetro.

Um homem e uma mulher esperavam pelo casal, “O Proprietário” e “A Proprietária”. Os nomes que eles contaram para Lúcia e Matheus são falsos e, além disso, não os considero agentes o suficiente, não merecem personificação. Só estavam seguindo ordens. O Proprietário de braços cruzados falava ao telefone enquanto A Proprietária acenava na nossa direção, sinalizou o caminho do abate. Quando nos aproximamos da casa, percebi a natureza reptiliana do sorriso da mulher. De imediato, os associei com a van preta, arautos das portas do inferno, um sabor doce veio à minha boca. Encontrei o que procurava, meu instinto havia acertado, ali estava a história da região: a história dos criadores de animais que às vezes até nomeiam as vítimas. Chamá-los de criadores é dar muito crédito, são apenas os filhos dos criadores nas fábulas tradicionalistas, aqueles, cujos ossos estremecem com os gritos das ovelhas. Os Proprietários abriram o portão do estacionamento. “Não estacionem embaixo do telhado da churrasqueira, ali é um sumidouro” disse a Proprietária por entre os dentes, imperativa, um jeito estranho de começar uma conversa

. Matheus fez algumas perguntas incompreensíveis, abafadas pelo latido estridente do pastor alemão que pareceu se materializar; o cachorro desgraçado latiu na minha direção como eles sempre fazem. Intervalos na cacofonia me permitiram capturar algumas poucas palavras sobre um poço artesiano ou algo assim. O Proprietário assoviou e o cachorro calou a boca e foi passear pela propriedade. Antes de Lúcia e Matheus descarregarem as malas, eu rastejo para fora. Vi o animal correndo livre mundo afora pelo portão da frente.

Na frente da propriedade, um pequeno pórtico calçado com piso branco, elevado a mais ou menos trinta centímetros do chão e duas câmeras de vigilância, uma sobre a porta da frente, apontando para rua, e outra no muro monitorando o pátio dos fundos, escuras e vazias como os olhos dos mortos. O muro era só uma estrutura simples de cimento com um metro e meio de altura, mas entenda, o que vale é o símbolo.

Satisfeito com a vista, retornei ao quintal dos fundos para ouvir uma pequena discussão: “Aqui é a piscina, está fechada durante o inverno que nem a gente explicou no anúncio, ali a churrasqueira e o banheiro externo”, Matheus demonstrou ser capaz de fazer uma pergunta inteligente: “Eu percebi que o ambiente aqui é todo monitorado. Estranho né?”. Três câmeras instaladas no quintal dos fundos, uma apontando para a porta da casa. O Proprietário responde: “não”, um pequeno deque de madeira onde fica a piscina, um puxadinho com telhado, churrasqueira, e uma pequena máquina de lavar

roupas, A Proprietária, Lúcia e eu, todos observamos chocados a capacidade de síntese do Proprietário. A fim de reparar a situação, A Proprietária falou por entre os dentes pontiagudos: “É muito tranquilo, vão ver de noite, não tem barulho nenhum. Vamos continuar olhando?”. Lúcia e Matheus se entreolharam desconfortáveis com o tom da conversa e seguiram para dentro da casa.

“Aqui, o ambiente principal, cozinha e sala, tudo que tem aqui vocês podem usar sem problema, tem TV a cabo, mas pega meio mal às vezes por causa da chuva, o ar condicionado aquece também”. O interior da casa parecia artificial como se uma raça alienígena tivesse se esforçado para criar um “cenário humano” padronizado. Um *‘template’* pronto para ser impresso e reimpresso até o fim da história. Não existe nada mais humano do que serialização. Matheus tropeçou em um fio mal posicionado, um erro de projeto, e o micro-ondas escorregou de cima da geladeira. Ele e o Proprietário impediram que o equipamento caísse no chão. Matheus: “Desculpa, eu não vi o cabo”, o outro homem cada vez mais irritado não respondeu. “Casa de praia às vezes tem pouca tomada, as coisas vão ficando mal encaixadas mesmo”, diz A Proprietária, mantendo a dinâmica da interação. Quando recolocou o micro-ondas, Matheus reparou em um ponto preto no teto camuflado por um armário embutido, uma câmera de segurança apontava para a mesa de jantar centralizada. “Olha, cara, a casa até que é boa, mas não é normal ter câmera dentro de casa, e não tem um ponto externo sem monitoramento. Se não desligar as câmeras a gente não fica”, Lúcia concordou com a cabeça. O Proprietário se projetou sobre ele, “Que história é essa? Quer que eu desligue por quê? É minha propriedade, não vou desligar porra nenhuma”, Matheus recuou como um bom covarde e Lúcia intercedeu imperativa: “Isso é uma ameaça?”, “Calma Amor , eu entendi que as câmeras incomodam, mas por que incomodam tanto?, vocês têm alguma coisa que não pode ser vista?”, Lúcia: “A posição e a quantidade, não tem um ponto cego no mapa, e eu não quero pagar para minhas férias serem reality show de alguém. Vamos ficar só nós dois no meio do inverno, tu não disse que aqui era tranquilo, então para que tanta câmera?” A Proprietária: “Para proteger a casa que construímos. Não quero um estranho não supervisionado aqui dentro”, “então por que aluga?” Matheus readquire sua coragem contra a mulher. Lúcia: “Podemos dar uma garantia, como foto do RG, aí, se acontecer alguma coisa, vocês têm como cobrar, já dirigimos 3 horas para ficar aqui e vamos pagar adiantado. Vocês podem por favor desligar as câmeras?”, O Proprietário, surpreendentemente ofereceu uma solução: “Eu vou entrar em contato com a empresa de vigilância, mandem os documentos de cada um de vocês, vamos verificar, se estiver tudo certo desligo as câmeras”, “Como vamos saber se você desligou mesmo?” pergunta Matheus. O Proprietário respondeu: “fiquem com esse dispositivo de monitoramento, vai apagar quando as câmeras forem desligadas. Uma última coisa, vocês fecharam o portão quando entraram?”. Lúcia e Matheus se entreolharam: “Não”, “O cachorro”, O Proprietário corre porta afora.

Parte I: Os Olhos do Cão

Capítulo 2: Panóptico

Lúcia e Matheus passaram um primeiro dia agradável na casa. As câmeras a princípio foram desligadas e o Proprietário não conseguiu achar o cachorro. No meio da tarde, encontrei Matheus sentado no pórtico com uma xícara de café, olhava para a câmera de segurança “desligada”. Atrás da lente, o espírito da vigilância, a certeza da observação. Câmeras engolem a alma, mesmo acostumada com monitoramento, se torna uma casca indefesa de si mesma, os olhos do cão, escuros como o abismo, absorvem todos os seus movimentos e ações, todos os seus comportamentos mundanos e cotidianos — entretenimento para um ser sem rosto. Uma luz vermelha aparece de relance, um reflexo do sol poente ou algum indício de estar sendo observado; de qualquer forma, o abismo olhou de volta, e agora cabe ao nosso amigo decidir como reagir.

Caminharam até a praia enrolados nos moletons e acompanhados por uma garrafa de vinho. Sentaram em um banco de concreto, a poucos metros da faixa de areia, discutiram um livro colombiano sobre nada. A conversa convergiu para um navio encalhado, a velha embarcação pesqueira, tomada pela ferrugem, seu interior exposto ao mundo pelos grandes buracos no casco, mais um monumento singelo à deterioração. Não tinha mais nada lá dentro, o tempo já havia levado tudo embora. Lúcia disse que o navio lembrava “o galeão”, Matheus discorda, “um navio na praia é a coisa mais normal que existe, ao contrário do livro, lá, o galeão encalhado era um mistério por estar a quilômetros do mar”. “Se é tão simples assim, por que você não me conta a história desse nosso navio normal?”, “um dia, um navio saiu do porto de San Antonio no Chile, lotado de marinheiros mal encarados com tatuagens no rosto”, ele tomou um gole de vinho, “esses marinheiros destemidos, saíram para pescar atum, mas não era qualquer atum, eram albacoras de até 200 Kg. Uma das albacoras arrastou o navio para uma correnteza estranha, caiu uma tempestade, e os marinheiros acordaram encalhados nessa praia abandonada”, “e aí o que aconteceu com eles?”, “nada ué, vivemos em um mundo globalizado, subiram no primeiro avião e voltaram pro Chile”, “Eu não acredito nisso, um deles, pelo menos, ficou aqui, pediu para os outros notificarem sua morte, começou com serviços manuais por aí e construiu um mercadinho no fim da estrada.” Contrapõe Lúcia, sacando o vinho das mãos de Matheus, “até sofrer um acidente bizarro no mercado e morrer com menos de quarenta anos”, “isso! Ele teve o rosto amassado por um microondas, e agora fica por aí vagando e assombrando as casas da redondeza” Lúcia completou. Crianças brincando. De todos os acidentes reais e trágicos de barco, eles decidiram se esconder na ficção, Matheus poderia ter escolhido contar a história do naufrágio de 47, sentir o gosto da violência, 152 marinheiros mortos com seus parentes olhando na praia, mas fugiu para uma historieta trivial.

Mais tarde, naquela noite, depois da janta, Matheus lavou a louça com o pano no ombro, água fria por entre os dedos. A consciência transitando para um estado meditativo, você está sob uma cachoeira, água fria na nuca, pensamentos transitórios, olhos vítreos. Um homem preso dentro de sua memória, dentro da minha memória. Da cachoeira para o navio, as águas fortes, o atum se jogando contra a embarcação, pescas fartas, o som da tempestade se aproximando. Sal. Ele nunca havia estado em um navio, era um homem de imaginação, olhava para trás, à tela do cinema. O que eu quero dizer é que: mantinha seu distanciamento, sabia o que era real. Eu estava posicionado sob a câmera de vigilância da cozinha em um exercício para tentar encontrar a perspectiva do observador impessoal, me libertar da paranoia. A posição privilegiada me permitia pegar o resto de comida dos pratos ainda não lavados. Lúcia cortou o silêncio, dirigiu-se a Matheus: “Você não me ama mais”, “quê?”, “Você não me ama mais” ela repetiu, mais devagar, mais alto. Ele soltou o prato na pia, secou as mãos no pano, voltou ao mundo e foi em direção a ela, botou a mão ainda fria em seu ombro, o que causou um leve abalo na forma da mulher, ele se abaixou, olhou em seus olhos, falou para uma criança perdida: “É claro que eu amo, por que tu ainda pergunta isso?”, Lúcia levantou o rosto, não como o incêndio de antes, cinzas vulneráveis ao vento, “todos os lugares que a gente frequenta e já frequentou, um dia, vão fechar. Uma grande percentagem de todos os bebês que pegamos no colo vão virar adultos, uma percentagem menor vai abrir os lugares que os outros vão frequentar, eventualmente esses lugares vão fechar também. Qualquer coisa diferente disso é mentira, você mente”, “quando eu menti? Quando tu começa com essas metáforas insuportáveis fica impossível ter uma conversa coerente. Pessoas adultas não falam assim”, concluiu Matheus, as últimas cinzas se espalharam, “aé? Como as pessoas adultas falam então? Por favor e obrigado, esse não é o ponto da conversa, o que importa é que tu é um mentiroso”, o rosto de Lúcia se resignou ao sofrimento inescapável, algo em Matheus também mudou ao ver a luz se apagar, ele não suportou, virou a cara: “Não é mentira, eu achei que não ia acrescentar nada, não queria criar um conflito. Eu só quero uma vida tranquila, decido o que é melhor falar ou não, mas vai virando um labirinto, eu vou me perdendo e nem entendo mais o que te afeta”. “Tu mente...”, Matheus ficou em silêncio, contrariado, derrotado, porém Lúcia não apresentou sinais de vitória, continuou mordendo o canto do lábio. Esse é o resultado de batalhas, corpos apodrecendo em um descampado, enquanto eu consumo os espólios da batalha como um rei distante repartindo terras, ou larvas de moscas-varejeiras consumindo tecidos dos soldados.

Depois dos séculos que passamos em transe naquela sala, meu prazer é interrompido por um barulho alto vindo do banheiro, como o de uma cadeira sendo arrastada. “O que foi isso?” Lúcia exclama sobressaltada, Matheus corre até a origem do som. Ela segue, agarra-se nele enquanto olham para dentro do banheiro, buscando alguma resposta. A luz quente e amarela do ambiente principal morre no pátio, incapaz de vencer a luz

branca e estéril do banheiro. Matheus checa a descarga e a pia, não encontra a origem do som.

Lúcia não conseguiu dormir naquela noite, ficou sentada na janela do quarto principal, iluminada pela lua, olhou algumas fotos reveladas, nem ela nem o parceiro, que dormia na cama logo atrás, pareciam incomodados pelo vento frio que balançava as taboas. A expressão dela mudava ao folhear as fotos, não consegui conter a curiosidade, me arrastei pelo quarto até ficar próximo o suficiente para ter que segurar a respiração, para ela não sentir meu hálito na nuca. Mesmo assim, isso não me impediu de sentir seu cheiro, uma mistura de creme para o rosto e perfume, a foto, uma memória feliz padronizada do casal abraçado em um parque. Tinha algo naquele cheiro, que me levou para algum lugar distante, senti vontade de seguir, de aceitar ser hipnotizado por ele. Mais do que isso, eu já havia sentido aquele cheiro antes, mas há tanto tempo. Voltei para o canto do quarto procurando conforto, mas conforto não existe mais, o cheiro já invadiu a narrativa, a imparcialidade sumiu pelo nariz. Vi Lúcia guardar a foto e tomar algum remédio para dormir. O resto da noite passei sentado na mesa da sala buscando a origem do cheiro em uma vida tão velha que já não era mais a minha. Depois de vagar por essa terra, tudo começa a se misturar, os registros viram combinações aleatórias de letras jogadas em folhas amarelas protegidas por encadernações mofadas. Volumes e volumes de nada forrando as paredes da memória. Talvez em algum deles esteja a causa do desconforto, e ela nada mais seja do que uma memória feliz padronizada. Um eco de um sonho longínquo. Era isso! O cheiro das flores de cristal.

O sol nasceu solitário, sem nuvens ou vento, o que possibilitou aos habitantes temporários da casa azul-turquesa ouvirem o barulho do mar na distância. A praia ficava a pelo menos um quilômetro do terreno, mesmo assim a solidão do brejo permitia que os ecos das ondas transpassassem os muros. Quando você é jovem, cada nascer do sol é uma nova oportunidade a ser conquistada. Depois, com a idade, a natureza da repetição começa a te consumir, independente do que você faça, não tem como escapar. O sol sempre vai nascer. Mais tarde, essa percepção segue seu caminho natural, e o nascer constante do sol deixa de ser símbolo de uma prisão cósmica imaterial, e vira o retorno de um velho amigo, carregado de memórias nostálgicas. Mas a verdade é muito mais cruel, o nascer do sol não é uma certeza. A cada segundo, o sol perde uma fração de sua massa, a perda vai se acumulando e o sol encolhendo, cada dia mais fraco; a cada dia a segurança de seu retorno escapa um pouco, cada dia a certeza de seu renascimento mais vazia.

Lúcia “acordou” com um telefonema da empresa. Ela assumiu a postura que revelou no confronto com Os Proprietários, efusiva e eficiente ela gesticulou solucionando os problemas apocalípticos do cotidiano. Mesmo assim Lúcia ainda é Lúcia e ainda são

perceptíveis, nos cantos de seus olhos, as cinzas começando a se reagrupar para voltarem a ser lenha e virarem novo incêndio. Lúcia é o Sol.

“E aí? Como vão as férias?” perguntou Matheus, sentado no quintal dos fundos com sua fiel xícara de café e celular em mãos, no momento em que ela desligou o celular. “Ai, olha, parece que se eu ficar 15 minutos sem olhar o telefone a realidade inteira colapsa. Um dia desses vou receber um e-mail dizendo que o estagiário se envenenou com cafeína e teve uma parada cardíaca em cima do planejamento trimestral.” Ela completou. Matheus não contém a risada: “tu sempre sabe exatamente o que dizer, é impressionante.” Lúcia abriu um sorriso constrangido, porém leve: “Achei que eu não falava que nem uma pessoa adulta”. Ela puxou uma cadeira e sentou ao lado dele, sobre o sumidouro. “E, no mais? Gostando da casa? Se divertindo no panóptico?”, perguntou Matheus. “Só esperando a noite que os proprietários vão matar a gente e postar a gravação na internet”, ela respondeu. “Ia ter muitas visualizações, porque quando eu estou contigo meu sangue vira uma água doce cheia de peixinhos dourados na minha barriga”, ele se aproxima dela, leve e jovial. “Cala a boca, 3 anos juntos e tu ainda não foi tratar isso aí?”. Se beijaram por um instante, ela se afastou repulsa estampada no rosto, e empurrou com mãos gentis o homem enquanto fazia sinal negativo com a cabeça. Ele respeitou e se afastou, afundou na cadeira de onde saiu. “Já volto”; Lúcia por fim levantou e partiu dura em direção à casa, esfregava a boca e fazia que não com a cabeça. Ele permaneceu desconfortável, rodeado pelas câmeras de vigilância, complementares a cena, pássaros sobre fios de luz.

Matheus tentou se levantar, a cadeira parecia puxá-lo de volta, após uma segunda tentativa ele conseguiu descolar as costas do encosto de tela, ficou assim curvado, se balançando no móvel enquanto esfregava as coxas. Tudo isso durou alguns poucos segundos, ele decidiu seguir a mulher para dentro de casa. A casa permanecia estática, nada mudou, os mesmos móveis genéricos nas mesmas posições genéricas. As duas portas dos quartos e a do banheiro, todas fechadas, mas Matheus parecia seguir uma trilha, foi até o banheiro, escorou a cabeça na porta trancada. “Desculpa, não quis violar teu espaço. Eu só tô com saudade do teu beijo, sabe? Das tuas mãos no meu pescoço, o cheiro do teu cabelo. Aquilo que aconteceu no caminho. Eu sinto tua falta como um pinheiro velho sente falta da primavera”. “É muito fácil ser um pinheiro velho, se retorcer e implorar, difícil é ser primavera, difícil é fazer aflorar vida”, respondeu Lúcia por de trás da porta. A mulher saiu do banheiro, a ferida no canto da boca antes podia ser confundida com uma espinha ou alergia, mas agora salientada por uma gota de sangue seco aparente: “a gente ainda vai ter que ir no mercado”. Eles prosseguiram com o plano. Caminharam em silêncio pela estrada de terra até chegar no minimercado Júlia, era um espaço pequeno e quente, poucas prateleiras povoadas apenas com o essencial. Um pequeno ventilador rugia lá dentro. A atendente era jovem, cabelos pretos, usava uma camiseta rosa e mexia no celular. Ela fez pouco

caso do casal, provavelmente a Júlia homenageada no nome do estabelecimento, ou uma das suas irmãs. Recolheram comida para um dia ou dois, nada muito opulente, um pacote de massa, outro de arroz, pão e algumas outras amenidades para casa. Nossa Júlia hipotética olhou para a comida e exprimiu confiante um valor: “100 reais”. “Mas isso é um absurdo!”, respondeu um Lúcia surpresa, “preço de praia” Matheus tentou amenizar a situação, e estendeu a mão para tocar na de Lúcia, que se esquivou do contato, “tá bom, então tu paga” concluiu a mulher que saiu pela porta.

Homens de letras precisam de rotina, como construir e disseminar conhecimento sem disciplina e constância? Impossível. O homem de letras sacrifica o volátil disfarçado de liberdade para construir as fundações permanentes onde o espírito da história cresce e se propaga. Nenhum confronto catártico hoje, os dois apenas se abraçaram e discorreram sobre detalhes insignificantes de algum filme velho da TV a cabo. Duas ou três da manhã, algo rastejou para fora da van preta em direção à casa. Eu havia me posicionado na mesa da sala finalizando as anotações do dia, quando uma das janelas foi destrancada e aberta pelo lado de fora. Uma figura esguia entrou pela fresta, seus membros superiores compridos pareciam se arrastar pelo chão, um homem alto e corcunda. As olheiras profundas pareciam estar tentando engolir a armação prateada dos óculos pequeninhos colocados na ponta do nariz. Seu rosto era uma máscara, os ossos proeminentes e olhos inexpressivos, que pareciam incapazes de piscar, conferiam-no uma configuração cadavérica tradicional dos vilões do cinema. Usava um uniforme operacional do exército (9º-B2) ajustado ao corpo. Esse homem é conhecido como capitão Evangelista e chamá-lo de homem é um elogio, a forma estava muito mais para um espantalho. Caminhou até o armário da cozinha, substituiu o pacote de café por outro pacote exatamente igual, depois caminhou até o balcão do banheiro e substituiu também o remédio de dormir. Voltou até a janela seguindo o caminho exato que percorrera ao entrar, sem desviar um passo, parecia deixar um rastro no chão como uma lesma.

Essa é uma história sobre um formigueiro. As formigas dedicam horas para construir um formigueiro, gerações de operárias e quilos e quilos de calorias. Um dia uma chuva torrencial alaga a estrutura, destrói quase tudo. As formigas, por sua natureza, começam a reconstruir, gerações e gerações, quilos e quilos. Um homem que por ali passava, parou para observar. Todo dia ele volta e observa até elas terminarem, ou decidir que elas terminaram. Quando isso acontece, ele joga alumínio líquido por dentro do buraco. O alumínio se liquefaz a uma temperatura de 660,3 graus Celsius, vocês conseguem imaginar o quão desagradável deve ter sido para as formigas. O alumínio resfria rápido e mantém um molde da colônia que pode ser vendido por cerca de 120 dólares. Uma pilha de cigarros começava a se amontar em um ponto de observação vantajoso perto a casa.

Capítulo 3: Extraído do diário de sonhos da Lúcia

Lúcia tem um hábito interessante: todo dia de manhã, depois das noites conturbadas, ela anota os sonhos em um caderno de capa preta intitulado “Diário de Sonhos” proponho uma leitura conjunta:

“Palavras-chave: carro; sumidouro; pássaro morto; caixa de presente; espingarda; casa velha; vô; quintal;

Descrição: estou sozinha no pátio da casa da praia, tudo escuro em volta, o centro iluminado por holofote. O sumidouro abriu e o carro está enterrado até a metade na terra. A buzina está tocando como se algo estivesse pressionando. Caminho até lá devagar, chão parece deslizar. Tudo sendo puxado para dentro. A porta do lado do passageiro está aberta, entro no carro. Do lado do motorista o banco está abaixado empurrando uma caixa de sapatos contra a buzina. Tiro a caixa da buzina e levanto a tampa. Dentro um embrião de pássaro morto e uma aliança. A aliança era de prata, escrito MATHEUS e LÚCIA. Depois uma cena na fazenda velha do vô. A casa velha recém reformada, muito bonita. Vô bem novo no quintal atirando com a espingarda tentando acertar os passarinhos que são feitos de ouro e reluzem no sol. Ele me alcança a espingarda, no sonho ainda sou criança, miro em um dos pássaros e quando puxo o gatilho acordo.

Interpretação: ... ”, terei de cortar esse último pedaço, copiá-lo aqui seria muito invasivo de minha parte. Além disso, não podemos permitir que cordeiros programados para o abate expressem os próprios sentimentos, isso os humaniza demais.

Esse último parágrafo foi escrito dentro da casa de veraneio ainda, agora, mais tarde, percebo a crueldade de minhas palavras. Mesmo assim decidi mantê-lo, não posso negar aos habitantes do futuro minha obra em sua forma mais completa.

Capítulo 4: Nossa Senhora de La Salette

Cerca de 30 minutos depois de uma deliciosa xícara de café, Matheus decidiu tomar seu banho matinal. Ele ligou o chuveiro elétrico, esperou a água esquentar. Ele se olhou no espelho, nu. Suas mãos sempre pareceram mais velhas que o resto do corpo, era uma característica de sua família, foi conhecido como múmia durante o colégio. Nunca havia se importado com o apelido ou com o envelhecimento precoce da pele, mas agora os dois se espalhavam pelo corpo inteiro. Só de lembrar das mãos murchas e enrugadas passando pelo corpo de Lúcia me sobe uma vontade de vomitar. Ele entrou no box de vidro enevado pelo chuveiro quente, lá dentro tudo se tornou um teatro de sombras, a forma do homem lavou debaixo das axilas, passou shampoo. O som de cadeira arrastada se repetiu, a forma saltou, fugindo da água suja que subiu do ralo. Apesar do susto inicial, por de trás da cortina de névoa, Matheus, fascinado pelo som, se ajoelhou no chão, retirou a tampa do ralo e enfiou o braço até a altura do ombro. Do lado de fora, eu vi sua silhueta branca contraída de joelhos, uma cascata de

água quente caindo sobre o centro das suas costas. O braço puxa com toda força, mas não é suficiente, mais um pouco de contorção e o outro braço entra no ralo; ele corrige a postura, não mais de joelhos, firma os dois pés no chão como um sapo, e puxa. Caiu sentado com alguma coisa nas mãos, lavou o objeto em água corrente. Desligou o chuveiro, e esqueceu a porta do box aberta, Matheus voltou ao mundo dos vivos mais sujo do que antes e segurando uma estatueta de santa. Uma criança de trinta e poucos anos suja de lodo e com o pênis murcho para fora.

Ainda molhado saiu correndo porta afora se batendo nas paredes, uma corrida desastrada, um peixe se debatendo, fazia mais ou menos 60 minutos desde que havia tomado café, as funções motoras começaram a ficar mais complexas: “LÚCIA, LÚCIA, AMOR, RAINHA, DEUSA, OLHA O QUE EU ENCONTREI”. Ele escancarou a porta do quarto só para encontrar a companheira deitada semiconsciente na cama. Ela murmurou alguma coisa e esfregou os olhos, quando ela compreende a cena aperta os olhos, “eu deveria ter ficado dormindo”. Matheus nem escuta em meio a sua empolgação. “ACHEI ESSA ESTÁTUA DE SANTA NO RALO, OLHA”. A santa em particular era uma das infinitas nossas senhoras espelhadas pelo mundo, uma mulher sentada e curvada com as mãos sobre os olhos, chorando. Não era uma santa de perdão ou vida eterna, era uma santa de sofrimento. A estátua em particular era do tamanho de uma xícara, e na pintura podia se identificar os mantos brancos e cor de creme, além dos detalhes vermelhos na coroa e nas costuras. “É uma nossa Senhora de La Salette, mas quem sabe tu não vai se secar e se vestir primeiro, amor da minha vida?”, Matheus olha para o próprio corpo e com olhos brilhantes de sabedoria eterna volta correndo para o banheiro, “Traz um pano para secar o corredor” gritou Lúcia, mas o homem já estava sob o chuveiro abraçado a santa. Ele foi capturado pelo seu reflexo anuviado. A imagem tomou a forma de um homem forte, com seus vinte e poucos anos, tatuagens no rosto. O homem dentro do espelho sacudia com o fluxo contínuo das águas do mar. Seus olhos eram mansos, seu semblante pacífico. “... And Jesus was a sailor when he walked upon the water”, cantarolou Matheus, abriu as narinas procurando o sal do mar, com a mão esquerda segurou a estátua da Santa como à uma criança e a mão direita estendeu para o homem, Mateus queria andar sobre as águas como seu senhor.

À mesa, os dois comem separados pela estátua. A cabeça da Santa virada para Lúcia, ela não conseguiu desviar os olhos, se mexeu na cadeira à procura de um conforto que não existe na madeira sintética. “Pode tirar isso de cima da mesa, estava dentro do ralo”. Os olhos de Matheus brilharam, passou por um despertar espiritual. Gostaria de fazer uma pequena homenagem a Matheus agora que ele começou a perder suas faculdades mentais. Cada vez que tomou um gole do café contaminado, a dosagem do psicotrópico aumentou em seu sangue. Coloque-se no lugar dele, como realizar as tarefas simples do dia a dia com as paredes colapsando ao seu redor? Deixo um

epitáfio ao homem que se esvai: “Matheus, nunca passou por alguma grande dificuldade, viveu sem grandes aventuras, nasceu em Porto Alegre, no leito de uma família que o amou profundamente; estudou em colégios normais e em uma boa faculdade. Nunca entendeu o motivo das suas atitudes, viveu sem saber o porquê, vagando como todos. Além disso, temos os detalhes: sua preferência por camisetas de tons pastéis, o gosto por jaquetas sem capuz, como ele dobrou as roupas dentro da mala (todas em um aglomerado as camisetas dobradas na vertical e as calças na horizontal), seu apreço por adereços de camping (apesar de sofrer de alergias de pele ao entrar em contato com a grama), e as memórias que carregou da infância. Nas suas últimas horas de vida, eu tive o prazer de saborear todas essas coisas que se perderam. No fim, apenas seu senso de autopreservação e uma confusão completa”. Ele respirou fundo e olhou para a mulher: “mas ela tem tantas coisas lindas para nos ensinar, tudo o que você precisa é abrir o coração”. Lúcia sorri, “então, o espírito que possuía a santa, começa a arrastar as coisas pela casa”. “Não achei isso engraçado”, Matheus responde com o olhar de um homem que encontrou Jesus dentro de uma cela. As cadeiras pareciam ser feita de espinhos agora. “Tá falando sério, essa estátua me lembra da minha mãe, tu pode tirar da mesa enquanto comemos?”. “Posso, é claro” Matheus decepcionado, acolheu o objeto com a mão esquerda acalentou a imagem rejeitada. Senti vontade de quebrar alguma coisa, arrastar algum objeto pesado, mover a cena para frente, mas isso seria desonesto com os atores. É uma regra não escrita do teatro: não podemos levantar da plateia e tomar o palco, contorcer os textos imateriais as nossas vontades. Mas dentro de nossas belas cabecinhas redondas, eles podem ser moldados, tudo pode significar alguma coisa. Sem plateia, as conversas são incompletas. Como dissecar e transmutar as palavras em símbolos? Fico feliz de ter estendido a dádiva da plateia a essas duas pessoas. O prazer de ser racionalizado, compreendido, interpretado e abstraído. Viver, nem que seja por meros instantes, nas cabecinhas redondas de seus semelhantes. Por no mínimo a duração desta página, Lúcia e Matheus coexistem com as memórias mais preciosas daqueles que se propuseram a lê-las.

A consciência não foi embora toda de uma vez, existiram janelas de sobriedade, intervalos cada vez menores de chão estático e ideias no lugar. Na estrada de terra, que levava ao mercado, os passos deles camuflaram os meus. O céu fulguroso, rasgado pelo azul. Fomos presenteados com um belo entardecer. O silêncio foi interrompido por Matheus : “E aí, o que vai querer comer hoje?”, “Sempre pensando em comida. Um verdadeiro herdeiro grego” Lúcia fala devagar e sorri, um par de quero-queros brinca na grama atrás de uma fina cerca de arame farpado. “Eu sempre a tentar dissipar as iras dos reis enfurecidos, e a querer que tu ficasses”. “Da onde é isso?”, “Isso o quê?”, “ O que tu acabou de falar sobre reis enfurecidos.” “Deve ser de alguma coisa que li”, “quando foi a última vez que uma ideia original passou por essa cabeça de balão?” Lúcia tocou o pescoço de Matheus ao terminar de falar, ele sorriu e

beijou-lhe o rosto em resposta. A estrada parece um pouco menos deserta. Seguiam dispostos a caminhar juntos. O interior do minimercado Júlia era escuro e claustrofóbico, como um sarcófago. O tempo se distorceu lá dentro. Entre a concepção do movimento e o toque no pacote de massa-parafuso, as mãos, de uma Lúcia em câmera lenta, flutuaram no vazio por uns dez segundos. Matheus por outro lado carregou seu cesto de compras com tudo que conseguiu alcançar, a alça curvou com o peso dos insumos. Lúcia, havia sido capturada por uma foto. Uma mulher fantasiada de esposa tradicional dos anos 50 estampada em uma embalagem de molho de tomate. A moça do rótulo trajava um complexo vestido de poá laranja, em que as bolinhas eram pequenos tomates em branco, ela sorria sem os olhos.

A atendente do mercado era jovem, cabelos loiros descoloridos, usava uma camiseta rosa e mexia no celular. Ela fez pouco caso do casal, provavelmente a Júlia homenageada no nome do estabelecimento, ou uma das suas irmãs. Continuava quente lá dentro, em contraste com o vento do inverno, que balançava a grama alta. Um pequeno ventilador rugia, o barulho era muito superior ao conforto oferecido. O estranho casal se aproximou do balcão emergindo de qualquer sub-realidade em que estiveram se afogando até agora. Matheus faz algum comentário sobre a época em que trabalhou em um navio pesqueiro com Jesus. Se iniciou uma interação absurda, a moça olhou para os dois, olhou para os produtos, e chutou um valor arbitrário de 100 reais. Apesar da minha ignorância mundana, percebo que aquela quantidade de produtos capaz de torcer um cesto de compras custaria muito mais do que a quantia estipulada, Lúcia percebeu também, mas dessa vez ficou em silêncio. No caminho de volta, muitas compras se perderam em função da ineficiência das sacolas plásticas oferecidas no minimercado Júlia. A mudança no peso carregado não foi percebida. Por semanas os pássaros e roedores endêmicos da região se banquetearam com os pacotes de chocolate, arroz e demais insumos em embalagens plásticas, as latas rolaram pela terra, inacessíveis.

À noite, depois de Lúcia tomar seus remédios e visitar a terra dos sonhos inquietos, Matheus ficou sentado ao relento, procurando em uma coleção do novo testamento de bolso —achado em uma das gavetas do quarto — algum relato sobre a sua nova Santa padroeira. Ele parecia convencido que havia sido vitimizado por um milagre. As estrelas tinham se alinhado, ele havia sido escolhido para um propósito maior.

No dia seguinte, a casa estava tomada pela ansiedade. Eu não conseguia ficar parado, ia de um lado ao outro, procurando o melhor ângulo para observar os eventos iminentes. Ainda não tinha certeza se a droga era apenas um psicotrópico ou se a cabeça do rapaz implodiria. Ele continuou o fluxo dos seus estudos bíblicos, ainda sentado sobre o relento, imóvel, o orvalho se acumulou em seus ombro. Recitava partes de uma oração que não conhecia a plenos pulmões: “Lembraí-vos, Ó Nossa Senhora da Salette, das lágrimas que derramastes por nós, no Calvário”, os grilos

acompanhavam o som. Apenas os lábios se moviam. Não era uma Nossa Senhora aquática, seus colegas de embarcação já haviam pontuado isso, Jesus falou antes e justificou que para os olhos de Deus, a terra e o mar nada mais eram do que mecanismos para a desenvoltura da vida em sua completude. Nos olhos de Matheus enxerguei um farol, a luz brilhava cada vez mais frágil, engolida por névoa. A oração meditativa do homem era uma reza de desespero. Implorava por luz, pelo farol. Enquanto focava na vastidão a frente da poupa, no céu negro consumido pela tempestade, no vácuo da névoa, o companheiro das tatuagens no rosto falava alto. Frio olhava Jesus nos olhos. Ali naquele navio não existiam romanos, não existiam dez moedas de ouro, para o homem das tatuagens no rosto, tudo era só ódio. Em seus ombros carregava uma pesada inveja que só o filho de Deus poderia causar. Ali naquela embarcação brincando de homem, estava o sacro, a carne divina, para ela eram tão insignificantes os salários, os aluguéis, a ressurreição da carne, a remissão dos pecados, a família abandonada. Como não odiar alguém assim? Um menino-deus, um déspota, brincando de sofrer. Enquanto os lábios sacros ofereciam sua última migalha de sabedoria, o homem das tatuagens no rosto, o sobrevivente do naufrágio, que abriria uma loja e morreria esmagado por um microondas, levantou seu punhal. O homem das tatuagens no rosto esfaqueia Jesus. O corpo é atirado do convés, devido às propriedades místicas da carne, não afunda, fica estático sobre as ondas raivosas, como se tivesse sido largado sobre um assoalho. O rosto de Lúcia se contorceu ao ouvir as preces. Ela interrompeu o companheiro “onde você aprendeu essas palavras?”, as mesmas que foram repetidas para ela durante toda sua infância. Ele, educado, responde que leu na internet e que passou a noite inteira procurando alguma evidência de alguma aparição “milagrosa” da santa. Talvez, o ‘farol’ tenha sido apenas o brilho da tela refletido no olho. Eu estava errado, ele não se achava um escolhido, mas meus equívocos duraram pouco, as forças externas haviam agido. O roteiro já estava pronto, fechado nos próprios temas, voltado para o pátio traseiro, atraído pelo sumidouro.

Por volta das 11:30, a oração já havia se convertido em um mantra, um zumbido que impedia a concentração. Lúcia estava incomodada com o som, e preocupada com a sanidade do parceiro foi verificar sob o pretexto de levar o almoço. Ele suava muito, tomado por um calor febril, exalava um miasma de doença. O homem viu a comida, parou de zumbir e se curvou para comer. Pequenas garfadas, mastigou por muito tempo, engoliu como quem engole vidro. Lúcia estava absorta pela mastigação quando foi convocada para dentro de casa pelo toque do seu telefone celular. O prato escorrega das mãos do homem e rola até o sumidouro faminto, que engole a porcelana. Matheus grita por Lúcia: “VOCÊ ESCUTA? VOCÊ ESCUTA?, OS GRILOS VIRARAM APLAUSOS”, nessa hora o brejo estava silencioso, sem grilos e muito menos aplausos. Ela pediu licença para a voz no telefone, foi para o pátio o homem havia se movido e estava com a orelha direita colada no chão. Nos olhos o peso da

noite mal dormida. A pobrezinha Lúcia, começou a se deixar levar pela ansiedade, ali por umas oito, quando ajudou Matheus a chegar na cama, percebeu que não ia conseguir dormir sem seu remédio. Antes de pegar no sono, Matheus ainda olhou para cima e agradeceu: “obrigado Maria”, Lúcia saiu do quarto humilhada.

Ao contrário do clonazepam da cartela original, a nova versão alimentou a insônia de Lúcia, ela passou horas sentada no chão do ambiente principal cercada por fotos espalhadas. O cheiro de terra molhada precedeu a chuva, que chegou abrupta, e levou consigo as luzes elétricas. A mulher acendeu velas encontradas na dispensa. Mesmo depois do lamento alto vindo do pátio, ela demorou alguns minutos até se levantar. A princípio pensei que fosse um grito, mas era na verdade um uivo alto, sofrido, e logo foi acompanhado pelo som de patas arranhando a porta. Ela destrancou a porta da frente como se já soubesse o que estava do outro lado, entrou um pastor alemão encharcado, coberto de barro e sangue. O visitante fez questão de deixar um presente na entrada, uma mistura de pelos brancos e entranhas, os resquícios de um pequeno cordeiro despedaçado. Lúcia abraçou o cachorro e acariciou o pêlo imundo com o máximo de ternura possível, movimentos lentos intercalados com puxões mais agressivos nos fios emaranhados. E lá permaneceu, desembaraçando nó a nó, de frente para o cinza do mundo emoldurado pela porta aberta. A chuva tirou um intervalo longo o suficiente para tornar o tímido sol visível. Por alguns instantes o céu ficou azul-turquesa, como se a casa tivesse se expandido e apagado todo o mundo exterior, depois o cinza toma conta. Tudo que restou foi a casa, uma arca flutuando na imensidão vazia. Nessa versão do mito, a chuva nunca parou, Noé e todos seus amigos felpudos ficaram lá para sempre até esquecerem do cheiro da terra. Nessa versão, enquanto os animais dentro da arca começaram a comer uns aos outros pela falta de comida, os peixes cresceram cada vez mais, aumentando a biomassa em cada nível trófico dos mares, os predadores cresceram, e finalmente, depois de gerações de seleção natural, a besta de sete cabeças ficou grande o suficiente para devorar a arca. Mais algumas horas passam até os dois seres dormirem abraçados no chão.

Nove e meia da manhã, Matheus emergiu exausto do quarto, um dia cansativo e uma noite pouco restauradora tendem a ser combatidos com café. Filtro de papel, 3 colheres e meia de café extraforte para meia cafeteira de água, ligar. Enquanto preparava o café, sentiu alguma coisa roçar em sua perna, o pastor alemão calcinado pela lama. O homem pulou assustado e esbarrou em uma jarra de vidro que se estilhaçou no chão. Olhou em volta, primeiro fechou a porta e depois pegou a mulher no colo, carregou-a nos braços, seguiu o caminho do quarto. O animal acompanhou a procissão, sua forma distorcida carregava a lembrança da chuva que começou a estiar. O homem deixou a companheira na cama, voltou ao cômodo central e pegou a xícara de café recém passado. Essa xícara em particular foi consumida por um alguém que observava fotos espalhadas em círculo pelo chão.

Capítulo 5: Extraído do diário de sonhos da Lúcia 2

“Palavras-chave: fotos; vô; Matheus; terno; casa velha; espingarda; escuro; frio; casa da praia.

Descrição: Deitada na cama da casa da praia, não sei se acordada ou dormindo, Matheus do meu lado. Batidas fortes na porta, ressoando como um tambor. Um homem de terno sai de dentro da parede. A cabeça coberta por um pano escuro meio transparente. No paletó dele estão costuradas as nossas fotos reveladas. O homem começa a rir, a risada dele é muito forte, o corpo inteiro começa a tremer. As paredes começam a tremer. A casa desmorona, de dentro do sumidouro tentáculos de lama puxam os pedaços para dentro. Somos puxados, eu não acordo. Parece que estou me afogando. A lama entra pelo nariz, pela boca, olhos e orelhas. Uma coceira engraçada, lama dentro do umbigo. Estou no pátio de entrada da casa do vô. Dessa vez as paredes mofadas, começando a cair. O vô ainda com a espingarda. Ele olha para baixo, está com o rosto de Matheus. O homem do véu preto vem caminhando na nossa direção. O vô atira, mas a arma explode nas mãos dele. Volto para casa da praia, meio sem acordar, presa na cama. Paralisia do sono. Vejo um homem magro, alto e nojento, usando um paletó preto sujo sem gravata.”

Essa última frase clarifica que, apesar da escrita sequencial, adicionei os diários na revisão final. Se eu tivesse lido o diário logo depois que ela terminou de escrever, com certeza teria retrucado tamanha grosseria com minha pessoa. Seguimos ao texto:

“O homem é esquelético e careca no topo da cabeça, mesmo assim deixa o cabelo do lado da cabeça crescer até embaixo do ombro. A barba imensa também, quase passando do peito. Ele sorri com todos os dentes podres, e acena com as unhas amarelas.

Interpretação: ... ”

Capítulo 6: A Estrutura

Depois de quebrada a impotência, ela caminhou até a cozinha e tomou mais duas cápsulas tentando recuperar o sono. Matheus, por outro lado, sentado à mesa, na mesma cadeira em que eu sentei na noite em que o espantalho entrou pela janela, rabiscou algo em uma folha A4. Seus olhos estavam pesados, olhando para um vazio, para o mundo sem ondas, sem navios. Ele ainda insistia que as ideias surgem analógicas, do pulso, e não de uma abstração cibernética. Senti-me repugnado, como ele poderia ter a mesma conclusão sobre as ideias que eu? Era como observar ratos montando microprocessadores. Mesmo que sua produção fossem rabiscos, saber que ele tinha os mesmos recursos que eu, e alcançou sozinho o primeiro degrau de uma estrutura de abstração na qual me encontro no topo é assustador.

E assim o dia se arrastou, Matheus desenhando acompanhado da santa e da xícara de café, Lúcia saía do quarto para um refil de remédios, uma nova tentativa de pegar no sono. O cachorro que desistiu da independência roçava nas pernas do aspirante a artista gania de fome. O som do ganido provoca uma contração e as mãos soltam o lápis, a narrativa volta para o presente, “você sabe como anda difícil para mim escrever, pode respeitar o meu espaço, por favor” os lamentos continuam. “O que você quer dizer?”, a fome do animal se converte em rugidos de raiva, “eu não caio mais nesse teu jogo de se fazer de coitado incomodado, para eu ir atrás, não sou mais inocente como eu era antes”, o cão late, Matheus pula da cadeira, a boca em um biquinho de raiva, e pisa no crânio do bicho, uma, duas, três vezes. Não é suficiente para matar o pastor capa preta que continua respirando baixinho, sem incomodar mais. Lúcia foi em busca de mais uma cápsula, não notou a gosma vermelha no chão. Matheus continuou rabiscando no papel, o biquinho permaneceu. “Me fez perder a porcaria da inspiração”, se direcionou para o pátio externo, para o sumidouro.

Mais da metade da cartela foi consumida, assim como a vontade de tentar dormir. Ela voltou para o cômodo principal. Se posicionou no balcão da cozinha. E começou a trabalhar, preparando a comida sem parar. Mecanicamente transformando todos os ingredientes das sacolas sem rótulo do minimercado Júlia. Picando, fatiando, descascando. O cheiro do alho e cebola refogando domina o ambiente. O homem sentindo o cheiro grita: “Ai! mas Vênus, quando é branda, não há deusa mais graciosa!”. Refogando, fritando, assando. A noite cai. Picando, fati... o sangue brota de um corte na mão, se mistura na cebola, retoca o pimentão. Lúcia olha vidrada para o sangue rubi fluindo pelo dedo indicador, depois, gira sobre os calcanhares, olha para o centro do cômodo. Direto nos meus olhos. “Quem é você?” A realidade colapsa. “Quem? Eu?” pergunto por entre os dentes supostamente podres e a barba supostamente nojenta. Sim, eu pergunto, eu falo, por alguns segundos, existo. Minha voz sai árida. “Como você entrou aqui, pela janela?” ela diz pífia, minúscula. Eu avanço, meu coração derretido por ter sido notado, eu odeio os olhos do centro dos corredores, mas os dela, o incêndio do seu rosto me chama. O cheiro das pétalas. Passo com a perna direita por cima da carcaça pseudo viva no chão, depois com a esquerda “Não, minha querida, eu sempre estive aqui, você só não conseguia me ver. Eu sou Giges, a propósito, muito prazer”, à distância de um braço, encurralada contra a bancada, ela agarra a faca que antes a feriu, “e, você, minha querida? o que vai fazer com isso, eu não vou te machu...”. Ela desfere um golpe contra mim e grita. Por pouco eu desvio. Matheus entra correndo abraçado na estátua da Santa. Não lembro quem começou a rezar, estava em um estado de graça, após ascender aos céus através dos olhos do Sol, mas os dois abraçados e em uníssono:

“LEMBRAI-VOS, Ó Nossa Senhora da Salette, das lágrimas que derramastes por nós, no Calvário. Lembrai-vos também dos cuidados que, sem cessar, tendes por vosso

povo, a fim de que, em nome de Cristo, se deixe reconciliar com Deus, E vede se, depois de tanto terdes feito por vossos filhos, podeis agora abandoná-los. Reconfortados por vossa ternura, ó Mãe, eis-nos aqui, suplicantes, apesar de nossa infidelidade e ingratidão. Não rejeiteis nossa oração, ó Virgem Reconciliadora, mas volvei nosso coração para vosso, Filho”

Matheus enterra a cabeça no seio de Lúcia, que apesar de aterrorizada, assume a figura de defensora contra os grilos imaginários que viram aplausos. O dedo cortado deslizando pelo cabelo liso, o sangue endurecendo os fios. “Você disse que não conhecia a santa”, “Você me apresentou”, “Como sabe a oração então?”, Matheus levanta a cabeça, os olhos prestes a ceder, “achei na internet”. Como eu invejei aquela criatura ignóbil desfrutando de todas as flores do mundo nos braços daquela mulher. Quanto a nós, eu e o resquício do pastor alemão, restava o frio dos vivos que se esvai a cada respiração. A comparação é suficiente para me trazer de volta a imparcialidade percebida, de volta para a narrativa coesa, a fábula com moral. O retorno à consciência me permite ver o beijo apaixonado que já havia começado alguns instantes atrás.

A fim de respeitar a privacidade do nosso gado de prestígio, pularei os detalhes sórdidos e a história continua com os dois sentados nus na cama com as pernas entrelaçadas. “Eu me sinto cansado, todo dia parece que eu me arrasto para fora da cama, cada dia fica um pouco mais difícil, a gente dorme, mas eu não descanso, sabe?” Lúcia ri, cruel, não é mais a mesma, ou talvez nunca tenha sido. “O que foi?” ele tenta parar o som estremecedor da risada, a estratégia funciona, mas a resposta talvez tenha sido ainda pior. “Se eu não tomar um remédio tarja preta antes de dormir eu tenho alucinações e insônia. E você se sente cansado? eu vi você nos meus sonhos, um homem que me persegue no canto do quarto de pé, sussurrando na cozinha. Eu não sei em que planeta você vive, parece que eu converso com uma criança”. “O que você quer dizer com isso? Para de usar meias-palavras”; o imperativo sai da boca de Matheus como uma súplica, e Lúcia adiciona mais um prego no caixão. “Que meias-palavras? Você é uma criança de 35 anos que achou uma estátua no ralo do chuveiro e saiu carregando por aí igual mantinha. Eu não estou assim porque eu vi um homem estranho no canto da sala ou qualquer porra do tipo. Eu estou assim porque fiquei com medo, e a única solução que eu encontrei foi transar com você, com esse seu corpo nojento. Não sei porque eu dou para você e eu não entendo como pode ser possível você ter achado uma pessoa diferente de mim que faz a mesma coisa, seu traidor nojento”. Matheus se recompõe, absorve a ira e responde solene “vai ficar tudo bem”. Lúcia se desfaz em lágrimas murmurando: “porco, porco nojento, eu não sou assim, eu não era assim, você me deixou assim”.

“Não foi só uma”. O biquinho se manifesta. “Quê?” “você disse que não entendia como uma mulher diferente de você tinha sido capaz de transar comigo. Pois bem, meu amor, não foi só uma”. Em algum momento durante essa conversa, o cachorro morreu

na sala. Lúcia fugiu do quarto. Matheus foi até a janela, vitorioso, e fez com as mãos como quem fuma um cigarro. Não precisou esmagar o crânio do amor de sua vida; a violência foi diferente, emergiu da vulnerabilidade. Na sala principal, Lúcia consumiu o que restou da cartela de uma vez só, tentando apaziguar o sofrimento eu presumo, mas, graças a Deus, a droga administrada não permite overdose: quando a dosagem excede a capacidade do corpo, o químico sai na urina. Uma maravilha da natureza. As luzes da cozinha embutida se acendem, e lá vamos nós de novo. Picando, fatiando, descascando, refogando, fritando, assando, picando, fati..., Picando, fatiando, descascando, refogando, fritando, assando, picando, fati..., Picando, fatiando, descascando, refogando, fritando, assando, picando, fati...

Amanheceu frio, com geada. Uma capa branca sobre a terra móvel do fim. Entre as batidas da faca de aço inoxidável da pia, era possível escutar batidinhas mais suaves, pequenas lágrimas caindo do rosto da mulher, que havia parado. Um banquete fora preparado durante a noite: todas as cerâmicas, vidros e plásticos disponíveis repletos de comida de todos os tipos. O rancho de alguns dias atrás convertido em sobremesas, carnes, acompanhamentos, molhos e tudo mais. Tudo com algumas gotinhas de sangue que ainda brotavam dos dedos da cozinheira. Sangue e lágrimas em uma pia de cozinha, alguma metáfora escondida em algum lugar. A cama começou a ficar desconfortável para Matheus, que se levantou e vestiu-se com a primeira roupa que encontrou no armário. Um paletó. Depois ele caminhou para a sala principal pela última vez. Na minha memória, vejo o corredor infinito e ele caminhando para frente, abraçado à estátua em um movimento eterno sem nunca chegar à porta, sempre em frente.

“Desculpa por ontem, falei demais. Mesmo a tua atitude sendo péssima, e tu não sendo capaz de respeitar o meu espaço, eu me passei, falei coisas que não deveria ter dito. O passado é só o passado, não uma arma. Tu tem que reconhecer o que eu faço pela gente, tudo que eu ergui, enquanto tu te retorcia e chorava pelos cantos da casa. Eu não me importo de dividir os frutos do meu trabalho contigo, mas exijo gratidão. Um toque carinhoso, não sexo, mas sem dúvida eu sinto falta, muita falta de sexo, eu sinto saudade de ti sabe?” - O homem fala chegando na cozinha. “Sabe de uma coisa, eu acho que entendi o que falta. Por que tudo anda tão diferente, sei o que preciso fazer para voltar, é sobre o que você disse outro dia” - responde Lúcia, e ele se aproximou como que para beijá-la - “O que eu disse?” - essas foram as últimas palavras de Matheus. “Aquilo dos peixinhos na barriga, eu tenho que pegar de volta”. Tudo aconteceu muito rápido. As mãos ensanguentadas de Lúcia agarram a faca com força, e cortam a barriga de Matheus. O sangue começa a escorrer e o homem, agora com os intestinos à mostra, se desvencilha da arma e cambaleia para trás. Lúcia salta tentando terminar o trabalho, mas tropeça no fio do micro-ondas que acaba caindo em sua cabeça. Matheus aproveita e foge da casa. Vai em direção ao carro azul-turquesa, segurando os intestinos. Ele tenta entrar no veículo, mas a porta está trancada. Volta

correndo e se enroscando nos próprios pés. Volta para dentro da casa em busca da chave do carro. Encontra e retorna, ao Peugeot deixando um rastro escarlate, como uma lesma. Conseguiu destrancar o veículo, sentou no banco do motorista, girou a chave, deu partida. Esqueceu de abrir o portão do pátio, o choque atíçou a curiosidade dos seus intestinos em relação ao mundo externo. Mesmo assim, Matheus conseguiu sair do carro, passou pela fresta do portão retorcido e correu mundo afora como uma galinha sem cabeça.

A van preta o seguiu para garantir que ele não fosse muito longe. Matheus passou seus últimos segundos chorando e gritando, correndo por instinto, sem saber aonde ir. Ele caiu no chão, nem mesmo a adrenalina o manteve de pé. Eu estava ao lado dele quando o brilho nos olhos ficou fosco. Tenho certeza de que ele me viu nos últimos momentos, pois estendeu a mão e morreu apontando na minha direção. Da van preta desceram dois “homens” - Tenente 1 e Tenente 2 - que arrastam o corpo. “Está morto, joga de volta pra casa, os caras limpam depois”. De volta ao cômodo principal, no chão, maculando o belo piso branco, uma releitura da santíssima trindade: Lúcia, O pastor-alemão e Nossa Senhora de La Salette, os três com a cabeça arrebitada. Cheguei alguns minutos depois dos saprófagos que trabalhavam desmontando a cena. A voz metálica do Capitão Evangelista invade o espaço: “Vou checar as câmeras, preparem a casa para o time de limpeza, vocês sabem o que fazer”. Os dois Tenentes levantam o micro-ondas do chão, a queda do móvel deformou o piso abaixo da cabeça de Lúcia. Tenente 2 escorrega no sangue e deixa o equipamento cair de novo, mais uma rachadura. Lúcia reage ao som, emite um grunhido, o seu peito sobe e desce devagar. A vida prevalece. Evangelista se contorce incomodado com o som do eletrodoméstico batendo no chão, fuzila os dois subordinados com o olhar.

“Por que tu tinha que fazer merda, cara? Pelo amor de deus era só levantar um micro-ondas” - reclama Tenente 1, os dois carregavam a mulher noite adentro. “Tava cheio de sangue no chão, e minha bota tava engraxada” - Tentente 2 tenta se justificar, “olha, não sei como um idiota que nem tu deixou de ser aspira, agora entra no carro e amarra ela direito, por favor” retruca Tenente 1. Lúcia emitiu sons pelo percurso inteiro, tentou se comunicar, formar uma palavra, mas não conseguiu, apenas gemia e respirava pesado, como que roncando. Assim como o corredor infinito que Matheus transpassou para chegar até a sala, Lúcia agora era conduzida por um corredor infinito, demarcado na noite pelos faróis da van preta.

Vindos de um sonho, os dois tenentes recém-saídos da puberdade — assassinos com cara de criança — caminhavam sem sair do lugar, afundando cada vez mais na estrada. Memórias são falsas. Amarraram Lúcia deitada na traseira do veículo. Fiquei tentado a subir junto, mas não tive coragem. Só de imaginar toda aquela comida na cozinha, meu estômago se contorcia de fome. O que eu havia observado estava além das minhas expectativas, era necessário reagrupar, botar as ideias no lugar, e nada

melhor do que um banquete para ruminar. O Capitão revelou aos tenentes que havia desligado a luz da casa. Inconcebível deixar toda aquela comida estragar: todo o trabalho árduo das últimas horas, partenogênese da loucura. Minha boca salivava cada vez mais, eu já estava ansioso para a partida deles, para me debruçar e comer, não seria nem capaz de pegar em talheres, comeria tudo com as mãos e com pressa. Eles se foram e eu saltitei para dentro da casa.

E lá dentro eu comi, como prometido, com as mãos. Muito da comida estava contaminada com sangue e fios de cabelo. Nesse momento remeto à liturgia: “Tomai, comei, isto é o meu corpo. Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados”. Passei a noite abraçado ao vaso sanitário em um estado febril de euforia exclusivo dos seres rastejantes. Pela manhã fui despertado pelo som dos pássaros, alguns deles invadiram por alguma falha na estrutura e bicaram as carcaças de Matheus e do cachorro. Depois de três dias putrefatos, os pássaros iriam embora, então viriam as formigas, e depois as larvas de mosca. Os pássaros, porém, tinham rostos humanos, e ao notarem minha presença, começaram a gritar. Sons horríveis, sofrimento puro colhido do solo, a trilha sonora da verdade. Na revoada que sucedeu, identifiquei algumas feições: a última que saiu pela porta, era Matheus com as lágrimas ainda úmidas no rosto. Ele se estendeu para mim, então meu corpo tremeu. A euforia se foi, e sobrou em mim apenas a essência: vergonha e raiva.

Fiquei deitado na cama, dormindo e acordando. Eram só duas pessoas, mas tinham algo nos olhos. A natureza humana é esquecer. Toda vez que acordamos e consumimos a realidade, os fatos são jogados em um moedor de carne, depois misturados em uma esfera disforme chamada “passado”. O passado muda todo dia, gradativo, vai ficando maior e mais confuso, e a realidade se contorce em um labirinto de carne moída. Lúcia e seu patético companheiro se misturaram às paredes, vão morar lá para sempre junto comigo. E tal qual um labirinto, encontro-me andando em círculos, outra vez cercado de palavras decadentes e punitivas, deitado na cama com matéria orgânica apodrecendo na cozinha-cômodo principal. A realidade emerge através do impulso biológico, a decência impede que eu mije e defeque na cama, a fome e a sede podem ser procrastinadas por um dia ou dois. Numa das jornadas à cozinha reparei que os militares levaram a estátua de Nossa Senhora de La Salette. Os dias parecem longos e as semanas curtas, as horas perdidas cobram juros na forma de agonia. A raiva se desfaz e o sentimento mostra sua verdadeira face: culpa, tão imensa, capaz de engolir tudo. Busco alguns jornais antigos no escritório, eles costumam me animar nesses momentos. Escolho um clássico: *“incêndio em uma montadora mata 17 pessoas em 1971”*. As letras se embaralham na página indecifrável, e o vazio do ambiente permanece.

Um dia acordei com o som da porta abrindo. A motivação que eu precisava para sair da cama, entrou empunhando um revólver prateado que brilhava no sol. Um homem com seus 25 anos, por de trás do capacete de moto, carregava nos olhos um brilho desafiador, carregava a paixão da juventude. José Maria de Almeida quase não foi capaz de resistir ao cheiro de comida apodrecida, fez menção de vomitar, mas conseguiu manter a compostura. Depois de olhar ao redor da casa, tirou algumas fotos com a câmera do celular.

Não se engane, o vazio continuou, mesmo enquanto eu acompanhava de perto o novo personagem por uma trilha lateral. Já ouvi pessoas darem vários nomes para esse “vazio” na boca do estômago: coração pequeno, dor de coração, angústia, a grande perda, agonia (esse eu já tinha falado antes). Ele para no caminho em frente á uma moto vermelha, escondida entre as folhagens. Desamarra uma caixa de sapatos preta do bagageiro. Meu cérebro parece pesado enquanto caminho pelo brejo, sujando a barra da calça de lama. José veio mais bem equipado, com um par de galochas amarelas. Essa dor me impede de ver objetivamente minhas mãos geladas estão empapadas de suor; o cabelo grudado na testa, sou um morto caminhando. Tudo me lembra dela: o sol, a grama, o vento, a chuva e a água em geral. Até o maldito cabelo ralo no topo da minha cabeça. Amaldiçoo a Deus pela maldita praga da calvície. Deus escuta minha maldição e eu tropeço, causando uma perturbação no solo molhado ao redor. José saca a arma com uma velocidade impressionante e se vira sobressaltado, pronto para o combate. O brilho metálico me atrai, reluzente, luz para mariposa. Sinto um impulso de rastejar até ela, beijar o metal, e implorar, implorar pelo retorno da minha criatividade, implorar por objetividade, não o faço, levanto e sigo pelas trilhas. No fim da planície, coberto pelos eucaliptos, um rio corta a paisagem. Na caixa preta, há uma fita dupla face marcada a pincel atômico: “pai”. José tira o capacete.

“Chegamos, aqui é bonito o suficiente para você descansar em paz. Silêncio por uns bons anos antes dessa praia virar cidade. Antes de começarem a te incomodar de novo. Sei que você ia me criticar por ter escolhido essa lagoa, mas é conveniente com o trabalho, mesmo assim acredito que entenderia as motivações. Enfim, acho que é isso”. - De dentro da caixa algumas fotos velhas e amareladas disputam espaço com uma camiseta antiga do Internacional — modelo raro dos anos 70, deve valer algum dinheiro hoje em dia, ainda mais se levados em conta os autógrafos — uma lágrima brota sutil e masculina do olho direito dele ao pegar um CD de capa branca. O mais intrigante, sem dúvida, foi o último item, um par de santinhos de oração: um de São Jorge e outro de Nossa Senhora de La Salette. Uma coincidência perfeita. Paranóia, uma ferramenta para encontrar coincidências. Solene, ele dobra e organiza os itens de volta na caixa, puxa um isqueiro do bolso. O vento para, como se a natureza estivesse contribuindo, apontando, convergindo para esse momento. O fogo engole a caixa; a fumaça se mescla ao céu rosa do fim da tarde, e, para completar, uma oração,

‘*LEMBRAI-VOS, Ó Nossa Senhora da Salette...*’, as palavras familiares vertiam de José como uma enchente, muito diferente do tamborilar de chuva produzido por Matheus no pátio traseiro. Depois de se certificar de que a mata não pegou fogo, José Maria de Almeida joga as cinzas no rio, se despede uma última vez e se afasta da margem. Em minhas leituras descobri que Márcio de Oliveira Almeida, “pai”, desapareceu há dez anos atrás; o corpo nunca foi encontrado... Desculpe me intrometer tão cedo na narrativa, meu amigo Giges, mas essa história é minha para contar, afinal é de meu pai que falamos agora. Ele foi “desaparecido” quando eu tinha quinze anos, já fazem mais ou menos 6 anos que me acostumei com a ideia de nunca mais vê-lo de novo. Faz 4 que aceitei sua morte. Só não tinha o “cremado” ainda e faltava convencer a senhora minha mãe...

Como todas as coisas boas da vida, José subiu na moto e partiu logo depois. A placa era de Porto Alegre, uma boa notícia ao menos. O encontro me ofereceu motivação renovada, passei no escritório, tomei um banho e mudei de roupa, me desfazendo do traje enlameado. Por incrível que pareça, até escrevi algumas páginas. O vazio só voltou quando vi a casa podre, o animal carcomido, o homem patético, mas o que mais doeu foi a comida dominada pelas moscas-varejeiras. Não dormi mais dentro de casa. Desse dia em diante, me deitei sob o sobrado externo da churrasqueira. O frio excruciante dificultou grandes sonos restaurativos. Apesar de não me adoecer mais, o frio ainda dói. Sofrer por sofrer.

Para minha sorte, quando o mundo começou a ficar amarelo de fome, apareceu outra van, dessa vez branca, com um adesivo na lateral, “*Moreira Limpeza Especializada*”. No adesivo, um homem sorridente, um pouco acima do peso, de bigode grosso e, assim como eu, amaldiçoado pelos céus com o demônio da calvície. De dentro do carro saem três homens, nenhum deles parece ser o Moreira da foto, mesmo assim todos carregam seu rosto nas costas. Um deles, o mais baixo, sai falando alguma coisa sobre marketing digital e investir na internet, os outros dois, que tem exatamente o mesmo tamanho, acenam com a cabeça. Enquanto conversam, entram todos dentro dos macacões descartáveis para proteção de riscos químicos e biológicos. Vão em direção à casa, dois deles, que além da altura dividem o rosto, entram para retirar o que resta de minha essência das paredes, o outro, do marketing digital, vai para o pátio traseiro. Caminha até o sumidouro e começa a cavar, depois de remover poucos centímetros de terra, a pá bate na madeira, que faz um som seco, oco. A porta de um alçapão, Mantida fechada por um cadeado magnético conectado na luz da casa, estava agora exposta para os céus, um cheiro desagradável subia por entre suas frestas. O aspirante a empreendedor contorce o rosto com nojo, coloca uma máscara, digita a senha alfanumérica e levanta a tampa. O prato de cerâmica, que foi engolido, coroa uma pilha de sacos de lixo. O rapaz pega o prato e embala a vácuo; rotula como “souvenir” e entra para ajudar os colegas. O estado avançado da decomposição dos

corpos tornou o interior da casa em um açougue. Membros inteiros se soltavam dos cadáveres com a manipulação dos homens, que os juntavam do chão e colocavam nos sacos pretos. Ouviam, pelo rádio FM do celular, o jogo do Grêmio, um deles esfregava o sangue do porcelanato, o outro embalava os corpos. O recém chegado entrou pregando o evangelho da prosperidade, como, através da internet, começou a dobrar a renda vendendo traduções de livros: as maravilhas do mundo conectado, permitindo aos parasitas crescerem ainda mais. “Cara, pelo amor de deus, eu estou tentando ouvir o jogo, consegue calar a boca dez minutos?”, o aspirante à parasita fecha a cara e responde baixinho: “é escolha sua continuar esfregando chão pelo resto da vida”. “O que foi?”. “Nada”. Ele volta para o sumidouro carregando os sacos de lixo recheados de membros decompostos. Alguns órgãos internos, os que não haviam apodrecido ou comidos por animais, são conservados em sacos a vácuo, embalados no gelo. Assim, com os dois homens bem próximos era possível distinguir as faces. Um deles tinha uma expressão complexa de descrever, era ao mesmo tempo infantil e cruel, caricata de certa forma, Irmão 2. O outro piscava com força, e mantinha a testa franzida como se pensasse em algo muito complexo, Irmão 1. Irmão 2 acha fútil embalar os órgãos em gelo, sendo que ficaram dias apodrecendo ao relento. “Só porque tá um pouco podre, quer dizer que não pode apodrecer mais?”, pergunta Irmão 1. “Por que não nos chamam antes de tudo ficar assim desse jeito?”, Reclama Irmão 2. “Burocracia da máquina pública” responde, sem ser convidado, o terceiro, que entrou na casa para carregar mais restos mortais. “Eu vou matar esse moleque” diz 2 para o 1. “Aposto 50 reais que tu não vai”, responde o outro. Apesar da diferença, os dois tinham as mesmas sobrancelhas arqueadas de diabo, a mesma boca torta e o queixo fino. “Tive uma ideia melhor, 100 reais eu tranco ele vivo dentro do sumidouro” contrapõem o Irmão 1, “fechado”. Eu solto o ar um pouco mais forte em uma pré-risada, achei uma ótima forma de quebrar o gelo com aqueles rapazes, um humor ácido e niilista de quem lida com a morte, esse tipo de piadinha vai trazendo de volta a realidade. Eles chamam o terceiro, pedem ajuda para limpar os resquícios de meu banquete, ao entrar em contato com a comida putrefata, ele faz menção de vomitar, os dois riem cruéis, gol do Grêmio, 1 x 0.

Grêmio 2 x 0, fim de jogo, colocam os últimos pratos nos sacos, Irmão 2 esfrega a pia, “vamos levar o lixo ali no sumidouro, já voltamos”, Irmão 1 e o terceiro caminham para a rua. A situação começa a ficar estranha. Irmão 1 incentiva a conversa sobre Marketing digital, faz perguntas sobre PLR, dropshipping, criptomoedas. Será que estavam falando sério lá dentro? Tensão e ansiedade, como as de um artista prestes a subir no palco, possuem meu espírito. Terceiro elemento fala alegre sobre seus negócios, cativado pelo interesse do colega, os olhos parecem brilhar. Chegam na beira do sumidouro. “Tem alguma coisa brilhando ali no fundo” aponta o irmão, “aonde?”, “ali no sumidouro olha”...

Subi na van com o rosto de Moreira junto aos dois. Irmão 2 estava excitado como uma criança impressionada pela sabedoria do pai, Irmão 1 sorria orgulhoso com o trabalho enquanto guardava as cinco notas de 20 reais no bolso. Na estrada de volta a Porto Alegre, tentei praticar minha meditação transcendental, ignorar os sons do programa esportivo no rádio, as conversas dos dois, não consegui e fui ao escritório. Sala G-100, um último espaço na estante de metal esperando esse encadernado que você agora tem nas mãos, sinto que posso ler sua mente, tocar sua pele, sentir seu cheiro. Mas você não existe, você sou eu. Na estante a História, toda ela, que se repete todo dia em todo lugar, só carecendo de um par de mãos calejadas para arquitetar sua estrutura. A História é o Sol, infinitamente menor a cada iteração. Se a história é uma construção arquitetônica, qual a Estrutura de sua Fundação? A morte e suas extensões, toda obra humana é uma ode à morte, o que é a vida senão a ante-morte, um estado passageiro, uma viagem de Bela-Torres à Porto Alegre, repetida, somente alternando estradas.

FIM DA PARTE I

Parte II: Os Ouvidos do Cão

Capítulo 7 Lágrimas dos Prédios:

“O inferno existe, Deus é cruel” - D’Allagnol fala para o gravador do celular enquanto espera o sinal abrir. A voz dele quase sufocada pelas buzinas e vozes do centro de Porto Alegre. Eu me estico, confortável no banco de trás, o carro tem cheiro de importado. O homem, com seus 50 anos, era tão asqueroso que me fez gostar mais de Matheus. Apesar de ambos possuírem o olhar de passarinho perdido e o rosto redondo, D’Allagnol se assemelhava a uma toupeira, com a postura curvada, o nariz sempre próximo das superfícies, buscando um caminho. Após atravessarmos o imponente viaduto da Borges de Medeiros, emergem as paredes dos prédios antigos, chorando pelos condensadores dos aparelhos de ar condicionado. As lágrimas caem sobre imigrantes senegaleses que vendem roupas, réplicas de jóias e calçados, a mercadoria em tapetes pelo chão, ou suspensas em expositores. Junto aos comerciantes sentou um convidado muito ilustre, um homem cego, de casaco amarelo, tocando uma modinha velha no violão desafinado, ele estar aqui é mais uma daquelas coincidências, eu estava com saudade.

Serpenteamos pelo centro retorcido e curvo, como um mundo fantástico. Na Otávio Rocha descemos do carro e entramos em um prédio de 20 andares. A jornada no elevador foi lenta. Pude interiorizar a padronagem do papel de parede desbotado. Em um passado distante, a estampa foi de todas as cores da primavera, substituídas pelo marrom-bege do tempo. No décimo quinto andar, era possível ver, pelas janelas, o futuro da paisagem aberta do brejo, prédios empilhados e assimétricos, centenas de

janelas e vãos. O barulho do mar ao longe será substituído por um ronco de motor velho. O primeiro reflexo é atribuir o som aos aparelhos de ar condicionado, mas defendo que, mesmo desligados todos os equipamentos do centro, ainda seria possível ouvir o som. É o som dos átrios e ventrículos de Porto Alegre, ecoando do fundo da terra.

No consultório do homem, móveis simples, nada sofisticado, tudo bem mantido e selecionado, estéril. Me sento na sala de espera e ao invés das revistas distribuídas na mesa de centro, escolho um jornal da minha coleção particular *“Homem linchado no centro”*. A campainha toca, do outro lado da porta de vidro jateado, duas silhuetas, uma alta e oval, a outra fina e minguada. D’Allagnol emerge reclamando qualquer coisa sobre o atraso da secretária, se debruça sobre o balcão da recepção e tenta encontrar o botão que abre a porta, depois de algumas tentativas frustradas acaba acionando uma secretária eletrônica antiga que dispara: “consultório de psicanálise do Dr. D’Allagnol, especialista em parar de fumar”. A forma oval pressiona a campainha continuamente. O agudo estridente toma conta da recepção, D’Allagnol se frustra cada vez mais, se debate como um peixe morto sobre o balcão, derruba uma caixa de lápis e um suporte para notas adesivas, tudo rola e se espalha pelo carpete de cor cinza questionável. A porta abre como que por acidente e as silhuetas tomam forma. Primeiro a oval: ostentando um sorriso de deboche. Capitão Bronson, com seu terno barato e mal ajustado, sapatos de bico quadrado meio ocultos pela calça comprida e um cinto de fivela decorado com o velho escudo do exército brasileiro. Bronson não é seu nome de batismo, foi adotado em cartório para corresponder à sua percepção de si mesmo. Tilintava quando se mexia.

A outra silhueta encheu meu coração de alegria, senti uma corrente elétrica percorrer meu corpo e, com muito esforço, segurei meu grito na garganta. Duvidei de meus sentidos, podia ser uma ilusão, vê-la caminhar fora daquele túnel. Mas eu tinha guardado uma foto, memorizado os olhos cor de mel. Era Lúcia, porém, descrever a silhueta como “minguada” foi um desrespeito ao trabalho dos militares, ela estava raquítica. Os braços finos como ramos de trepadeiras, o rosto seco, grandes bolsas pretas debaixo dos olhos, Lúcia parecia ter envelhecido 10 anos. O cabelo, que havia sido raspado, começava a despontar agora, ela usava um vestido desbotado com estampa floral, uma diferença gritante das camisas de linho de sua preferência, a roupa era dois tamanhos maior do que seu corpo, acentuando ainda mais sua magreza. A face passou por algum tipo de procedimento cirúrgico, a pequena imperfeição da estrutura óssea havia sido “corrigida”. As pancadas desferidas no porão do complexo deformaram ainda mais o seu rosto, mas a equipe médica em toda sua bondade o havia reconstruído. Até isso eles tomaram. Mesmo assim era ela. Mantinha um resquício do seu esplendor. Bronson estufa o peito e abre a boca: “Hoje você vai ter uma paciente nova. Passou meses presa e agora aceitou o convite para participar

desse tratamento. Alguma dúvida, meu garoto?”, D’Allagnol ainda de cócoras juntando canetas, responde: “Você sabe que nós temos praticamente a mesma idade, não sabe?”, Bronson se aproxima, o sorriso irônico, bota as mãos na cintura revelando o acabamento em madeira na coronha da 9mm/inox “Alguma dúvida, meu garoto?”, “Não, me desculpe”. “Vou deixar os dois a sós”, conclui Bronson, caminhando com as pernas meio abertas, movimentos exagerados de quadril, como um cowboy de cinema. Fecha a porta atrás de si. Uma materialização decepcionante do espírito da guerra. Uma piada prática com um revólver na cintura. Observo Lúcia e o psicólogo adentrarem o consultório, mas antes disso, vamos aos meses perdidos.

Capítulo 8 Esperança ou Como Liderar Rebanhos:

Dentro da oficina do Moreira, era garantido que o rádio seria ligado às nove horas da manhã, sempre na mesma estação, as vozes dos comentaristas esportivos se misturavam com as dos funcionários. A “oficina” era uma empresa de limpeza de cenas de crime, 80% dos homens trabalhavam na rua, enquanto 20% permaneciam dentro de casa, responsáveis pela manutenção da frota e ferramentas, homeostase do espaço e controle geral de um estoque habitado por uma diversa seleção de cloretos e ácidos orgânicos leves. Uma nova substância se juntou aos estoques um pouco antes da minha chegada, como se eu estivesse seguindo seu rastro, em pouco tempo ela estava substituindo os ácidos e cloretos leves. Era uma substância milagrosa que, dissolia tanto compostos polares e apolares, os homens derramavam o líquido nas manchas de sangue, espalhavam pelos pisos e nas paredes. Viram as paredes marrons regredirem ao seu branco natural, mas eles não eram educados o suficiente para apreciar a enormidade disso. O líquido vertia de galões de aço inoxidável sem rótulo, armazenados no escuro do depósito adjunto sem janelas. Senti uma atração por aqueles galões, escolhi seu sarcófago como quarto. Um dos funcionários do terceiro turno vinha me visitar à noite. Mentira, ele não podia me ver, vinha apenas roubar um pouco do espesso líquido vermelho escarlate armazenado nos galões. Um dia o ouvi conversar com Deus no banheiro. Tudo era minuciosamente controlado na oficina, Moreira percebeu a diferença de volume nos galões, e logo o rapaz estava trabalhando sem receber dinheiro, recompensado apenas em microgramas do líquido. Os galões foram movidos para o escritório principal, e um novo modelo de negócio começou na oficina. Moreira contaminou a água dos bebedouros, e distribuiu marmitas gratuitas. Massa com molho de tomate, estrogonofe de frango, bife de frango a parmegiana, qualquer molho vermelho o suficiente para camuflar o líquido dos cilindros. Tudo vinha pré pronto de uma terceirizada, Moreira e dois homens de sua confiança contaminavam tudo na hora de servir. Os galões que eram repostos de forma mensal, passaram a ser reabastecidos quinzenalmente por uma equipe liderada por Bronson. O capitão era muito bocudo, respondia todas as dúvidas de Moreira sobre dosagens e efeitos colaterais quando visitava a oficina. “Tem que ser um aumento gradativo, aquele que tu

pegou roubando já estava acostumado, por isso funcionou direto. Tu não quer uma superdosagem de primeira, senão a galerinha vai a loucura. Mantêm o ambiente o mais controlado possível, evite que eles saiam da oficina, ou tenham que tomar decisões muito complexas e vai aumentado de meio micrograma a dosagem, assim tu consegue evitar grandes flutuações de humor. Quanto mais simples for a rotina melhor tu induz o transe. Aí meu amigo, depois de induzido, é só premiar o comportamento que tu quer incentivar com o néctar, e pronto. Uma colônia de formigas operárias.” Explicou Bronson entre tragos na sua cigarrilha. Moreira odiava o cheiro de tabaco, se afastava e tentava ficar no sentido oposto da fumaça. Bronson fazia questão de soltar o ar na direção do rosto de Moreira. As sugestões foram acatadas, e em pouco tempo o depósito adjunto, meu lar, foi invadido por beliches e luzes de led brancas.

O fluxo de trabalho mudou, não se ouviram mais as piadas cruéis sobre os pedaços de corpos, os comentários sobre a decoração das casas, os inquéritos sobre a natureza da violência, as histórias de terror, ou qualquer outro tipo de interação entre os homens. Todos os trabalhadores da oficina estavam acostumados a um nível de violência incomum, remover pedaços de crânio de um bidê estilo português não faz bem pra psique de ninguém. Aqueles homens encontravam nos companheiros compreensão, quem mais entenderia os padrões modernistas dos resíduos humanos em mesinhas de centro? No ar sobraram apenas as vozes fantasmagóricas do rádio, e o metal das ferramentas. Acabaram-se as pausas para fumar, todos comiam rápido, as marmitas haviam se convertido em uma pasta espessa, macarrão, arroz, feijão e néctar, tudo direto do balde pro prato. Com meio galão ao mês, Moreira conseguia manter os 10 funcionários atuais trabalhando à exaustão e dormindo na oficina. Os homens haviam sido tão domesticados que ainda usavam o néctar para limpeza das cenas de crime, sem ingerir durante o horário de trabalho. Moreira ficou orgulhoso ao presenciar tal acontecimento pela primeira vez, seu rosto tomado por um sorriso de adestrador que faz o cão esperar o comando para comer e depois retirar a tigela no meio da refeição. Isso permitiu uma expansão para além da limpeza de cenas de crime, que já pagavam mais do que o suficiente. Moreira era um homem ganancioso, dirigia um carro velho, dos anos 70, usava camisas desbotadas e manchadas, era o tipo de homem que dormia no chão para não gastar com cama. Passou a oferecer limpeza de caixas de gordura, serviços de exterminador e manutenção de veículos automotivos. “Finalmente uma oficina”, exclamou contente depois do concerto do primeiro carro.

Apenas dois funcionários, Irmão 1 e 2, foram convidados para dormir na sala principal com seu líder e os galões. Os dois, apesar de consumirem a mesma quantidade da substância que os demais, não pareciam diferentes dos homens que vi limpando a casa da praia. No máximo, suas paixões ficaram mais à flor da pele, mas a piscada forte, o olhar contemplativo, a crueldade infantil, todos esses traços haviam resistido ao espesso líquido vermelho escarlate. Já nos demais, o efeito psicotrópico da substância,

somado a confinção, culminou uma histeria coletiva. Com o tempo, um medo irracional se instaurou, circularam rumores sobre um homem magro nos cantos observando-os dormir. A situação ficou tão ruim que um dia um deles se aproximou com menção de tocar-me, estendeu a mão, um homem delicado, desviei, meu pequeno movimento acabou com a pouca coragem da ovelha, que retirou-se às sombras de seu abrigo; ao conforto do depósito adjunto. Depois disso, os boatos sobre o observador invisível ganharam ainda mais força, a ineficiência imperou na oficina. A repressão violenta dos irmãos funcionou por um tempo e os homens voltaram ao trabalho. Contudo não foi suficiente. As pancadas não foram capazes de expulsar o medo. Moreira começou a questionar seus próprios métodos, para sua sorte um de seus chegados era pastor.

Depois dos gritos e delírios do culto, Moreira sentou com o Pastor Cara de Rato. O escritório parecia vindo de um sonho, o gesso branco das paredes engolia a alma de qualquer um que entrasse ali dentro. Subir as escadas até o escritório era ascender aos céus e descobrir que Deus morava no fundo da mansão do Gustavo Lima. Eu havia visto fotos da casa do cantor ao lado das notícias do incêndio no ninho do urubu que carbonizou sete meninos cheios de futuro. Moreira explicou que seus funcionários andam desmotivados e preocupados com coisas que não existem, enfim: “energia negativa no ar”. O pastor falou grave, forçava a voz, explicou que a vida é um grande empreendimento da felicidade, citou uma ou outra passagem, e reforçou que : “o potencial dos homens está na força de sua liderança e na intensidade da sua fé”, tudo isso com uma cruz minimalista pendurada sobre um painel amador de Nossa Senhora da Sallete às suas costas. Escutei no canto tentando não derreter de tédio. Moreira não era um homem sofisticado, mas naquele momento descobriu uma das grandes verdades da humanidade, ficou claro o que faltava a todos homens assustados: esperança. Voltou para a oficina com uma bíblia na mão.

Um homem esperava em frente à oficina. Ostentava um bigode fino e preto que decorava uma contorção na face. Não chegava a ser um sorriso, apenas uma leve curvatura dos lábios que lhe conferia uma expressão de ironia constante e estática. Sandro. Dedo mínimo e anelar esmagados um contra o outro, acidente de torno. Ele tinha ouvido boatos sobre os homens que dormiam na oficina, disse que não tinha onde dormir e que estava procurando emprego. Moreira ponderou, olhou o trejeito do homem: o peso mal distribuído entre as pernas, os dedos esmagados, a contorção no rosto. “Volta em uma semana, estou precisando organizar as coisas aqui”, “uma semana é muito tempo” respondeu Sandro, sua voz era um pouco mais fina do que eu havia imaginado. Moreira, olhou o homem de cima a baixo mais uma vez, ponderou, uma semana viraram duas horas. Sandro concordou e por duas horas, retornou ao lugar de onde veio. Moreira entrou apressado e acionou os irmãos. “Tem um cara novo querendo entrar, ele tem jeito de ser dos nossos, mas vocês vão ter que ficar de olho

até amaciar. Acho que ele pode ser do Bronson, mandado aqui pra ver o que esta acontecendo, a gente não deixa ele sair por umas duas semanas e vocês ficam em cima”, sua prepotência talvez fosse maior até que sua ganância. “Pode deixar chafinho”, respondeu Irmão 1 satisfeito com o brinquedo novo. Duas horas depois, Sandro está de volta com uma mochila de lona nas costas, raspava as unhas com um canivete. Moreira emerge pontual com seus dois cães, “Vou te deixar trabalhar aqui, mas tem um período de imersão de duas semanas no qual você não vai poder sair da oficina, além disso eles dois vão te acompanhar nos primeiros dias. O salário é 2500 reais.” “Pra essa experiência de ficar em cárcere privado vou precisar de pelo menos uns 3500” responde Sandro, “3000”, Moreira se faz de difícil, em sua cabeça via Sandro recebendo em néctar, Irmão 1 ficou com ciúmes da contraproposta, seu salário era 2750. Com um aperto de mãos foi firmado um acordo de cavalheiros. Os quatro homens entraram no ambiente, caminharam até o escritório principal, um café foi oferecido a Sandro, ele aceitou. O primeiro gole veio com um questionamento, “Esse café tá meio estranho”, “é o adoçante que a gente usa, um dos nossos colaboradores é diabético”. Discutem os pormenores do trabalho, as tarefas, a rotina. Sandro pede licença para ir até o banheiro. Era um tipo de ovelha diferente, um invasor no rebanho; Irmão 2 cola a orelha na porta e escuta sons de refluxo.

Naquela noite, ao voltar para o depósito adjunto, me deparo com a porta trancada. Mas já conhecia todas as janelas e cercas daquele lugar, entrar pelas frestas externas não era difícil, mesmo assim corto a mão no arame, visualizo o tétano correndo na minha corrente sanguínea. As contraturas musculares, um prisioneiro agonizando no próprio corpo, uma injeção letal mal aplicada. Quando me arrastei, meu sangue pingou em uma das máquinas cromadas, um dos cordeiros ficará hipnotizado pela mancha vermelha. Ouvi uma voz ecoando de dentro do depósito. A voz inaugura uma cefaléia na minha cabeça, que aumenta de forma diretamente proporcional à distância do som. Moreira pregava sob a luz indireta de uma espécie de abajur posicionado de forma a emular uma fogueira e evocar alguma resposta sensorial evolutiva do rebanho. A leitura de Moreira era travada, não conhecia o texto e não estava acostumado a ler em voz alta, mas infelizmente tinha confiança o suficiente para continuar. O ambiente era torturante, eu não sabia se iria sobreviver, Irmão 2 fazia a segurança do depósito e dobrava o corpo, tentava fugir da liturgia. Estava claro que Deus havia desenhado esse momento de sofrimento infinito para mim, com essa epifania a cefaléia se metamorfoseou em um ódio do tamanho do sofrimento, eu odiei aqueles seres nojentos naquela iluminação indireta. Odiei as criaturas rastejantes, indo e voltando do trabalho, vertendo dos escritórios, as buzinas do centro, os homens malditos que haviam destruído minha Lúcia, carbonizado minha casa. O rebanho, gravitava na direção de Moreira, com pupilas gigantescas nos olhos. A magia se quebrou quando o ambiente começou a cheirar a dejetos humanos, alguém não conseguiu se controlar, abriram se as portas para o ambiente externo e a pregação foi interrompida.

Moreira já estava um pouco diferente. Moreira: um homem que passou a vida inteira em busca do dinheiro, sacrificou suas digitais nos produtos de limpeza, a ponta do dedo indicador em um torno mecânico. Moreira: um homem que juntou todo centavo que não comeu, e com eles abriu sua oficina para juntar mais centavos. Moreira: um homem motivado por uma ganância vista apenas na literatura, viu algo nas pupilas dilatadas dos homens que se fixaram nas suas, pupilas que imploraram por sua voz, dentro dos olhos de ovelha ele encontrou um novo tipo de ambição; passou o resto da noite trancado em seu escritório estudando as escrituras, sublinhando versículos. Irmão 1 e Sandro, que foi poupado da pregação, conversavam na oficina principal quando o rebanho emergiu para o mundo externo. Os dois homens pareciam ter se conectado. Irmão 1 escutou o barulho e pediu licença, Sandro fez menção de acompanhar, a conexão desapareceu com um “não” seco. Sandro limpou a graxa das mãos, e virou a cabeça na direção do som, a boca contorcida no semisorriso infinito. O irmão 1 foi de encontro a seu semelhante, e juntos, eles empurram a pauladas o rebanho de volta para o depósito adjunto, que fedia a merda. Sandro finge ignorar o som dos gritos e das batidas secas de cassete que vinham do pátio.

O silêncio foi restaurado. Agora os três reunidos na oficina, os macacões de trabalho abertos, os pesados sapatos com bicos metálicos descalçados. Se sentam em um dos cantos da oficina, perto do armário de ferramentas, um ponto que permitia observação ampla do andar principal. A disposição do prédio era quase teórica. No centro, erguido sobre uma pilastra, ficava o escritório de Moreira, todo envidraçado, as janelas com uma cobertura refletiva que desviava os olhos dos curiosos do andar de baixo, enquanto permitia controle total. Para acessar o escritório era necessário subir por uma escada em caracol metálica, que fazia muito barulho sob os pés. Os homens compartilharam histórias, tinham um conhecido em comum, já haviam se encontrado em um churrasco, “Porto Alegre é um ovo”. Mais do que isso, eles dividiam a mesma crueldade sincera. Uma garrafa de água passa entre eles, os irmãos entretidos, não reparam que Sandro não tomou sequer um gole. Em dias anteriores, Moreira jamais teria tolerado três de seus funcionários rindo alto em “horário comercial”, mas estava surdo e cego, vidrado nas escrituras. Sandro vai ao banheiro pingar colírio em seus olhos para dilatar as pupilas, Irmão 2 esperou a porta se fechar e nela encostou sua orelha. Quando Sandro abriu a porta, Irmão 2 fez uma piadinha sobre sincronizar a urina e entrou em seguida. Sandro acenou com a cabeça. Algum tempo depois Moreira apagou as luzes do salão pelo controle do escritório. Todos para suas habitações. Irmão 1 e 2 subiram a escada metálica, eu e Sandro nos direcionamos para o ambiente externo, para o depósito adjunto. Hoje nossas acomodações estavam particularmente desagradáveis, os homens gemiam e se contorciam de dor, assombrados por sonhos horríveis e dores no corpo. Acordavam encharcados de suor, tremendo, um deles chorava baixinho e sem parar, esse apoiava o braço no canto arredondado do beliche, um calombo preto povoava o meio do antebraço. O cheiro lá dentro era salgado, como

uma peixaria, um vestiário ou um quarto de adolescente. Pelo menos o responsável pelos dejetos havia sido lavado à força. Sandro, tão incomodado quanto eu, digitou em seu celular, olhou ao redor, tirou fotos. Uma das ovelhas acorda de um pesadelo e vê o brilho da tela, se arrasta até Sandro, fascinado, o aparelho era uma memória, uma coisa tão comum a ele, mas que em seu estado de consciência reduzida, incompreensível. Tocou o ombro de Sandro, tentou formular uma pergunta, saem murmúrios, “passa” disse Sandro, falou como se fala aos animais. O comando funcionou, a paz foi restaurada. Depois desse episódio, pode parecer estranho ao leitor que mesmo nesse estado limitado os homens ainda eram capazes de trabalhar, a resposta é simples, memória muscular e condicionamento, nada mais eram do que bois puxando um arado, operar um torno, limpar o chão, arrumar um carro, ligar uma mangueira, prescrever antibióticos, desenvolver programas de computador, assinar documentos, julgar o destino dos demais, o corpo humano é fantástico, quando treinado, pode fazer coisas incríveis! Sandro calçou as botas de trabalho e saiu para a rua perturbado. Acendeu um cigarro, tragou como quem repensa a própria vida. Foi um primeiro dia intenso, mas era impossível dormir naquela sauna infernal. Um barulho metálico ecoa pela noite úmida e quente, Irmãos saindo da oficina pela porta de trás, caminharam até Sandro: “quer conhecer a cidade de verdade?”, resignado, ele aceitou.

Nós quatro saímos no santana preto adesivado com o rosto do Moreira, então espiritualmente estávamos os cinco. Dentro do carro, um dos irmãos puxa um vidro preto, derrama o líquido vermelho em um lenço e o leva ao nariz, repete o processo, oferece ao irmão que estava ao seu lado no banco do passageiro, depois a Sandro no banco de trás. Os dois reparam na hesitação do terceiro com o lenço nas mãos, o sedan espaçoso encolhe, a dinâmica começa a mudar, os irmãos se questionam se Sandro é uma ovelha em pele de lobo, pelo retrovisor os olhares começam a convergir para a predação. Antes que os dentes ficassem à mostra, ele leva o lenço ao nariz e respira fundo. Tenta resistir, mas é impossível, joga a cabeça para trás escorando no banco, parece derreter enquanto os irmãos riem histéricos, “Na água é diferente, é assim que adulto faz, direto da fonte”, o pano escorrega de sua mão para o chão ao seus pés, eu não consigo me segurar, quero brincar de predador, me curvo até o chão, chego bem próximo dos seus sapatos de trabalho. Com meu nariz próximo do pano, sou um animal me alimentando de ração, respiro fundo. Sinto meus neurônios se iluminarem, um choque elétrico, compreender o ambiente se tornou uma tarefa complexa, as luzes da rua me cegavam, o irmão de trás do volante não era o motorista mais consciente do mundo, o carro balança como um navio em mar revolto. Ainda deitado aos seus pés, olho para cima, dois buracos negros, Sandro me olhava, seu rosto estava transfigurado, não metafóricamente como é de costume, mas eu o via pulsar, se estender em uma máscara dura e sombria. A cabeça parecia uma prisão feita de argila, algo tentava escapar, chutava, eu podia ver as marcas dos membros nas têmporas, mas ao invés dos pézinhos, como nas barrigas de gestantes, eram

apêndices longos e articulados de inseto. Ele levanta uma das pesadas botas de trabalho com bico de metal, o movimento deixa um rastro cinza no espaço tempo, acompanho com a cabeça, vejo a sola do sapato sobreposta as luzes da rua que brilhavam fortes, as estrelas vieram curiosas para olhar mais de perto a direção imprudente. O pé dele sobre minha cabeça como uma guilhotina, uma buzina invade do mundo exterior, a lâmina desce. A perda de memória recente é um processo natural em concussões, delírios também, mas quando acompanhado pelo escritório, todos os delírios têm sentido. Primeiro, vejo Moreira e os irmãos, na parte de trás da oficina, receberem cilindros prateados e não adesivados de um caminhão, depois, os homens do caminhão no interior, comprarem três cilindros vazios por 50 reais, uma fonte, uma nascente de rio. Os homens levam os cilindros até ela, a água que vertia era vermelha, eles enchem os galões.

Acordei desorientado e sozinho no carro, o mundo ainda girava ao meu redor, me arrastei pelo banco até a porta traseira, tentei destrancá-la, mas minhas mãos parecem estar derretendo, não consigo fazer a força com o polegar opositor que nos diferencia dos demais primatas. Em um lampejo de genialidade levantei a tranca com os dentes, escorreguei com o rosto escorado na porta, mordi a maçaneta, a porta se abriu e revelou a noite, cai para fora com o rosto no chão. Senti o gosto de sangue na boca, pareço estar pegando fogo, me levantei da melhor forma possível, mas meu corpo pareceu pesado e gelatinoso, caminhar é muito difícil, decidi engatinhar pelo vazio do espaço até a porta aberta do bar. O cascalho do estacionamento, espinhos de infinitas flores rasgando minha pele. O “bar” tem cheiro de mofo, princesa da noite escrito em um cartaz amarelo patrocinado por alguma marca de cerveja. Depois da porta, fui recebido por uma parede estampada com desenho de mulher, usei o corrimão para me levantar. De pé sobre as minhas duas pernas, renascido. Uma luz roxa intensa, refletia nos espelhos, transformando o interior do “bar” em um caleidoscópio. O cheiro de cigarro vem de longe, o enxofre das erupções vulcânicas. Nessa terra estranha e alienígena, procuro em vão por eles. A parede, me abraçava, tomou a forma do meu corpo, continuo, sempre em frente, o papel de parede tenta me manter parado, uma voz ecoa pelo vácuo, “Um americano descendente de indiano decidiu abrir um estacionamento rotativo nos anos 60. Naquela época era mais fácil fazer dinheiro, óbvio que o cara não pagava um salário digno para os funcionários. Todo mundo trabalhava lindo, até que um dia entrou um rato na empresa para fuder o esquema...agora não, to contando uma história...daí começou a choradeira. Não apareciam mais pra trabalhar, tratavam mal os clientes, aquilo de sempre. Mas o cara era um gênio! Ele estudou, aprendeu que o lazer aumenta a satisfação dos empregados”, “e a produtividade!”, uma voz muito parecida com a anterior, “é lógico, eu falei que o cara era gênio, o pai dele tinha um problema na perna, sentava de um jeito estranho, com as pernas cruzadas e tudo mais, mesmo assim, era um cara tranquilo, de bem com a vida, tinha uma família boa, bem quisto na comunidade e tudo mais,

todas as camadas da pirâmide preenchidas, mas o filho dele não viu isso, focou na posição das pernas, nas torções do corpo, todos os sofrimentos psicossomáticos. Inspirado pelo pai, nosso herói decidiu que os funcionários deveriam praticar alguns alongamentos ao longo do dia. E funcionou, a insurreição se acalmou, até o rato se juntou a frota de trabalhadores. Feliz com isso o indiano patenteou a técnica, jugo, corpo e mente, yoga. Agora demos o próximo passo na ciência da produtividade humana”, “Sim, e foi tudo accidental irmão, o melhor de tudo é que existem pessoas especiais como nós, líderes!”, a segunda voz não era tão imponente quanto a primeira, era um eco complementar, como uma projeção 2D de uma geometria tridimensional, não parecia ser uma pessoa completa. “Como você sabe tudo isso?”, perguntou Sandro, “fiz faculdade de administração”, concluiu o irmão tridimensional.

Junto a eles, flutuava uma mulher com trajes não muito modestos sentada na cadeira que eu deveria ocupar, seu rosto oculto pela névoa néon. Me aproximei, pareciam me perceber com o canto do olho, no mundo em que estávamos vultos na periferia da visão são naturais. Sinto o cheiro dela, entre a nauseante combinação de fragrâncias baratas estão as notas conhecidas, eu havia vendido suas flores, eles as esmagaram, roubaram seu perfume. Enquanto os homens conversavam, a projeção 2D babava sobre a mulher, Sandro revelou seu interesse em vender o néctar em diferentes graus de pureza para o mundo externo, discutiam dinheiro. Irmão 1 esclareceu que um experimento já estava sendo realizado nesse bar, comandado de forma extraoficial por eles. Uma televisão desligada refletia isometricamente o salão. Estavam sobrepostas duas realidades distintas, o meu corpo habitava um mundo de luzes, o cheiro das flores misturado ao enxofre. Eu podia quase senti-la em meus braços, se eu olhasse em sua direção poderia ver Lúcia ali, sua cabeça escorada em meu ombro. Não tive coragem de olhar, não queria atrapalhar seu descanso, fui obrigado a encarar a tela preta . A imagem na tela foi uma janela para um mundo de normalidade. O mundo do espelho era mais comum, três ou quatro mesas, um palco com pole dance, uma cozinha americana improvisada convertida em balcão. O Princesa da Noite já havia sido a casa de alguém, até aqui, nesse caleidoscópio imaterial a vida prevaleceu, foi distorcida em algo diferente, mudou, mas prevaleceu. Começo a ouvir o som de estática, com um piscar de olhos os elementos do reflexo começam a se fundir em uma nova imagem. Júpiter estava diante de mim. No meio dos gases os raios de sol são refratados por algum cristal, uma estrutura equilibrada no “ar” pelas delicadas interações químicas. 2D fala alguma coisa para a mulher, ela e os dois irmãos se levantam, Sandro permanece sentado, os irmãos estendem e intensificam o convite, ele aceita. Irmão 2 leva uma cadeira consigo. Eu sigo o rastro dos movimentos enquanto dezenas de vozes discutem a validade de meus pensamentos interiores.

Nós paramos em frente a uma porta de madeira com alguns buracos estratégicos. Uma cortina barata impedia que o caleidoscópio tomasse conta desse ambiente também, a

fonte de luz era agora, apenas uma lâmpada amarelada de casa, ainda estavam marcados no papel de parede as molduras dos quadros pendurados pelos antigos habitantes. Consegui sentir o chão sólido sobre meus pés, um indicativo de que a droga já passava da sua meia vida, os rapazes vão para o segundo round, oferecem para a garota, ela aceita. Consigo ver seu rosto de relance, incêndio. Na nova iluminação é possível ver alguns roxos por debaixo da maquiagem pesada. Não consegui discernir com certeza a idade da moça, mas não deveria ter mais de 20 anos. Sandro estava desconfortável em seus maneirismos, relutante, não conversava sobre conhecidos em comum ou contava anedotas, seus limites morais estavam prestes a serem ultrapassados. Nós cinco entramos no quarto minúsculo, a cadeira é posicionada no pequeno espaço entre a parede e a cama de solteiro, o colchão envolto em uma capa preta sobre uma armação barata de madeira, não tinha travesseiro. As paredes eram azul turquesa, como o interior de um quarto, luz branca, hospitalar. A luz quebra a mágica, uma verniz de normalidade toma a cena. Três homens, uma mulher com hematomas mal escondidos pela maquiagem, não é mais uma degeneração noturna ou uma aventura, agora é apenas crueldade. Os olhos de Lúcia. Não sei se foi o cheiro da moça ou algo em mim já estava mudado a mudar, mas eu fui embora do quarto, não fiquei para assistir, Sandro sem saber me acompanhou. Deixou o irmão completo com a garota na cama enquanto o planejado aplaudia sentado na cadeira. No caminho de volta até a rua nos deparamos com um homem de mais ou menos 50 anos que servia as bebidas, suas pupilas estavam imensas. Não acredito que nenhum de nós teria sido capaz de trocar uma palavra sequer mesmo que tentássemos. Sandro estava irritadiço e menos falante, cada vez mais perto do que tinha vindo buscar, mas não comemorava muito. Nessa primeira vista, deve ter adivinhado a circunstância do “bar”, escolheu ignorar e fechar os olhos, um homem com uma missão.

Capítulo 9 Olhos Apaixonados:

“Algo mudou, antes todas as pessoas que olhavam para mim, o faziam com desprezo, como se eu estivesse tentando tirar alguma coisa delas. Elas não estavam erradas, todas as escolhas que eu fiz foram para vencer, tomar. Mas agora nos olhos desses homens existe algo diferente. Eles me olham com carinho, procurando por respostas, crianças curiosas com suas enormes pupilas dilatadas. A minha voz ressoa em seus corações, mas desculpa, o que você estava falando?”, ele parecia reluzir ao falar, o rosto invadido pela barba por fazer. Respirou fundo, trazido de volta a realidade, parou de reluzir e falou como um homem cansado “Ah sim, você queria que eu te vendesse um pouco do “néctar”. Olha eu ainda sou um homem razoável, tudo pode ser precificado”, apesar de suas novas epifanias Moreira ainda era um homem ganancioso. Queria cobrar um preço por miligrama, mas depois das negociações ficou acordado uma cobrança sobre percentual de lucro, 40% foi o melhor que Sandro conseguiu. Moreira ainda era um homem ganancioso. E os seus 40% Sandro dividiria com os

irmãos pela “recomendação”, apesar de não ser obrigação contratual, ele sabia que no momento era melhor assim, evitar complicações. Irmão 1 pagava por miligrama.

Com a nova doutrina de Moreira, a violência se tornou menos necessária na oficina, os homens trabalhavam sorrindo. Uma alegria pastoril, poemas serão escritos. A paz trouxe ao irmão 2 mais tempo para sua paixão, passava horas sujo de graxa debaixo dos carros. Um observador cruel diria que ele montava e desmontava a mesma peça, sem progresso nenhum, diria também que isso não configurava um serviço de mecânica e apenas atrapalhava o fluxo da oficina, mas não somos esse tipo de gentinha não é mesmo? O principal, Irmão 1, procurava entre os motivos triviais algum que justificasse agressões às ovelhas, uma ferramenta fora de lugar ou um serviço atrasado eram o suficiente: o porrete de madeira golpeava as costas, costelas, ou nuca de algum desavisado. Não era raro que os golpes incapacitassem o atingido por dois ou três dias. Mesmo depois das dores pararem, ainda eram necessários alguns concertos de mandíbulas, e ajustes na cozinha para suprir a necessidade de comida pastosa. A queda na produtividade atraía negativamente a atenção de Moreira. No início, os castigos físicos “mantinham os animais puxando o arado”, agora eram “contraproducentes e cruéis contra os meninos”. O primário, frustrado e entediado, dedicou sua atenção ao “Princesa da Noite”. Lá ele era Deus, não precisava se subjugar a nenhum falso profeta, não devia nada para ninguém, “um dia ainda vou tomar aquela oficina maldita e comer as tripas daquele porco”, declamava nu para a garota espancada e contraída na cama. Ele tinha uma tatuagem de Jesus Cristo no peitoral direito, e o mascote do grêmio no esquerdo. Os lençóis estavam úmidos, tomados por manchas de sangue em diferentes estados de preservação, os tons de marrom se misturavam e tomavam formas abstratas, uma mistura de Yayoi Kusama com Rorschach, ele não deixava os “funcionários” trocarem a roupa de cama, tinha orgulho da sua obra. Enquanto o porco havia achado a luz nos olhos dilatados, ele via os outros como cada vez mais patéticos, não merecedores de sua grandeza. A mulher estica a mão direita com a palma virada para cima, os roxos em seus pulsos tentam contar uma história, ninguém estava disposto a escutá-los. Irmão 1 se levanta, vai até o canto do quarto, se curva sobre o macacão estampado com a cara de Moreira, ele tira um conta-gotas e um lenço sujo de graxa de dentro da narina de esquerda do patrão, pinga o líquido no lenço, o joga no chão, bem próximo a seus pés, Lúcia vem rastejando atrás grunhindo de dor. Aquela música infernal, aquele vestido florido maldito. Seu rosto adolescente, a pequena distorção imperceptível na face soterrada por hematomas. Ela se arrasta, seu corpo lacerado arde ao roçar no carpete de baixa qualidade, sua perna parece estar quebrada, ela chega até o lenço respira fundo, fica ali deitadinha no chão, Irmão sai do quarto com a certeza reforçada de que os outros são menores que ele, e vai atormentar os demais funcionários. Suas opções não eram muito variadas, Senhor Simples e Senhora Singela. Explorar os corredores: vendo a mulher deitada ali agarrada ao lenço me sinto tentado; desde a minha primeira visita ao

Princesa, a imagem da superfície de Júpiter não saiu da minha cabeça, eu queria entrar naquele palácio de cristal flutuante. Era só eu me juntar à menina, me abaixar, aspirar o pano, sabia que o castelo estaria lá me esperando, mas agora eu tinha um trabalho a fazer. Talvez mais tarde.

Secundário conversava com Sandro, enquanto ‘trabalhava’ em um Peugeot 108 azul-turquesa. “Depois que você foi embora aquele dia, o meu irmão terminou com a menina, jogou a camisinha usada no chão, eu peguei e...”, vou poupá-lo, meu caro leitor, de ouvir a sujeira dos dois. Sandro mal foi capaz de conter a expressão de nojo, mas o entusiasmo da fala era contagiante, a sonoridade das palavras, o fluxo de raciocínio. O rosto de 2 se iluminava, o amor por seu irmão era genuíno, narrou a humilhação rotativa da garota no mesmo tom que contava as brincadeiras de infância. “Me alcança aquela chave de fenda”, acrescentava coloquial entre as frases absurdas. Com o movimento, era possível ver pela calça marcada do macacão, que o membro do nosso amigo Sandro, estava entumecido. Ao contrário de sua moral inabalável, seu corpo não mentia, ele apreciava as histórias e a companhia dos irmãos, e se odiava cada dia um pouco mais por se parecer com os outros homens da guerra. Alheio às complexidades do caráter de seu ouvinte, Secundário entrava e saía de baixo do veículo, que, suspenso pelo elevador automotivo, estava pronto para engolilo.

No começo da noite, um grupo excêntrico aguardou por Sandro nos fundos do prédio, uma senhora com a camisa branca típica dos cobradores de ônibus da capital; um homem alto de ombros largos cinquenta e tantos anos, em suas costas o logo de alguma empresa terceirizada; e por fim, nosso herói misterioso, José Maria de Almeida com sua moto vermelha. Eles foram os responsáveis por distribuir a solução do néctar misturado com água cidade a fora. Era bem mais fraca do que sua contraparte utilizada nos estabelecimentos de prestígio que ando frequentando. Sandro havia feito questão de diluir depois de ver a degeneração do espírito dos homens. Logo pequenas anedotas se espalharam pela capital: cobradores dizendo bom dia mecanicamente para todas as pessoas que entravam nos ônibus, incluindo as que não existiam; terceirizados trabalhando longas horas sem dormir; um grupo de senhoras que decidiu costurar uma escada de crochê grande o suficiente para tocar o céu. Porém, o espírito dos homens nunca decepciona, os cobradores perderam os empregos e juntaram-se aos vultos que assombram os parques e praças da capital à noite. “O vale da sombra da morte”, em meio a uma transição de cena, ouvi de um estranho se referir às noites do Parque da Redenção. “Acidentes” de trabalho passaram a se tornar mais comuns entre os prestadores de serviço de uma certa empresa, uma senhora furou os próprios olhos com uma agulha de crochê. Sandro diluía a dose. Só mais uma forma de chorar, rir, e gritar com desconhecidos no meio da rua, para os habituais, mais uma adição à farmacologia, nada de novo sobre o sol. Sandro diluía a dose. O dinheiro começou a pesar nos bolsos dos envolvidos, razão para escalar a hierarquia, subir as

escadas metálicas, Sandro passou a ofuscar ainda mais o Irmão. Não dormia mais no curral. O acompanhei na ascensão das escadas metálicas, agora dormíamos os cinco no escritório. As noites ficaram mais longas para Sandro, apesar de ter se afastado do cheiro salgado do rebanho, se revirava insone na cama, quando finalmente conseguia pregar, falava durante o sono. Palavras soltas, “foda se”, “para”, chega”, eu gostava de vê-lo dormindo, projetava nele os sonhos de Lúcia. Moreira se levantou, caminhou até Sandro com um lenço em suas mãos. Os quatro dormem como pedras.

Sandro desenvolveu um estranho hábito, coçava o rosto em frente ao espelho, gravou o contorno das unhas em vermelho, depois começou a coçar o ar adjacente ao rosto. Mesmo sem tocar, as marcas vermelhas não só permaneceram, mas prosperaram. A mão se mexia mais e mais distante do limite da face, já estava a cinco centímetros de distância e dez de altura. O rosto continuava cada vez mais vermelho, sangue, casacas de feridas. Quando chegou a notícia de que os três principais teriam que realizar um serviço de limpeza, o rosto estava transfigurado em uma máscara escarlate, ainda rasgada pelo semisorriso. Subimos na van estampada com o rosto de Moreira, a mesma que me tirou daquele fim de mundo. Chegamos na rua Demétrio Ribeiro, edifício Demetrius. O apartamento estava mobiliado de uma forma familiar, era possível sentir o cheiro dos sonhos inacabados, perdão, era só o cheiro do corpo em decomposição no coração da sala. Ele estava sobre um tapete azul e felpudo, não houve muita violência, dois tiros no centro da testa, calibre baixo. Nada muito drástico, o homem estava com roupas cotidianas, um crachá de identificação, havia entrado em uma armadilha. Se olhássemos com cuidado para o mundo quântico das madeiras do assoalho, talvez fosse possível ver o rastro de lesma que Evangelista deixou ao se locomover. No mundo macroscópico era possível ver sua assinatura, o ambiente controlado, com pequenas distorções, erros de continuidade, o tapete na sala vazia, um único quadro genérico levemente torto. Um “cenário humano” padronizado. Um “template” pronto para ser impresso e reimpresso até o fim da história. “Ajuda aqui a forrar as paredes, nós picamos você limpa, enquanto isso, vai olhando o resto do apartamento pra ver se tem alguma coisa”, o irmão late. Estávamos dentro do mesmo prédio de onde Matheus e Lúcia saíram no começo da história, o quarto onde Sandro agora entrava deveria ter sido o esconderijo dos óculos escuros de Matheus, enquanto Sandro caminhava por uma cena de crime, eu caminhava por uma memória emprestada, as ruínas do Panteão. Queria tocar cada centímetro por onde Lúcia havia passado, tudo parecia ter sido esterilizado, limpo, mas deveria haver algo escondido em algum lugar, uma foto, um livro, uma partícula de pele morta de Lúcia. Eles trabalham, eu procuro, eles terminam e partem, eu fico no apartamento, procuro e procuro. Será mesmo que Lúcia caminhou naquelas tábuas? Estaria eu, em uma reprodução barata, um Panteão feito de gesso? Eu recuso a me render, minhas regras se dissolvem, eu abro e fecho gavetas, vasculho os poucos armários. As certezas cada vez mais fracas, pode ser que vários apartamentos fossem propriedade dos homens

cruéis. Será mesmo que o casal morou em algum momento no edifício Demetrius? Claro, ele é mencionado nas páginas anteriores deste relato, mas será que não houve uma edição posterior, em momentos de cólera? Um embaralhamento de nomes? Uma falsa memória? Depois de ter tido minha imparcialidade roubada por aquela mulher, nada mais era confiável. Em um quarto menor, encontro uma tábua solta embaixo da cama, a esterilização não havia sido completa, nem Sandro, nem qualquer outro, havia encontrado, ou talvez Evangelista houvesse ordenado que essa imperfeição fosse mantida para manter a “humanidade do espaço”. Embaixo do piso eu encontro uma caixa com pertences, desenhos infantis, uma boneca velha e sem cabeça, coisas triviais da infância, não importa se era uma fabricação, meus olhos marejam, uma semente que podia ter florescido em uma vida preciosa e complexa, mas que foi cortada logo cedo, a violência é realmente linda, a autoridade suprema de roubar destinos na ponta da faca. Levo a caixinha para o Escritório em um ato de rebeldia.

Capítulo 10 Vestíbulo:

Os órgãos otolíticos, no vestibulo, por outro lado, são o exato oposto. Estes detetam principalmente a posição da cabeça relativa à gravidade (mas também acelerações da cabeça, a força inercio-gravitacional), fazendo com que se capte informação relativa a posição da cabeça comparativamente ao plano horizontal (St George & Fitzpatrick, 2011). Com estas informações, o cérebro consegue estimar de forma fidedigna a posição e movimentação da cabeça, mas ele recebe ainda informações do sistema visual, particularmente o optocinético, que oferece conhecimento sobre o movimento do corpo através de “optic flow” – a deslocação que é detetada através do nervo ótico.¹

O Escritório distorce a percepção temporal, algo no nosso cérebro, a magnitude do espaço é hipnotizante. Quando entrei lá dentro para arquivar a caixinha, o sol se escondia, quando retornei ao apartamento, ele já estava novamente no topo do céu. Com a barriga vazia, sozinho e desorientado, saio do quarto e volto para a entrada principal. O apartamento estava limpo, intocado, o corpo havia sido removido com maestria, mais uma história apagada. A porta da frente estava trancada, eu estava preso. Abri uma das janelas, deposei a cabeça sobre o vazio o que canalizou meu devir de gato materializado na vontade de saltar, imaginar minhas pernas torcidas traz um sorriso ao meu rosto, a vida sem Lúcia era muito difícil. Na área de serviço encontrei uma janela basculante pequena bloqueando minha melhor escapatória, um pequeno parapeito que interligava os apartamentos pela lateral do prédio. Eu poderia chegar até a janela do vizinho e dali tentar progredir na minha jornada até o nível da rua. Pela basculante consegui ver as folhas de um jardim no parapeito, elas se precipitavam livres e caóticas como a natureza. Aquele detalhe não pertencia nem a Evangelista, nem aos homens cruéis. Depois de muita ponderação, procuro pela casa

¹ DE SOUZA, Edgar Ferreira **Funções Vestibulares e Suas Interações.**

por alguma decoração pesada o suficiente, nenhum busto de Napoleão à vista. Encontrei uma caixa de ferramentas sob o armário da pia. Um martelo. Aceitei a benção. Jesus era carpinteiro. Prossegui com meu plano e comecei a arrebentar a basculante. Em um mundo menos civilizado, o barulho de vidro quebrado causaria alvoroço, mas hoje era apenas uma obra no centro de Porto Alegre. Existe um prazer lúdico na tarefa manual. Meus braços finos são claros indicativos de que não sou o tipo de ser que brande o martelo, contudo o devir da máquina venceu o do gato, por alguns momentos destruo as ruínas do velho mundo para preparar o solo para as ruínas dos monumentos de um novo antigo rei. Passei pelo buraco criado na basculante, a cabeça primeiro, não foi uma boa estratégia. Acabei com cortes nas roupas e no corpo, talvez alguns cacos de vidro alojados debaixo da pele. Meu sangue pingando, decidi voltar atrás e buscar por uma toalha dentro do apartamento. Caminhei sem rumo no ambiente, meu sangue reverteu o efeito da limpeza, manchou o tablado, lençóis e tapetes. No armário do banheiro uma preciosa toalha de algodão amarelada pelo tempo, voltei a para desafiar a janela. Com a minha nova companheira cubri os cacos de vidro, dessa vez botei primeiro os pés pelo buraco envidraçado onde a basculante esteve, o sangue escorreu para a toalha, me distraio por uma fração de instante com os novos padrões formados no tecido, uma rápida visita ao escritório e todas as feridas seriam curadas, as roupas trocadas, tudo em seu devido lugar. Mas eu gosto de fingir estar vivo, as feridas, o devir da infância.

Os dois pés estão sobre o concreto agora, é tão fino que o bico do sapato pende no vazio, imagino o que aconteceria se eu caísse e me refugiasse no escritório durante a queda, será que retornaria intacto no chão? Será que continuaria a queda de onde parei? Será que se eu fosse indo e voltando em segundos, a velocidade se conservaria? Ou chegaria em segurança no solo após quedas infinitesimais? Não poderia descobrir agora, não estou disposto a morrer, tenho um trabalho a fazer.

Ninguém além do vento pode me ver naquele parapeito. Penso em todas as mães modernas vendo os filhos dependurados sobre os corrimões de vidro dos shoppings, o peso do corpo sobre os bracinhos frágeis, as pernas sem tocar o chão. Penso na vertigem do observador. Desculpe meu amigo(a) ando pensando demais. Minhas pernas tremem tomadas pela vertigem, não foi uma sequência de pensamentos muito produtiva. Respiro fundo, pressiono as costas na parede e caminho com passos diminutos e laterais, sem levantar o pé. Fecho os olhos, o vento parece aumentar de intensidade, outro pensamento pouco produtivo. Sinto a textura mudar sobre os meus pés, terra, cheguei no jardim suspenso, embaixo da janela. Que desgraça seria se a janela estivesse bloqueada por alguma grade pantográfica, ter que voltar todo o percurso, buscar o martelo. Não estava, consigo abri-lá ainda de costas, não era uma maldita basculante, o morador deveria ser proprietário, reformou o ambiente. Me sinto um pouco culpado por amassar suas flores da janela, ossos do ofício. Lá dentro era um

apartamento vivo, cheiro doce de mel, plantas, livros, casacos atirados no sofá, não tinha ninguém em casa. Ainda bem, odeio ser confundido com um fantasma, fere meu orgulho empírico. Em sinal de respeito vou ao escritório trocar de roupa, já havia sangrado um pouco nos azulejos da cozinha, nada que não pudesse passar por uma mancha de café. Um pulo rápido, deve ter durado umas duas horas, escuto a chave na fechadura quando retorno. Eu estava livre, aproveito a deixa, saio pela porta entreaberta como uma lufada de vento, no caminho agarro uma foto de família como recordação é claro. O morador era um homem na metade da vida, com um boné preto estampado por algum logo, barba e cabelo grisalhos, uma camiseta social cinza e uma calça de abrigo velha. As paredes do corredor eram tingidas de um verde limão patético que há muito já havia desbotado, manchas amarronzadas de infiltração garantiam um aspecto tigrado à pintura. O ambiente fedia a cigarro, igual a todos malditos corredores prediais da cidade, o caminho foi estreito e confuso, não existia elevador, sete andares sem elevador, eu devo estar enlouquecendo! Os sensores de movimento não captam minha presença, desço as escadas em uma escuridão quase total, violada pelos frágeis raios de luz que entram por frestas de pequenas janelas andar à andar, malditas basculantes todas elas, vou tropeçando sobre meus próprios pés. Meus pulmões estão prestes a explodirem quando chego no nível do solo. Não existia porteiro, mais um desafio, mas se existisse o que faria eu? Pediria esbaforido que abrisse a porta?

Me distraio com o souvenir que levei da casa do homem, olho no rosto das pessoas. Era uma família, um homem, uma mulher, uma criança e o dono do apartamento ao lado dos demais. Provavelmente um tio ou dindo, a criança estava com a cabeça caída para o lado em uma angulação estranha, fazia carreta. Os pais abraçados, olham para a criança unificados em uma repressão jocosa, os olhos sorriam. O sorriso do morador iluminava a cena, radiava para fora da foto. As pessoas sobrepunham uma casa grande e velha em alguma cidade do interior, a silhueta de pinheiros ao fundo, dava pra sentir o cheiro do campo, aquele pode ter sido o dia mais feliz da vida de alguém, a porta da frente se abre. Escorrego para fora, rasgo a foto e jogo na sarjeta, diriam que motivado por inveja, mas seria reducionista, era na verdade uma oportunidade de destruir uma memória feliz. Imagino o tio ou dindo procurando a foto pela casa, aflito com a mudança das coisas, sorrio, mas não por muito tempo, a temperatura era desagradável, o centro histórico estava lotado, mesmo depois de rasgada, aquela foto já estava alojada em meu cérebro, era uma afronta, como alguém pode ser tão feliz? Eu devia ter destruído tudo naquela casa, queimado os móveis, salgado a terra, plantado uma floresta de eucaliptos, extraído todos os nutrientes da terra, para depois incendiar os restos da safra, e deixar apenas uma paisagem vazia a ser consumida pelo inverno. Minhas pernas começam a cansar da caminhada, minha barriga pesa com fome, paro para invadir a cozinha de algum restaurante, o processo é simples, vou

por trás do balcão pego qualquer coisa que achar e como. Agora, alimentado e com meu dia em frangalhos, decido ir de ônibus.

‘Quando o Big Bang matou os dinossauros, algum deles deve ter sobrevivido. Não é possível que todos tenham sido explodidos de uma vez só, e os que moravam no mar?’, o absurdo dessa afirmação me tirou do transe dissociativo comum aos viajantes dos ônibus intrametropolitanos. O autor dessa bela sequência de palavras não devia ter mais de quinze anos e estava sentado atrás de mim, ao seu lado uma garota com a mesma idade que se divertia e incentivava o rapaz com seus questionamentos. Seu discurso invade os ouvidos e sacode as células das cócleas dos demais passageiros, apenas os mais próximos, como eu, tiveram o desprazer de serem acordados do transe. O transporte parece submergir o espírito em uma névoa, tudo tão devagar e tão rápido ao mesmo tempo, você pisca e nem percebe a quantidade de tempo perdida nos assentos desconfortáveis. 45 minutos pra ir 50 pra voltar, vão se acumulando todo dia, sua vida drenada. O cotidiano seria melhor se cobradores disponibilizassem um coquetel de Tylex com néctar, para blindar-nos das vozes apaixonadas da juventude e restaurar nossos espíritos entre as jornadas. A paralisia do sono, as possíveis crises de abstinência, as experiências transcendentais, logo, deixariam de ser encaradas como algo negativo e sim parte agradável da nova rotina. Todos reunidos na sala de estar celebrando os maravilhosos sentimentos que somente a medicina moderna poderia nos proporcionar, ‘Mas e os dragões?’, pergunta a menina ao interlocutor...

Capítulo 11 Castelo:

Era cedo, antes mesmo dos primeiros raios de sol que despertam os animais. Ao redor da oficina as plantas começaram a crescer exponencialmente. Algum dos meninos as regava com néctar. Elas cresciam destemidas, ocupando frestas e rachaduras na calçada. O verde descontrolado pintava o prédio com os tons do abandono. A estética externa era muito menos importante do que a ressurreição espiritual. Evangelista detestava o crescimento desordenado, os seus ambientes podiam ter plantas, contanto que fossem de plástico. Já estava incomodado com a incompetência, as plantas eram um adicional ao seu ódio matinal. Bate com força na porta da frente da oficina, sabia que os idiotas dormiam lá dentro, o som metálico desperta os três do escritório principal, irmão não saía do princesa da noite desde que voltou da limpeza. Irmão 1 não suportava ver secundário tendo um ofício, uma vida paralela a sua, uma vontade própria. O vi flertar com o botão que baixava o elevador automotivo enquanto o irmão trabalhava sob os carros. Em outras ocasiões escondia as ferramentas, e sem saber a natureza pífia do processo, ia lá e sabotava o trabalho, o que garantia ao secundário o prazer de poder consertar o mesmo defeito novamente. Secundário, ao ver as atitudes do irmão passou a amá-lo ainda mais, pensando ser uma colaboração ativa com sua diversão. ‘Nos dois estamos conectados mesmo em mano’. Primário sorri, o rosto de réptil não impressiona nem surpreende. Caim-Abel. Mais uma menção bíblica, que

culpa tenho eu? O que fazer se todas as histórias possíveis da humanidade foram escritas, melhor, interpretadas da voz de Deus? Moreira é quem abre a porta da frente, seus olhos eram os de convertido, os de Evangelista poços de escuridão. Capitão Evangelista saca seu celular do bolso da camisa polo, mostra as fotos da situação absurda do apartamento: a basculante arrebitada, o sangue pelo chão, a toalha maculada. A fúria da voz metálica atraiu Sandro e Irmão 2 do interior da oficina. Os cachorros de Moreira vieram defender o mestre, mas ao verem o rosto assustado do patrão, apenas prostram. Moreira sente o seu novo mundo e serenidade invadido pelas palavras malditas, os Godos e Visigodos chegaram aos portões de sua Roma perfeita. Evangelista não usava seus trajes militares, uma camisa polo salmão anos oitenta, uma calça social preta, fedia a cigarro como sempre. Era domingo, aquela era sua roupa de igreja, ele havia desviado da sua rotina para castigar pessoalmente os prestadores de serviço. Depois das palavras duras, avisa que retornará no fim da tarde, exige que Moreira vá buscar os itens que ele havia solicitado. Moreira sinaliza para Irmão 2 ir buscar, “Não, você vai” - ordena Evangelista. Moreira volta com um saco de lixo preto e um crachá retirados do corpo no apartamento. Ele vai com seus braços compridos até o carro, de costas acende um cigarro e não olha mais para os três homens. “Porque não damos um tiro nele”, pergunta Irmão 2, “Nossas cabeças estariam penduradas em espetos aqui na frente no dia seguinte”. Decido acompanhar o homem da polo rosa em suas tarefas dominicais.

Era um dia frio, ele não parecia se importar, como se seus nervos simpáticos já estivessem mortos. Tinha o costume de verificar o relógio todas as vezes que acendia um cigarro, uma combinação intrigante de compulsões, parecia cronometrar os segundos até o câncer. Morava em um condomínio gradeado de casas que imitava os subúrbios norte americanos, jardins e casas de dois pisos, lá dentro tinha tudo que um homem moderno poderia querer: minimercado, um restaurante, quadra poliesportiva, academia, perfeito para criar crianças. Em uma das casas padronizada como as outras, dois Dobermans pretos, nenhum dos dois tinha as orelhas cortadas, o que garantia aos animais um aspecto de cachorro língua gigante, Geisel e Evola eram amados por todas as crianças da vizinhança, que brincavam com os animais bem treinados, e criancieiros. Quando me aproximei da porta de entrada, eles se eriçaram, pararam o que estavam fazendo e apontaram as cabeças nefastas em minha direção, dois demônios ascendidos do inferno sedentos pela minha carne, as duas bestas me dilacerariam e ofereciam meus ossos as crianças como brinquedos de pegar, mas estavam acorrentadas. Evangelista sai do carro, os cachorros se acalmam e vão cumprimentar seu mestre. Uma das crianças, que passa chorosa pela via, acena, ele se abaixa para conversar. O corpo magro e esguio curvado sobre a pequena forma, um abutre. A voz metálica pergunta o que aconteceu, surpreende ao espectador por estar carregada de ternura. Mais tarde descobri que Capitão Evangelista e sua esposa sempre quiseram ter filhos, o próprio acreditava ter vocação para paternidade, mas o

corpo dela não permitiu. Ele não se importou, construiu uma vida com ela apesar disso, contente com seus animais e os arredores. Era um homem respeitado em sua comunidade, pede um segundo para a criança que desabafava seus problemas infantis, joga o saco de lixo preto para os Cães, restos de carne humana que trouxe da oficina. Eles comem satisfeitos.

Sr e Sra Evangelista e seus animais vão a pé com os vizinhos, uma pequena capela com padre e tudo, dentro dos muros. Eu não confiaria em nenhum templo divino que seja conivente com a presença dos animais que dobram de turno como porteiros do inferno. A porta ficou destrancada. Entro na casa. A tranquilidade máxima de confiar em seus vizinhos. O interior da casa, o espaço sintético primitivo, havia sido maculado por plantas vivas, decorações, fotos de viagem. Várias imagens de santos coladas na geladeira, Santo Expedito, capas nos sofás. Um armário de vidro assombra o ambiente, dentro dele vários objetos desconexos, o crachá do corpo do apartamento - todas as informações da vítima expostas para quem entrasse pela porta - o prato branco da casa de praia, alguns animais de pelúcia, Nossa Senhora de La Salette: apêndices de corpos putrefatos. Mausoléu. A casa era uma necrópole, não escondia nada. Como deve ter justificado para sua companheira os primeiros souvenirs? Tento escutar o passado, 'pra que trazer isso pra casa?' Sra Evangelista pergunta para o homem que ainda tinha cabelo no topo da cabeça, e voz quase humana. 'Para lembrar dos monstros, nunca me tornar igual a eles'. Em outro mundo as palavras não foram necessárias, para a mulher eram símbolos da remissão daqueles pecadores, santinhos pendurados, imagens de Pedro crucificado de cabeça para baixo, Paulo decapitado. Será que ela sentia tesão na canonização compulsória? Na punição dos Santos? Elizabeth Bathory pós moderna, imaginava as mãos encharcadas em sangue enquanto chupava os dedos. Como transavam os dois? A decoração retrô gritava papai e mamãe, rápido, prático e sagrado. Os espíritos das vítimas assistiam? Na mesa de centro da sala, jogos de tabuleiros, usados para divertir os vizinhos durante as noites da semana, todos se sentiam muito seguros ali na presença de um militar do alto escalão do exército brasileiro, e vigiados por dezenas de pares de olhos escondidos no armário de vidro. Saio da casa, já é suficiente. Eles ainda estão na missa, volto para o carro a porta destrancada, deito e, no silêncio do domingo, acabo pegando no sono.

Acordo de volta no território de Moreira, Sandro e Secundário estavam exaustos, os ombros curvados por um dia extenuante de limpeza. Sangue escorria das feridas faciais de Sandro. A ira de Capitão Evangelista havia sido apaziguada, contudo ele não era do tipo que perdoava, Moreira sabia disso, aquele seria um dos últimos serviços encomendados pelos militares. A fonte de renda escorrendo por entre seus dedos foi o suficiente para trazer à tona o velho Moreira. Fico feliz com essa visita de nosso velho amigo, afinal de contas, o empresário egoísta é um bastião da cultura literária, sua mera presença engrandece meu relato e minha narrativa. Ele exigiu uma reunião com o

Major, não aceitaria que um erro trivial, e corrigido, fosse o suficiente para encerrar uma parceria tão frutífera. Falava alto, puxando o sotaque interiorano. O maldito ganancioso até sugeriu raspar a própria barba. Esforços inúteis.

Evangelista se cansou da conversa e começou a caminhar de volta até o próprio carro, Moreira o seguiu cada vez mais suplicante. Seus subordinados entraram para o complexo, Sandro quebrou o silêncio: 'Tem algo muito estranho, eu sinto essa coceira no meu rosto, no espelho eu vejo essa massa crescendo, já esta há alguns centímetros da minha cara, parece um bloco de concreto orgânico, o prédio coça, quando eu toco sinto no meu rosto, não consigo parar de pensar, o néctar alivia, mas cada vez que tomo, o castelo cresce mais um pouco', o rosto de Secundário muda, olha rígido para Sandro, um cão faminto encara um rato que invadiu o pátio, não era um cão qualquer, tinha alma: Puro Ódio. Rejubilado na perspectiva da carcaça fresca, no prazer de tomar uma vida mais fraca, Secundário responde: 'Não converso com ovelhas', se eu estivesse de olhos fechados diria que foi o Irmão 1 quem disse isso, Secundário mostrava suas garras. Homens de guerra não toleram fraqueza. Enquanto Irmão 2 ia embora, Sandro congelou, os olhos injetados de asceta em greve de fome. 'Estou morto', sussurrou entre os lábios. A materialidade da sua existência é posta em jogo. Eu estava em outro pensamento, precisava ver o castelo, rever o castelo, saber que ele estava tão próximo drenou minha atenção, eu perdia as sutileza das expressões, o sabor do medo. Segui Sandro até o banheiro e inalei junto com ele a adstringência do néctar.

Lá estava, a superfície era menos límpida do que o original de Júpiter, mas estava lá. A interação com a atmosfera terrestre distorcia o vidro, o interior engolido por névoa, mesmo assim, na torre mais alta, a que coçava mais, uma sombra. Sigo Sandro pelos corredores, esbarramos nas ovelhas trabalhando, o castelo estava lá também, mas dentro das cabeças. Eu conseguia ver frações da estrutura por dentro dos olhos dos presentes, a minha perspectiva mudava com cada movimento, mas a imagem era estática dentro dos crânios. Era como observar um prédio através de pequenos buracos em um muro maciço e circular que cobria todo o terreno. Moreira se trancou no escritório sozinho para ponderar, Secundário foi aos carros, Sandro à caixa de ferramentas. Encontrou um martelo. Pela sua estatura, era possível perceber que ele não era do tipo que brandia o martelo para construir. Ela caminha pela oficina, o martelo atrás das costas. Enxerga Secundário. Secundário não tinha nenhum castelo. A todos os homens, seu lugar no mundo já havia sido predefinido: abelhas, o néctar me permitia ver. As operárias com o castelo nos olhos, os soldados sem castelo, e os perdidos e inúteis com ele crescendo para fora do rosto. Experimentos genéticos da natureza, cavalos livres comendo ratos no pasto. Como esses papéis eram definidos, seleção natural, uma vontade superior, não fazia diferença, nenhum homem tinha consciência de sua vocação, eu já não era nenhum homem.

‘Eai, como vai o trabalho?’, nenhuma resposta, Sandro deu uma última chance para Secundário, queria que sua mão fosse impedida, queria que o teto colapsasse, sua agência removida. ‘Alguma notícia do ...? Faz um tempo que ele não vem trabalhar’ - silêncio. ‘Precisa de alguma ferramenta?’, nenhuma resposta, alguém ia ter que morrer. Na hora que Secundário se levanta, o martelo afunda sua cabeça, Sandro golpeia rápido e incisivo, homem de guerra, com a cabeça convertida em um hambúrguer sangrento, Secundário sem saber que morreu, arrasta o corpo pelo chão, pedaços de cérebro e crânio espalhados em um rastro até embaixo da roda do carro suspenso, ele olha para o Peugeot 108 um última vez. Sandro aperta o botão do elevador automotivo. O resto da cabeça é esmagado pelo pneu. Sandro segue sua rotina indiferente ao mundo material, homem de guerra.

Moreira encontra o corpo horas depois, uma das ovelhas teve de bater na porta uma dezena de vezes até ele escapar do buraco negro das suas ambições. Quem viu Secundário esmagado foi o novo Moreira, o dos olhos apaixonados. A palavra havia sido espalhada, as ovelhas estavam reunidas em um círculo em volta da cena, Sandro não estava na sala, as mais frágeis choram, curvadas, crianças, centenas de perspectivas do castelo nos olhos. Como observador externo, olhando todas ao mesmo tempo eu o vi completo, cada detalhe, o formato incomum, como uma torre de areia molhada na beira da praia. Um brinicle no fundo do mar. Era lindo, a imagem escorrida nas lágrimas, adicionava um elemento tridimensional, perspectivas convertidas em projeção. Então eu estava lá dentro, meus passos não faziam som algum. Vi fragmentos do interior dos cômodos enfumaçados: o cristal decantado no fundo das paredes, um indício de que o prédio era impossivelmente antigo, vi os móveis quase imperceptíveis, feitos do mesmo cristal das paredes, vi uma estante de cristal cheia de livros de cristal, era possível ver as ranhuras de cada palavra esculpida a mão pelo artesão mais delicado de todos. Estendi a mão para pegar um dos livros, o cristal não era frio nem quente, parecia não ter temperatura. Removi o livro da estante, ele não pesava nada, se não fosse o formato retangular delimitado seria impossível dizer que eu segurava algo. Abro na primeira “página” para ler, mas não são letras ou palavras, só aqueles caracteres malditos dos andares inferiores do escritório. Consigo ver as manchas marrons da gordura dos meus dedos contaminando o cristal perfeito. Minha podridão biológica parecia se propagar pelo material que estava agora amarelado. Solto o livro no chão. A partir dele, a gordura começa a se espalhar pelo cristal, corromper tudo. Começo a chorar, minhas lágrimas se depositam cristalizadas no solo, como os castelos de areia molhada que José Maria de Almeida construía na beira da praia com seu pai. Corro pelas escadas infinitas fugindo da minha própria sujeira. Atrás de uma porta coberta pelo vidro esfumaçado, uma figura sentada. Estendo minha mão, empurro a porta, a cabeça se vira em minha direção. Um estalar de dedos, o cristal se restaura. ‘Abel-Caim’ - Sandro, abraçado em Moreira, sujando a camiseta branca do patrão com o sangue de outros. ‘Eu entendo meu filho, eu entendo’ - Moreira novo

testamento. A ilusão havia sido tomada de mim eu estava prestes a entender, eles levaram tudo de mim, voltei a ser humano. 'MOREIRA, MOREIRAAAAAAAAAAAAA', Primário grita do lado de fora na deixa perfeita.

Capítulo 12 Função e Forma:

O castelo de cristal era uma versão pura do escritório, a forma linda, intocada pela função, pela lógica, pela necessidade de conservação. Toda a criação humana já havia sido corroída pela função, tudo tinha um propósito, incluindo seus criadores. Tudo menos aquele ser que morava no castelo. Ele era a pura forma, um herói platônico: a resposta. Já Primário era nietzschiano, disposto a tomar o destino com as mãos, enojado com a perda de vitalidade em Moreira, criou sua própria caverna, jamais conseguiria escapar da função, refém dos próprios sonhos, projetava as armadilhas das suas percepções sobre os outros: a pergunta. Lá dentro Moreira com seu rebanho: a síntese. O Irmão Único estava junto de mais sete ou oito seres, destacados das sombras pelas chamas das tochas que carregavam, o fogo tinha cheiro de morte. Seus rostos cobertos por capuzes feitos de pele humana, nas tochas queimando a gordura de suas vítimas. Era um delírio. Esfrego os meus olhos, eram ridículos, cinco ou seis bêbados, o Senhor Simples e Senhora Singela. A única coisa assustadora daquele grupo era a menina, vítima principal de Primário, que andava ao seu lado, agarrada na parte de cima do macacão que pendia da cintura de primário, olhos vazios. Mesmo o mais frágil dos corpos retém o potencial da violência, nem que seja mexendo um dedo para esmagar uma formiga. O próprio ato de respirar já é violento, moléculas de oxigênio sendo quebradas dentro do pulmão. Em meio a tantas análises hegelianas tenho outro insight dialético, olhando os rostos e os trejeitos de Senhor Simples, Senhora Singela e da garota, eu percebo ali tese, antítese e síntese, o que era o Princesa da Noite? Uma casa de família invadida e subjugada por um homem de guerra. Um mundo sem lei, nenhuma agência da polícia, nenhuma denúncia, nada. Quantos anos demorariam para que o caso fosse descoberto e seguisse o fluxo, manchete -> comoção nacional -> podcast de true crime -> esquecimento -> documentário? Eu mesmo me sinto patético por não ter percebido antes, como deixei passar tamanho absurdo, estava cego, tão focado na minha própria bancada laboratorial que esqueci de analisar a mancha gigantesca crescendo na parede as minhas costas. Esse erro será corrigido, mas primeiro ao confronto. As lágrimas das ovelhas no interior da oficina são substituídas pelo silêncio, os corpos tensionados pelo cortisol, qualquer decisão pertencia a Moreira, todos olham para ele, ordena a todos que se movimentem, embrulhem as coisas, corram para as vans, a Sandro ordena que: "pegue o máximo de néctar que conseguir, e abra as tubulações de gás".

"O que você quer?", "Quero o que é meu, tudo que eu construí com meu trabalho!", os bêbados aplaudem, "Me mande meu irmão, para que ele possa se juntar as minhas fileiras", "Seu irmão esta morto, sofreu um acidente, uma falha do elevador automotivo

que segurava o Peugeot, sua cabeça foi esmagada”, “Não posso aceitar isso, o corpo dele me pertence, a vida dele me pertence, eu quem deveria matá-lo, poupei sua vida inúmeras vezes durante a juventude, fui covarde na hora de cumprir meu papel, me entreguei para o amor fraternal, ia permitir que vivesse uma vida longa e prospera, mas sempre inferior a minha, para quando chegasse a hora eu pudesse libertá-lo do fardo dos homens”, “Da onde você tirou essa ideia idiota, como a vida de outro pode te pertencer?”, “Essas palavras são piadas vindas de alguém como você, capaz de qualquer coisa por dinheiro, quem é você para falar da vida dos homens, ou a quem elas pertencem? Você que os faz trabalhar por nada? Tudo por nada além da sua fome infinita de cachorro magro? Seu verme maldito, vou enfiar um talão de cheque no teu rabo!”. Primário avança com sua legião de cossacos. O casal dos Singelos pega a filha pela mão e foge para longe. Irmão está cego. Os bêbados e seu líder correram para a falha na infraestrutura, a mesma que eu usava para entrar e sair da oficina. Moreira agiu rápido, em seu escritório, travou os disjuntores, causou um curto elétrico que explodiria a oficina que se enchia de gás. Moreira havia construído falhas para fugir das autoridades, sabotar o que precisasse ser sabotado, jamais deixaria seu espaço para outro, preferia destruir tudo do que sonhar com algum daqueles malditos trabalhando com as ferramentas que havia sofrido tanto para comprar. Decidiu não entrar em um confronto direto, não queria ferir seus seguidores, era um homem mudado, e além disso sem a limpeza das zonas de crime o orçamento da oficina ia despencar, já não compensava mais manter o espaço físico, era um homem ganancioso. Tomei o caminho mais simples e fui com o rebanho até a van. ‘Viu Sandro, vai dar tudo certo’. Ninguém respondeu, Sandro não estava no carro. Uma epifania: era quinta-feira, o dia da entrega, quando Sandro entregava o néctar diluído para seus colaboradores, a porta da van não havia sido fechada, saio correndo antes que isso aconteça. Tento chegar até o ponto de entrega, sou interrompido pela explosão parcial da oficina.

Meus ouvidos apitam, tento me levantar, meu corpo inteiro dói, sinto minhas roupas úmidas pelo próprio sangue, meu corpo pesava uma tonelada. Procuro pelas minhas mãos, os dedos da mão esquerda pendurados por tendões expostos. Não tenho coragem de olhar para baixo, a dor se propaga junto com a consciência. Pelas novas frestas da minha mão eu revisito em um estado febril o meu último sonho, sinto de novo o calor do fogo, o cheiro de carne assada dos corpos queimando. Escuto vozes perdidas gritando, a dor fica cada vez mais intensa, o mundo em que vivi nesses últimos meses reduzido a uma pira sacrificial para o Deus do palácio de cristal. A dor atinge um estágio de inviabilidade de existência humana tive que voltar para o escritório, não fui capaz de ver as consequências diretas, os pedaços de carne frescos, me resta a imaginação. Imagino Primário explodido, imagino o abraço pós-estruturalista recebido por Sandro ao entregar o néctar para seus companheiros. No escritório caminho pela bela decoração da recepção, chego no lar da minha produção, durante o banho sinto a pele reconstituída. Nenhuma dor. Enquanto a água quente escorre, vejo

Platão esmagando a cabeça de Schopenhauer, Diógenes, em estado de pura insanidade comendo as tripas de Nietzsche. Em cima no mezanino, Sêneca abraçado aos robes de Nero, comendo restos de comida e lambendo do chão as gotas de vinho derramadas por seu mestre.

Quando voltei já eram as primeiras horas da manhã, os detritos estavam cercados pelos militares, uma fumaça rosa emergia das massas disformes de metal e alvenaria estendidas no pátio. Eles usavam máscaras de gás e roupas pretas com tarjas amarelas, fantasias de bombeiro. “Incêndio atinge oficina na Zona Leste de de Porto Alegre, desde o fim da tarde deste domingo (20). Conforme o Corpo de Bombeiros Militar (CBM), o edifício fica localizado na Voluntários da Pátria, no bairro Navegantes. Até a atualização mais recente desta reportagem, os bombeiros seguem atuando para conter as chamas. Há relatos de explosões no local. O oficial responsável afirma que não havia funcionários no local no momento do incêndio. A Defesa Civil de Porto Alegre esteve no local, e equipes da Secretaria de Saúde do município estavam de prontidão em caso de necessidade. Segundo a prefeitura, os acessos ao bairro onde fica a empresa foram interrompidos.”, Bronson ditou aos jornalistas presentes no local; a tentativa de controle da narrativa era fútil depois das dezenas de vídeos vazados na noite anterior. “Não havia funcionários no local no momento do incêndio.”, uma mentira desnecessária no discurso, por que mentir sobre as vítimas? Algo tão fácil de comprovar, qualquer vídeo de corpo carregado já bastava para quebrar a cortina de fumaça, ele mentia por hábito. Uma demonstração gratuita de micro poder, atitude clássica da posição de gerência intermediária.

O Peugeot 108, milagrosamente intacto, coroava a destruição, como se outros humanos já tivessem chegado à lua antes do BEIP e colocado aquele carro azul ali como uma provocação. Evangelista parecia frustrado, seu descanso havia sido interrompido, olhava para os destroços em busca de alguma coisa que pudesse levar de lembrança, algo que compensasse sua visita, já começava a se contentar com o emblema do carro. Aos seus pés a pilha de cigarros aumentava de cinco em cinco minutos. Olhou o relógio. Tenentes 1 e 2 lideram a equipe de astronautas na superfície da lua. Os bombeiros de verdade procuram por sobreviventes ou corpos, os astronautas procuram pelos cilindros de metal cinza, encontraram Primário, ou os pedaços dilacerados de seu corpo, depositados sobre o corpo de Secundário, um abraço, AbelCaim-. 5 minutos passam, mais um cigarro no chão, mais uma olhada pro relógio. Evangelista se cansou, mandou que um dos soldados a seu lado fosse buscar o emblema do carro e foi embora. Sua frustração me contamina e subo no carro de um Bronson que ainda discursava para a imprensa.

Capítulo 13 Reencontro:

A partir desse ponto, percebo que devo redigir um pedido de desculpas ao leitor. Talvez pela idade, excesso de saltos temporais ou abuso do néctar, percebi em releituras que a narrativa assumiu uma forma desconexa, invadida por reflexões que não vão a lugar nenhum. Mesmo assim preciso continuar, a lagarta já entrou no estado de dormência profunda do casulo.

Após uma longa viagem, chegamos a um endereço isolado. Uma antiga universidade pública, transformada em sede operacional do 5º Batalhão Especial de Inteligência Patriótica (BEIP). Muitos prédios foram demolidos, dando espaço a campos de treinamento e dormitórios. A maioria dos equipamentos dos antigos laboratórios foram enviados para os institutos de tecnologia militar do eixo Rio-São Paulo. Permaneceram os aparelhos mais simples para algumas análises pontuais e manutenção da estrutura. O prédio anguloso que passou a servir de centro de comando possuía dois andares e um subsolo apenas. Lá dentro os membros do BEIP administravam o resto da infraestrutura do campus, um sumidouro de verba pública. Largas pilastras de concreto exposto salientam as formas monolíticas da estrutura. Em si, um prédio é apenas um prédio, mas a memória do que presenciei lá dentro o transformou em algo maior. Ainda acordo desorientado, pensando estar lá dentro, perdido na galeria subterrânea. O subsolo era a parte mais impressionante do projeto, os antigos canos de esgoto e escoamento da chuva foram convertidos em túneis e passagens labirínticas. Não achei nenhum registro sobre essa construção, parece que ela se materializou espontânea absorvendo os nutrientes, serpenteando pelas profundezas. Tinha um vento constante nos túneis, um gemido, vozes do passado suplicando por um futuro impossível, gritos do porão.

Enquanto Lúcia e D'Allagnol entravam na sala reservada, Bronson saiu pela porta da frente do consultório e caminhou pelo corredor do prédio acompanhado pela respiração de Porto Alegre. Enquanto aguardava o elevador, uma senhora se aproximou dele. Baixa, já curvada por anos de trabalho duro, uniforme de limpeza, carregava uma certeza nas costas. Eu queria seguir Lúcia, ouvi-la falando com a própria voz no ambiente monitorado, mas a história me chamava. Sou uma criatura guiada pelo tato, consigo sentir o universo se distorcendo e apontando para o elevador, sou uma criatura guiada pelo olfato, consigo sentir o cheiro de sangue vindo do elevador, sou uma criatura guiada pela audição, consigo ouvir as gotas de sangue pingando no papel de parede marrom, e, mais do que isso tudo, sou uma criatura guiada pela visão e consigo ver o cabo da faca de metal no bolso traseiro da calça do uniforme de limpeza. “Bom dia” - o nome dela era Ivone Maria de Almeida. Capitão Bronson não responde, o elevador chega. Me posiciono no canto, comprimido, a porta se fecha. O elevador começa a descer e subitamente para. O capitão, sem pensar, aperta o botão de emergência com pressa, uma rotina cheia se recusa a ser interrompida por trivialidades: ele é um homem que vai e conquista. Não se deixa abalar por defeitos

mecânicos. “Esse elevador é velho, sempre enguiça” - Ivone comenta com as mãos nas costas. Bronson não responde, é como se estivesse em outro patamar de existência. Ivone tinha, agora em suas mãos, a ponte entre os dois níveis. Ela enfia a faca no pescoço do Capitão, que em um surto de adrenalina empurra a mulher para longe, põe a mão sobre a ferida no pescoço e começa a tentar sacar a arma da cintura. Eu não consigo me conter, o sangue que verte do pescoço vem acompanhado de uma gargalhada leve de minha parte. Nada como um pouco de violência/vingança pessoal para descontraír. A mulher continua o ataque e fura dessa vez a barriga. É correspondida com um tiro no rosto e já está morta antes de cair sobre mim. Juntos deslizamos até o chão, enquanto o terceiro passageiro cambaleia com a faca ainda cravada no corpo e repete sua idiossincrasia recém-adquirida de apertar o botão de emergência. A força se esvai das pernas e ele senta no chão, a respiração cada vez mais pesada lembra um grunhido de porco, ele estende a mão na minha direção, os olhos quase foscos... Eu poderia ter reescrito os últimos momentos de minha mãe. Mas em respeito a autenticidade da escrita de Gíges, meu predecessor, mantive fiel ao relato original. Contudo, a senhora minha mãe, merece algumas palavras bonitas de despedida. Afinal, esse relato agora também é meu, e por consequência também é dela. Eu sonhava em ser poeta e o mundo não deixou, mesmo assim fica aqui um poema escrito por uma criança em homenagem a uma mãe que se foi:

Todo dia regar um jardim na esperança de flores,

Todo dia segurar o peso de um mundo em constante expansão.

Todo dia proteger e nutrir um futuro incerto

A flor: grandiosa, morta, ou corriqueira

Todo dia nadar nas flores de uma constante expansão.

Mãe:

Depois de toda essa poesia boba,

Por trás de todo peso do passado, todos os erros,

Imploro a vida mais uma chance de ouvir a mesma história repetida

Que a senhora sempre contava para as visitas.

Nenhuma morte em vão. De volta à programação normal...

A porta do elevador abre forçada pelos nossos dois tenentes numerados, acompanhados de um grupo de curiosos com celulares amostra. Os sons de porco eternizados, tenente 1 arrasta o corpo do Capitão e amaldiçoa aos gritos, os

observadores passivos. O tenente 2 não reagiu tão rápido, paralisado pelo choque, via o próprio futuro refletido no sangue vertente. Contudo, a vida prevalece, em um ato de futilidade, ela faz com que os dois tenentes arrastem o corpo do capitão até o centro do lobby do prédio comercial, os paramédicos chegam e recolhem primeiro Bronson. Os socorristas entram no elevador para recolher o corpo da mulher. Ela ainda estava deitada sobre mim, o corpo cheirava a amaciante de roupas misturado com o metálico do sangue. A lâmpada do teto do elevador queimava como o sol. Eles chegaram a tocar meu corpo, porém o manto da atenção seletiva impediu que me notassem. Eu me pergunto se a dona Ivone chegou a me ver antes de morrer, nunca saberei a resposta. Minha cabeça estava leve, os pelos do meu braço arrepiados, todo o meu corpo uma antena que canalizava a eletricidade do ar. Me levantei ainda coberto de sangue de terceiros, e por um ou dois dias decidi não me limpar na expectativa de que os cachorros infernais de três cabeças me confundissem com algo que escapou do inferno e viessem me dilacerar. Mas como disse nosso bom amigo, Deus é cruel. E aqui sigo em um contínuo, vagando condenado a minha vocação.

Depois do alvoroço matinal, as pessoas seguiram seu dia usando os outros dois elevadores disponíveis. Na cidade o Deus da praia, das estatuetas choronas, da contemplação, e da crueldade lenta, não fazia mais sentido. Aqui precisamos de algo que represente a continuidade da vida, uma doutrina mecanicista da permanência. Menos um homem de paletó, menos uma terceirizada, prédio comercial, centro histórico. Os observadores demoraram cerca de uma hora para retomar as atividades normais. Não é nenhuma surpresa que Lúcia e D'Allagnol tenham continuado sua sessão, não eram nem onze da manhã. Subi por um dos elevadores ainda funcionais. Minha cabeça leve, a atmosfera no consultório espessa, apenas uma mesa de MDF separava as duas pessoas sentadas uma de frente para outra, flutuando numa névoa de sonho. Nenhum dos dois sabia se podia comentar os eventos que acabaram de acontecer no prédio. D'Allagnol optou pelo profissionalismo de ignorar e seguir a consulta como se nada tivesse acontecido: “Vou reler suas informações pessoais, interrompa se alguma coisa estiver errada. Dia de hoje: 14 de março; Nome: ..., 28 anos de idade”, “Com licença, 29 anos, fiz aniversário ontem” - A voz de Lúcia foi danificada, mais rouca do que era antes, mais apagada, o timbre parecia ter mudado um pouco. “O que disse?” - o homem levanta a cabeça, olha para a mulher como se olhasse para um gato abandonado. “A idade está errada, eu fiz 29 anos ontem” - é possível ouvir as engrenagens dentro da cabeça de D'Allagnol, que ajusta os óculos na ponta do nariz antes de retomar a leitura - “Tem razão, faz sentido com a data de nascimento. Continuando, crime: homicídio do marido com uma faca de cozinha. Motivo: desavenças conjugais agravadas pelas condições de saúde mental” - ele ergue a cabeça, tira os óculos e solta o peso na cadeira. A sala era pouco mobiliada, além das cadeiras e da mesa apenas uma pequena estante de livros e uma foto ‘artística’ de uma criança segurando balões em uma planície verde. “A estrutura dessa entrevista é

simples, vou fazer algumas perguntas para ver a sua adaptação ao retorno no convívio social e como você anda lidando com as situações em geral. Primeira pergunta, como é sua rotina?”. O resto da conversa é genérico, ambas as partes desempenhando seus devidos papéis, lendo o roteiro.

Depois da consulta, Lúcia permaneceu no saguão, uma criança esquecida no colégio, aguardando algum familiar muito depois de fechar. Com exceção de um sorriso delicado ao ver o elevador interditado, ela permanece imóvel. Uma senhora se aproxima. O cabelo curto e prateado caindo sobre os ombros, a jaqueta preta da companhia de ônibus estalava enquanto ela se mexia. “Menina, me desculpa, mas eu precisava falar contigo”, a senhora fala baixo, com uma elegância natural, os olhos escondidos por um par de óculos escuros. Lúcia ignora e segue parada. “Eu sei o que aconteceu com você eu quero sua ajuda, aconteceu comigo também. Eu conheço a falta, o mundo sem sentido. Pobre menina”, no crachá da empresa sobre o uniforme azul-claro se lia Maria Inês Hoffenstein, nome de rico. Na foto três por quatro era possível ver os olhos azuis bem claros da mulher marcados por uma expressão distante de cansaço. “Sai de perto de mim” o semblante vazio de Lúcia quebra e por uma fração de segundo, revela um medo primitivo esculpido a faca nas linhas da face. “É o único jeito de sair de lá, recuperar sua liberdade, não precisa decidir hoje eu sempre passo por aqui essa hora, podemos conversar de novo”, eu considero empatia uma habilidade aprendida, que se desenvolve, Maria Inês era uma verdadeira artesã da empatia, por isso usava óculos escuros para esconder as lágrimas. A arte da empatia é a arte da perversidade do homem. Dentro de seu universo particular ninguém é “do mal”, sempre com suas atitudes justificadas. Seja uma perspectiva utilitarista do bem maior, seja um ideal maquiavélico dos fins justificarem os meios, seja para proteger uma identidade aprendida. As atrocidades cometidas sempre em nome da proteção e segurança, bem-estar, a identidade humana, todas as virtudes ricas e pobres contaminadas de sangue. Com a empatia você enxerga virtude e potencial dentro de cada um. Inclusive do Tenente 2 que, bastante atrasado, entrou pela porta para buscar Lúcia como combinado. Eles entram no carro sem trocar uma palavra. O Tenente 2 veio direto do hospital e ainda estava abalado, dirigia distraído e se perdeu em pensamentos em um sinal fechado, foi resgatado pela buzina da fila de carros que se formava no semáforo. Levou Lúcia até o emprego de auxiliar de cozinha em um restaurante pequeno no centro. Ela poderia ter ido a pé, mas a coleta de dados é um período longo e criterioso, afinal trata-se da mais pura ciência! Não poderiam permitir que o experimento fosse invadido por variáveis externas. No trabalho ela era um não-ser, uma ausência materializada. Trocava palavras cordiais com os colegas em salvas ocasiões, passava a maior parte do tempo em silêncio. Picando, fatiando, descascando, refogando, fritando, assando. E depois tudo acaba e vamos para casa com cheiro de gordura.

Em frente ao edifício Demetrius um carro azul-turquesa e um ipê amarelo florido, uma memória da primavera sob o qual, os moradores deixam o lixo seletivo nos dias pares da semana. As flores a muito tempo já haviam caído. Daria para ver o ipê pelas janelas do apartamento se elas não estivessem cobertas por papel TNT preto. No centro da sala, uma mala aberta com algumas roupas jogadas, em sua maior parte vestidos que parecem cortados de toalhas de mesa florais. No quarto, uma cama desfeita e um roupeiro de casal vazio. Na basculante da cozinha, as cicatrizes de um martelo. Tenente 2 deixou a mulher em casa e foi embora. Ele estava abalado, os olhos vitrificados revelam um mosaico prismático de Bronson. Dependendo da incidência da luz, um novo ângulo do corpo no elevador. Não é só a morte, o que garante o impacto é a sobreposição de estados, o homem vivo/carcaça. Tenente 2 não era nenhum estranho da finitude, originário de uma das áreas menos favorecidas da ilustre capital gaúcha. Perdeu um amigo próximo para a violência urbana aos quinze anos e viu a morte em nível horizontal. Pensava que com a profissão solidificada, formado como segundo da turma no quartel, tinha escapado pelo menos por hora. Tinha tempo para construir. Tenente 2: vivo/carcaça para todo sempre. Bem-vindo ao clube.

Capítulo 14 Umbral:

Olho por uma fresta na janela, a Demétrio Ribeiro estava quieta. Poeira acumulada sobre os móveis. Era domingo: dia de folga. A luz azul da tela do celular corta a sombra do quarto, iluminando o rosto da mulher. As cobertas soterrando o corpo, camadas de terra, o colchão sem lençol, areia movediça. Absência ecoa pelas paredes. Ela deixou de ser um indivíduo e se tornou uma consequência. As horas se demoram e se repetem. Eu e as baratas na parede, cantamos em coro um réquiem. A chuva vem sem aviso e começa a estalar os telhados de zinco. Percussão é adicionada ao réquiem. Porto Alegre colapsa quando chove, e milhares de bitucas de cigarro podem ser observadas nadando ao lado da calçada. Algumas ruas alagam até a altura do joelho, fica então evidente todo o charme boêmio das bocas-de-lobo entupidas. Nem mesmo os trovões próximos causam alguma reação, ela segue rolando o feed. Naquele momento, no canto do quarto, entendo meu ódio por Matheus e D'Allagnol. Me enxergo neles. Próximo das 22h, nenhum de nós tínhamos comido nada, uma lágrima brota do canto do olho, subproduto de um bocejo. Um raio atinge a distribuição de luz da rua, uma explosão esverdeada atravessa o TNT. O impacto faz com que o sistema de luz do prédio entre em meia fase e os interfones comecem a tocar todos em sincronia, adicionando a textura sonora dos metais ao réquiem. Somos agora uma sinfonia completa de miséria. O som dos interfones perturba a homeostase, lágrimas transbordam não mais disfarçadas de bocejo. Agonia, um rato preso no labirinto ela tapa a cabeça. O choro se intensifica. O toque do interfone pode ser entendido ao nível racional como uma falha, mas desperta uma reação pavloviana de esperança, e esperança é uma virtude triste. Talvez seja Matheus interfonando do portão, talvez as

coisas melhorem, só preciso me esforçar mais um pouco, tentar mais uma vez. Talvez naquele universo, a explosão verde seja uma mensagem de um mundo diferente, talvez naquela noite os mortos falem pelo telefone. A esperança que faz Lúcia cobrir o rosto e esperar que o telefone pare de tocar, é a mesma que a faz levantar e atender na espera de que alguém esteja do outro lado. Por alguma ironia do destino, quando ela atende o interfone toca a nona sinfonia de Beethoven. O som cessa quando cai a última fase da luz do prédio. Lúcia senta no chuveiro e chora baixinho, água fria na nuca, o chuveiro era elétrico.

O tempo tem essa mania de passar rápido e devagar, os instantes parecem infinitos, não é isso. O presente é uma prisão infinita, tomado por pensamentos excruciantes. Em retrocesso, o dia passou rápido demais, engolido por reflexões vazias, uma vela que se apaga, uma semana se passou. D'Allagnol chega em seu apartamento, pelas janelas o resto de pôr-do-sol invade tímido, escondido atrás da chuva. Luzes acesas, barulho na cozinha, o filho corre para cumprimentá-lo. “E aí Lito, como foi seu dia na escola?” - pergunta para o menino de cabelos encaracoladinhos, o homem estava longe dali. Ele caminha pelo corredor, uma assombração na própria casa, passa pela velha pintura, uma árvore morta em tons de laranja. Na bancada da cozinha americana, a esposa, ainda com roupas do trabalho, prepara algo para alimentar a criança. “Boa noite meu amor”, “boa noite”. “Bebeu?” - talvez a fala embolada, o passo capenga, o olhar distante, o medo do passado, “óbvio que não, só estou explodindo de stress, mataram um cara no prédio onde eu trabalho semana passada, o vídeo viralizou na internet, você viu, não me sinto mais seguro”, “Ah é. Foi bem surpreendente, chocante até, nunca se sabe quando uma coisa dessa pode acontecer com a gente” - ela desarma a situação, o rosto ameniza, a desconfiança permanece em seus olhos, termina de preparar a janta do Hipólito, que por causa de um personagem de desenho animado, tornou-se Lito. Depois das formalidades diárias do ser pai, senta de pijama com suas meias beges de compressão. A cabeça, ainda cheia de um volumoso cabelo castanho-claro, se movimenta impaciente. Ele fala baixo, para não “incomodar a família”: “Como manter o senso de responsabilidade com uma luz como aquela brilhando no consultório. Aquele breve sorriso, aqueles olhos, aquele sofrimento. Aquilo são seres humanos de verdade. Que sentem, que sofrem. Não aguento mais essa vida miúda”. Ele toma notas, sonha em um dia completar seu livro, sempre sonhou em ser escritor, mas o mundo mudou. Impossível sonho mais condizente com a personalidade daquele homem. Escrever livros é sobre narcisismo. Se fosse pela elegância e pela arte, escreveria poesia.

Vendo aquele homem pequeno, me vem à cabeça as noites que passei no complexo. Depois de sair da oficina do Moreira eu a vi lá, acorrentada. Tento esquecer, mas está cravado em minha memória. O prédio principal tinha dois pisos, no superior os escritórios dos capitães e do Major. Embaixo, no porão, uma sala ampla de azulejo

branco com um sistema de som embutido. Uma cadeira de madeira pregada no chão, ligada a uma rede elétrica, dois discos de vinil, e uma goteira constante. A música era nojenta por si só. Tocava em momentos aleatórios, mas de preferência quando ainda tinha gente trabalhando no andar de cima. O som vazava pelo chão todos se mexiam desconfortáveis nas cadeiras. Eram sempre as mesmas duas: *Pare de Tomar a Pílula* - Odair José e *Jesus Cristo* - Roberto Carlos. Não tinha privada na sala branca, nem ao menos um balde. Outros objetos entraram e saíram, como cabos de vassoura e ferramentas em geral. Tem uma pequena abertura em uma das paredes, que conecta o porão à galeria de túneis. Eu lembro do Major “esquecendo” de amarrá-la. Tentou fugir, encontrou uma porta preta e a risada do homem. Estar no complexo era como estar aprisionado dentro da cabeça do Major. Lá ele controlava cada canto e conhecia as sombras pelo nome. Onipresente. Emergia das paredes. Onipotente no porão. Ninguém mais entrava, com exceção do médico de confiança, para cuidar das feridas da prisioneira e se necessário, conduzi-la a ala médica. Esse médico dizia coisas gentis e a consolava, dizia que tudo tinha propósito, esperança, outra face da tortura. Major passava dias no porão depois de terminar, ele mesmo limpava, tinha prazer em esfregar os azulejos. Eu me lembro do cheiro, no meu segundo dia sentei ao lado de uma Lúcia já transfigurada, estava há dois meses em cativeiro, ela me reconheceu mas não conseguiu falar nada. Mesmo à noite, os refletores permaneciam acesos emanando uma forte luz branca, posicionados no teto a fim de minimizar a sombra. Em busca de algum conforto, encontro nos meus velhos jornais algumas boas notícias. Dizem que as boas notícias têm poder curativo. Li em voz alta. Comecei por esportes, por não saber o time de sua preferência, contei sobre as vitórias dos dois rivais da capital, evitando encontros diretos. Depois algo sobre uma menina do interior que criou uma sala de aula para ajudar a alfabetizar os pequenos. Narrei a previsão do tempo e o horóscopo. Ela respondeu com uma tosse seca, que terminou em respingos de sangue. A música recomeçou, foi demais para mim. Fugi.

E D’Allagnol, e o presente? Ele dormiu com o barulho da chuva, escorado na poltrona de couro do escritório depois de escrever meio parágrafo da próxima grande obra da literatura brasileira. “Qualquer dia desses, você vai se fundir naquela poltrona” - dizia a esposa do homem, “Vou acordar de manhã e você vai estar lá uma bola imensa de carne humana e couro sintético”.

O coração bate no centro, espalhando o sangue pela capital, as bolhas de detergente flutuando no arroio Dilúvio sob o céu rosa da manhã e vermelho do fim de tarde. A embolia pulmonar se propaga. Enquanto isso, as cegonhas, como glóbulos brancos, comem o lixo que flutua em frente a Pontifícia Universidade Católica, e depois segue o fluxo pelo mundo abandonado da Ipiranga infinita. As torres gradeadas da subestação de energia elétrica, uma das bainhas de mielina espalhando os impulsos nervosos pelos axônios/fios de luz. A cidade vive e a Ipiranga me dá saudade de casa. À

esquerda de quem segue o sentido arterial (centro para as periferias), uma procissão de mortos usando capas brancas e chapéus de feltro tradicionais adquiridos no bolicho do gaudério em Chapecó. Mais um pouco, se termina o açude, se entra na Bento. As motos se multiplicam e cortam o trânsito, enxame. As ambulâncias, janelas arrombadas, gritos de bêbados, festivos ou não, viram um eco na memória do centro. Nas proximidades de Viamão é possível acordar com sons de passarinho.

Ao lado de um sobrado, com bicicletas no telhado mora outra vítima do Major. Tenente 2. Nos últimos dias ele tem chegado tarde em casa, transtornado. Ele mora em uma casa pequena de dois quartos, com a mãe e dois irmãos menores, no centro, uma sala e aos fundos uma cozinha apertada, era inconcebível que alguém cozinhasse tão bem quanto a mãe do Tenente 2 em um ambiente onde mal era possível abrir os braços. Apenas um banheiro, no momento uma cortina faz o papel de porta. Nos fundos da casa há um quintal. Simples, mas a mãe faz questão de que os filhos mantenham a grama aparada e lixo fora do quintal. “Um dia isso vai virar um belo jardim”. Uma noite Tenente 2 chegou tarde, cansado, a mochila preta fazia-o assumir uma postura curvada, tem algo de mitológico em seu andar, dentro da mochila carregava a morte. Largou desleixadamente ao lado da porta. A mãe e a irmã dividem uma cama de casal no quarto ao lado, o irmão ainda pequeno dorme no sofá da sala, mas não acordou com a porta.

Tenente 2 chega em seu quarto particular, a mostra no canto três pares de tênis somando um total de 36 molas e mil e quinhentos reais. Um preto com vermelho, um todo preto e outro roxo com listras pretas. Além dos tênis, muito da comida daquela casa vinha do salário do garoto, o sofá, as camas, tudo parcelado por ele. Ele sonhava em ver a mãe aposentada e a irmã em uma escola particular, ainda não tinha dinheiro para isso, mas quem sabe um dia ele poderia se tornar o Capitão 2 ou, até mesmo, o Major 2. Nas últimas noites a ambição de tornar-se Capitão foi manchada pelos grunhidos moribundos de Bronson, Tenente 2 se remexia na cama, suava a ponto de encharcar os lençóis, pela manhã culpava o calor das noites de verão da capital. Uma noite gritou a ponto de acordar os vizinhos. Insônia e noites mal dormidas são cumulativas, os dias vão sendo invadidos por uma névoa de cansaço e o real começa a ficar cada vez mais distante, tudo um grande sonho lá longe. Do ponto de vista prático, a atenção fica mais escassa, pequenos erros se materializam, documentos são preenchidos com as datas erradas, prazos esquecidos, mochilas deixadas na frente da porta da sala. Independente de justificativas e construtos lógicos, as noites continuavam quentes, os moradores mantêm as janelas entreabertas, os mosquitos invadem os cômodos e atrapalham o sono. O irmão mais novo, depois de muito tentar dormir, decide se levantar e caminhar pela casa. A atenção do menino se volta para a mochila de feltro do Tenente 2, jogada ao lado da porta, só podemos imaginar o que se passou na cabeça dele, um item mágico e proibido sempre longe do alcance em cima

dos armários. As mãozinhas travam uma batalha feroz contra os nós que se defendem dos avanços e se entrelaçam cada vez mais. Mas a persistência da curiosidade infantil venceu. Eu cruzo a sala para descobrir o que estava escondido. Uma farda embolada e salgada de suor é removida, revelando uma peça preta e metálica de fabricação nacional. Ele pega a arma com fascínio, a pistola Taurus TS9, fica um pouco pesada e desproporcional para as mãozinhas do menino, mas ele logo se acostuma, ‘eu sou o homem de ferro’, fala baixinho para não acordar ninguém. Rodopia pela sala, emitindo onomatopeias discretas, quando de súbito para. Se vira para um dos cantos da sala. O super herói mirim toma um susto. Ele aponta a arma direto para mim, o indicador escorrega devagarinho em direção ao gatilho, a sala vai ficando maior e maior, o mundo inteiro encapsulado em um cômodo, meu peito dói. Me vejo refletido nos olhos do garoto e sinto saudade da minha própria inocência. Queria poder olhar nos olhos de alguém e ver mais do que o meu próprio reflexo. Um grito de mulher interrompe o momento, ele se vira em um salto, esconde a pistola atrás das costas e faz cara de culpado enquanto a mãe aterrorizada deixa cair o copo da água que veio buscar. Tenente 2 emerge do quarto pronto para o combate. Ele olha ao redor da sala e vai imperativo até o irmão menor, os passos pesados de oficial do exército, a cueca preta convertida em farda. Vê a arma nas mãos da criança, dá um tapa na cabeça do menino, arranca a arma das mãos. “Quer morrer moleque?” - fala alto, “não”, “Não ouvi, quer morrer moleque?” - fala mais alto, “não” lágrimas brotam junto com o orvalho da noite. “Aé?” - Tenente 2 aponta a arma para a testa do irmão e puxa o gatilho. A bala não saí, só um estalo seco da trava de segurança, “então não mexe no que não te pertence” - Tenente 2 bota a arma na cueca e volta para o quarto.

O tempo dilata, o suor escorre, a noite aumenta. Na altura média da rua Ipiranga no hospital militar os pacientes sonham. Em um quarto específico, Bronson em estado de coma, o faxineiro sobre ele. O macacão azul escuro da empresa terceirizada reflete na luz da lua cheia, o manto da morte. Conhecemos a forma dos ombros. A porta do quarto, nessa noite em particular, foi deixada destrancada, entrou por ela, José, nosso herói de cinema com sua jaqueta de couro e anel de prata gravado com a figura de São Jorge, junto com ele, pelas frestas da percepção entram as bactérias e os voyeurs. Os dois homens se curvam sobre o resto de homem em coma, as bandagens no pescoço, tubos no nariz, e o som calmo das máquinas na mesma frequência do coração distante do centro. O faxineiro, João, corrige a postura arqueada para respeitar a formalidade da cena, as largas costas seguem musculosas apesar da idade, os ombros assimétricos herança de uma vida de trabalho braçal. O anel de prata reflete as preguiçosas ondas verdes do monitor cardíaco enquanto a mão de José pressiona o travesseiro contra o rosto inerte de Bronson. João agora dá uma última olhada na história mais velha que existe, a das crianças vingando as dores dos pais. A vida vira passado, as histórias se combinam e crescem, tornam-se maiores que a própria vida e depois de olhar de longe por muito tempo, a vida é só um sonho.

Os primeiros visitantes do apartamento do defunto, chegaram antes de mim. Logo depois de receber a notícia da morte, os abutres lá estavam sob o pretexto da limpeza. Usavam os uniformes com o rosto de seu mestre. Reconheci alguns dos rostos da oficina, Moreira devia estar escondido em algum buraco, esperando a hora de retornar. O verdadeiro objetivo dos homens eram os posters vintage de filmes de cowboy, alguns eram impressões originais de cartazes valendo de 2 a 3 mil reais. Além disso havia a coleção de relógios, nada tão valioso quanto um rolex, mesmo assim os 5 relógios combinados valiam uns 3 mil reais no varejo.

Todas as consequências das pequenas otimizações da vida profissional em uma caixa de papelão, santas de pedra choravam sangue: uma mistura de plaquetas duras e coaguladas com sangue novo viscoso, vinho assemblage. José Maria de Almeida não se considerava um religioso, sempre cultivou um materialismo do saber comum, a crença de um dia de cada vez, acreditava na presunção de inocência do universo. Mas essa noite ele agarrou-se à metafísica. Enquanto fumava, se convenceu de que a mãe o olhava do céu, satisfeita com o resultado da guerra justa, e Bronson se lamentava no inferno afogado em vinho assemblage. Traz muito mais satisfação imaginar os inimigos punidos do que as mães canonizadas. Além disso, a logística do inferno é muito mais simples de visualizar, e toma tantas formas quanto cabeças existem no mundo. Desde poços de fogo povoados por demônios magros com cara de bode, até salas mal iluminadas sem espelhos e amores distantes. José tinha esperança de que Bronson estava sendo punido, se ele sofresse um terço da dor que infligiu já seria suficiente. Ao aceitar a realidade do inferno, José Maria de Almeida dormiria um sono pesado e sem sonhos. Acreditar que tudo acaba em um vazio infinito seria doloroso demais. Para mim é um pouco mais fácil, o inferno já me acompanha, com sua arquitetura monolítica e uma estrutura de 64 x 64, pior do que isso, ele se tornou uma conveniência, minha casa. O acervo da vida.

Capítulo 15 - O Incrível Mundo de Mau-Boro:

Extraído do diário de sonhos da Lúcia:

“Palavras chaves: Areia, praia, vô, carro...”

Descrição: Começo em uma balsa em um lago; sol forte; movimento e sensação de leveza; de repente para, chão de cascalho até as canelas; não tem mais água; tento andar; pés parecem presos, enfiados em solo molhado. Pareço não sair do lugar. Longe fora do cascalho em cima da areia um bar; ao lado um táxi branco, janelas abertas, ninguém perto; O sedan branco velho; me concentro; chego na areia; perto do carro a areia não afunda; olho pra trás areia começa a surgir debaixo dos cascalhos; Espero, reparo numa placa; símbolo de trânsito para táxi tento olhar os números, mas tudo borrado, lembro que é sonho; Matheus diria que a diegese do sonho foi quebrada,

mas ele não está nem aqui nem no sonho; O vô chega, novo, cabelo preto, sem rugas, de polo vermelha; sento atrás; pro farol; boto o cinto, esta pesado, cheio de areia; suja minha camisa preta.

Olho pra fora, várias colinas com um pouco de verde só em cima, nos picos redondinhos; o resto tudo areia dominando, só umas pedras escuras saindo do meio das dunas. Reparo nos bancos do carro tudo cheio de areia, nas frestas do banco. Olho no retrovisor; o vô envelheceu, cheio de rugas na testa; Começa a sair areia do meio das rugas, o cabelo fica só no topo, igual o verdinho das montanhas, só no topo, o resto tudo areia, tirando as verrugas pontudas e pretas, areia saindo das dobras da camisa, da minha boca.

Lúcia, depois de sua consulta semanal, segue Maria Inês até uma garagem na zona sul, a última fronteira da civilização. Foram de ônibus, nenhum de nós três pagou passagem, Lúcia foi apresentada ao motorista como Luiza, um nome falso para evitar suspeitas, entramos pela porta de trás. Muito menos divertido do que se arrastar por debaixo da catraca, muito mais digno para damas de tamanho calibre. O sol a pino, nuvens de algodão parecem bordadas no céu. As casas de um piso enfileiradas nas avenidas de paralelepípedo. As zonas sul e norte parecem à continuação natural uma da outra, dedos das mãos, dedos dos pés. Irmãs separadas pelo centro. No caminho, em cima de uma neopent, uma cruz velha de madeira enrolada em luzinhas amarelas, as lâmpadas do terceiro quadrante cartesiano da cruz estão queimadas há algum tempo. Ali perto, no jockey clube, você pode assistir aos cavalos carregando os sonhos dos outros nas costas, condenados a correr para sempre. Dentro da garagem, um grupo seletosentado em cadeiras de praia distribuídas em círculo. Depois de devidamente sentados e organizados, sobraram três cadeiras vazias. Carregavam cicatrizes na alma, viam fantasmas na visão periférica, nos cantos dos cômodos, no horizonte. Uma certa nostalgia vazava pelas frestas das expressões rígidas, areia, uma busca pelo antes, pelo início. Antes de pertencer ao mundo de mau-boro povoado por cowboys, e pela espessa névoa da morte. No centro, uma caixa preta, um bloqueador de sinal. Dentro os ali presentes, começamos pelos conhecidos: um homem de ombros largos, cabelos brancos olheiras fundas e sobrelhas arqueadas, parecia ter saltado das páginas de Gabriel Garcia Marques, uniforme de terceirizada. João. Um pouco mais a direita nosso querido homem de guerra. Sandro. Ele estava diferente, curvado, não era o homem altivo que entrou na oficina, as pernas tremiam, parecia um pinscher. José, ao lado de Sandro, aguardava que as mulheres tomassem seus lugares. Por fim, outro, desconhecido, isolado em um dos cantos, um boné vermelho cobria sua face, parecia tentar se camuflar na cadeira, usava um nome diferente a cada reunião. José era o único que sabia o verdadeiro. Com a nossa entrada na oficina, ele levanta o rosto, fica possível ver a imensa cicatriz de queimadura que engoliu o lado direito de sua face. A mancha, vermelho escuro, manteve o formato do combustível derramado, a

natureza ondulada e retorcida da pele contornava os olhos azuis assimétricos, o direito sempre mais caído, empurrado pela cicatriz. Um vazamento de petróleo sobre o mar.

“Boa noite, depois dos últimos acontecimentos, essa minha casa de infância vai ser revistada nos próximos dias pelos nossos colegas do BEIP, lógico, primeiro eles vão no apartamento da mãe, mas eventualmente vão chegar aqui. Eles ainda estão monitorando, nos resta apenas contar com sua capacidade profissional. Como vocês perceberam, hoje temos uma convidada diferente do habitual, e o número de cadeiras vazias aumentou, por isso gostaria de tomar um momento para lembrar. Meu pai era um homem comum, operário de uma fábrica, interessado demais por sindicatos, gostava de tocar violão no fim de semana. Um dia, voltando de um piquete, não chegou em casa, ouvimos gritaria e sirenes de polícia. Por um tempo a gente achou que ele tinha nos abandonado, até que uma enfermeira amiga da mãe ligou lá pra casa, e avisou que o pai estava no hospital. Encontraram ele no acostamento da estrada pelado no meio do inverno, pensaram que fosse algum maluco qualquer. A ressonância mostrou que o cérebro dele tinha encolhido de tanta porrada na cabeça. Ele não chegou a reconhecer a gente, só falava do Major e do complexo. Morreu logo depois.” - José, agora com um arco dramático intrincado e complexo, recheado de traumas do passado e a recente perda da mãe. Ele não era mais um herói inconsequente, era agora um herói trágico; grego. Maria Inês respira fundo e abre a boca para falar, ela começa com a postura impecável, o casaco da firma de transporte como uma capa de rainha:

“Eu gostaria de falar também, eu ainda sinto que meu filho poderia estar aqui hoje falando da mesma maneira que falou em Brasília quando fomos receber o pedido de perdão.” - a postura começa a baixar, como se a gravidade tivesse aumentado 25% - “Numa manhã de fevereiro meu filho Cacá, de um ano e sete meses, foi preso. Eu tinha saído, levaram a criança e a babá para o DOPS. Ambos ficaram sem se alimentar, sem água, sem nada, por um bom tempo. O menino começou a chorar de fome então os policiais deram um tapa muito forte que cortou a boca dele. No Rio Grande do Norte, onde ficamos até 1979, meu filho era chamado de terrorista, mau elemento, os meninos batiam nele. Os pais falavam pelas costas” - 50%, a voz dela treme, um barulho fino e agudo começa no canto da sala, baratinhas conversando - “ Em 2011, quando ele recebeu a indenização do falou claramente como se sentia, de como não se adaptava. Depois em 16 de fevereiro de 2013, com 40 anos, não deu para perceber absolutamente nada que meu filho estava triste ou deprimido, ele se suicidou na madrugada.” - 75%, olhos marejados, lábios tremem, de repente ela sente o peso dos seus 70 anos nas costas - “Inclusive mandou e-mail para os amigos se despedindo,

deixou um bilhete muito bonito para mim...²” - 100%, ao invés de quebrar em um mar de lágrimas ou algo do tipo, o rosto fecha. A resposta final do sofrimento é a apatia. Nos últimos dias já é a terceira vez que vejo esse rosto se manifestar, a primeira em Ivone no elevador, a segunda em uma das noites no hospital militar. Com o silêncio de Maria o agudo periférico toma o centro do ambiente, um monólogo pontuado por oscilações na voz, como se passado e presente conversassem entre si.

- “...eles fizeram alguma coisa com a minha cabeça, eu não sei o que. Mas não era eu naquela casa, era alguma coisa diferente. E depois me arrastaram igual um pedaço de lixo, o que aconteceu lá eu nem...” - a voz era de Luiza, e apenas esse pequeno trecho foi compreendido de forma integral pelos ali presentes. Depois de mais alguns murmúrios ela conclui assertiva - “ ‘eles’ não são pessoas só uniformes”.

O plano era encapsular Luiza em um roteiro, através do compartilhamento de traumas, fazê-la revelar informações sobre o complexo, aquelas pessoas eram versadas em métodos de interrogatório, haviam lido alguns dos manuais de seus inimigos. Tudo fluía, a ideia era José->Maria Inês->Sandro->João, e capturar as falas da nova convidada entre uma fala ou outra. Contudo, Sandro não conseguiu seguir o script, em uma explosão de impaciência/tentativa de fuga, pula o próprio relato, ele havia diluído a dose, não merecia ser julgado: -“Eles são pessoas sim, tiram satisfação do que fazem. Essa parte de trauma a gente deixa pra depois, por que você não nos conta sobre o complexo?”, um homem prático; tentava ignorar o nível simbólico dos combates, talvez até mesmo o repudiasse, é do tipo que deseja a permanência estática dos símbolos para que na próxima encarnação possa lutar a mesma guerra costumeira, sem aprender nada de novo. Lavar suas mãos como a vítima do destino que é. Sua guerra é justa não é? Ele diluiu a dose.

Luiza paralisa, não estava mais cercada de companheiros de infortúnio, era apenas uma ferramenta sendo manipulada. O nível exato de paranóia só poderia ser descrito em um relato pessoal, mas não é difícil, para nós intelectuais, visualizarmos as infinitas possibilidades. Uma armação forjada por ‘eles’ para descobrir o quanto ela sabia, e/ou era capaz de lembrar. O assassinato de Bronson poderia ter sido planejado para confundi-la, como em um filme de máfia. Ela poderia já estar morta, presa no purgatório onde era forçada a encontrar algum sentido para o trauma. Pior ainda, pode ser que estivesse no porão, dissociada da realidade em algum sonho febril que logo seria quebrado. Mas no fim, ela apenas estava ali presente, consternada com a falta de simpatia do suposto colega de infortúnio, de quem conhecia tão pouco. Ela volta da terra do nunca, onde as pessoas não envelhecem, parecia estar com a cabeça dentro

² Inspirado no livro **Infância Roubada**, organizado pela comissão da verdade disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/livros/infancia-roubada/>

de um aquário, as mãos procuram seus curtos cabelos loiros. Maria tenta construir pontes para garantir o fluxo de informações importantes, não funciona, a fala de Sandro atrasou tudo.

“ -Como vocês sabem que eu estive lá?”

“-Muito mais gente já sofreu, já faz muito tempo que procuramos alguém que voltou. Precisamos de um plano concreto, uma estratégia sólida, um mapa. Você pode nos ajudar a construir esse mapa, já expôs um deles, facilitou para gente. Nem custou nada, pode facilitar de novo se for da sua vontade. ” - José intercede altivo e heróico, as entradas de luz pareciam estrategicamente posicionadas, formavam uma auréola dourada em volta de sua cabeça. José Maria de Almeida, um santo!

“E se não for, pode seguir sua vida de ratinha assustada” - cospe Sandro, Maria se prepara para emitir uma repreensão, mas Lúcia é mais rápida: ‘Se eu puder por uma bala na cabeça de alguém, eu concordo’. “ Você já atirou alguma vez?” - chave de ouro, como as ensaiadas no chuveiro para encerrar discussões passadas. O homem de guerra vence mais uma batalha. Incêndio. Ela se deixa consumir em silêncio. Tomada pela raiva, ela ainda não era como os novos colegas, ela ainda existia, um ser de potencial infinito. Passa a mão pelos curtos cabelos escuros.

A sessão acaba, do lado de fora da garagem observo a fachada da casa da frente. Parecia abandonada, mas entre as folhagens, se via o brilho amarelo da luz elétrica. O mato tomou conta do terreno, as plantas engoliram a porta da frente e os moradores se agachavam para entrar e sair. As raízes invadiram os tijolos expostos pela pintura rachada, a estrutura engolida, a natureza devorando seus mestres. Uma vida inteira podando, cultivando, garantido a pintura, pagando a conta de luz. Uma vida de cuidado e amor engolida pela violência natural, originada da terra. Uma senhora corcunda com a coluna curvada em um ângulo de quase 180 graus expulsa as folhas com a mão ossuda e bota a cabeça para fora da janela. O rosto da velha contraído em uma careta infinita, uma expressão indecifrável, plástico derretido pelo sol. Os olhos, como parafusos pretos, olham para os estranhos que atrapalhavam sua tranquilidade, os meus olhos encontram os delas, sou tolo o suficiente para não desviar o olhar. Ela junta forças de dentro do seu âmago, as cordas vocais balançam para remover a poeira. Nada poderia me preparar para o rugido que ecoa nos paralelepípedos e faz as folhas farfalharem: “DESLIGA ESSA ÁGUA!”. “Vai dormir veia” - responde Sandro como um verdadeiro cavalheiro. A senhora volta a atenção para ele e mostra um imponente dedo do meio com as juntas inchadas de artrite. José dá um último conselho a Lúcia e entrega um bilhete a ela, assegurando que perguntas seriam feitas pelos militares. Faltaram algumas histórias de origem, mais tarde escutarei a narrativa de João, pode ficar tranquilo meu amigo, compartilharei com você, mas tudo no seu devido tempo, seja paciente e respeite os mortos.

Depois da partida dos demais, José, Sandro e o homem do rosto queimado (HRQ) voltam para dentro da garagem. José recolhe as cadeiras, Sandro mantém seu padrão de movimentação nervosa e pede o refil de Haloperidol à HRQ. 'Quantos tu tá tomado por dia? Era pra tar mansinho, na reunião de hoje e deu aquele show', Sandro insiste em descrever ao médico a estrutura que crescia para fora de seu rosto, a resposta é seca e analítica: 'No dia que nós te encontramos na saída da oficina você estava em surto psicótico, vagando com dois tonéis daquela merda, balbuciando com a cara enfiada em um pano, dei uma Prometazina pra te derrubar, isso é um anti-histamínico, antialérgico, sua cara já começou a ficar normal na hora, era só uma reação alérgica aquela porcaria. Quanto mais tu usava, pior ficavam as feridas, não tinha nada haver com a coceira nessa tua projeção astral aí. Tu enxerga isso ainda?', Sandro acena que sim, 'clorpromazina pra ti então'. Eu queria que ele prescrevesse metadona, uma droga muito mais próxima dos cowboys americanos e do mundo de mau-boro, mas HRQ seguia o protocolo de drogas dissociativas, um homem da ciência. Entendo sua falta de tato para as narrativas, ele também acreditava na presunção de inocência do universo, 'ver pra crer', mas Sandro havia visto, eu também, era impossível negar a existência daquela figura de sombra na sala de vidro. José termina de recolher as cadeiras.

Um pequeno esquadrão de homens do BEIP, empoleirados como corvos em volta da casa, O líder da operação era capitão Evangelista com seus membros compridos e óculos circulares, ao lado dele 1 e 2. A cena da operação era uma casa de dois pisos com janelas mal posicionadas, que quando abertas permitiam aos transeuntes uma vista panorâmica da rotina dos moradores. No piso de cima: uma cozinha-sala-de-estar, dois quartos, e um banheiro. No de baixo: uma pequena garagem com cadeiras empilhadas no canto. Uma mureta de um metro e meio delimita o perímetro. " - *Na psicologia do humano civilizado contemporâneo, é difícil negar a importância da casa*³ - cita Evangelista com um cigarro entre os dedos esqueléticos. A polícia civil entra na casa. Tenente 1 mantém seu padrão de movimentação nervosa, queria entrar junto com os policiais, melhor, queria liderar a operação, queria aparecer no jornal. Tenente 2 imóvel ao lado do capitão. Um grupo de policiais identificados pelos coletes abre o portão do muro e entra no pátio, logo arrebentam a porta. A mídia já chegara na cena, por isso os homens do BEIP estavam distantes, sem farda, misturados com os vizinhos que saíam das casas com os celulares apontados. Cada centímetro monitorado com diferentes qualidades de resolução. Fico com os agentes ao invés de profanar a imagem da família Almeida. Lá dentro daquela mureta estavam os anos sobrepostos, a psique da família. Mãe, filho e a memória corrompida do pai, o remorso das paredes, a solidão, os sonhos, a esperança e realidade no fim das contas. Os policiais ao longo do dia tiraram caixas e mais caixas de dentro da casa, era

³ Trecho retirado de **Anatomy**, Kitty Horrorshow - disponível em: <https://kittyhorrorshow.itch.io/anatomy>

possível vê-los pelas janelas, com os pertences nos ombros, se moviam como formigas. Todos faziam a mesma trilha demarcada por feromônios, eles iam do caminhão até a casa com as mãos vazias, e de lá voltavam com caixas de papelão cheias. Assim por horas a fio. Uma pequena pilha de bitucas de cigarro se juntava aos pés de Evangelista. As unhas do Tenente 1 estavam no sabugo, queria ser visto, o dia passava. Restavam poucos curiosos gravando quando um dos policiais fez o seu trabalho bem demais. Em uma das paredes ele encontrou um fundo falso, investigou, foi premiado com uma explosão. Havia uma bomba ali dentro. O policial em questão não sobreviveu, seus colegas sofreram ferimentos de diversas naturezas, um deles veio a falecer mais tarde. Mais dois funerais. Uma das paredes desmoronou, a noite invadiu a casa. “Isso acontece quando uma casa é abandonada, ela começa a criar dentes.”, diz Evangelista entrando no banco de trás do carro à paisana. Eles voltam para o complexo, algumas horas depois, chega o caminhão carregado com as caixas de papelão etiquetadas com o cômodo da casa de onde foram retiradas. Evangelista Seleciona algumas e leva para sua sala pessoal, as demais ficam aos cuidados dos Tenentes 1 & 2 no almoxarifado. O capitão escolheu três caixas: sala-de-estar, quarto principal e quarto do filho. O coração e o subconsciente da casa, sintetizados ali. Ele se senta no centro de seu escritório e estica os membros como um polvo alcançando dentro das caixas revirando os pertences, sem medo de bombas ou qualquer outra armadilha, total confiança na própria sorte, uma arrogância natural e necessária aos homens de ciência.

“ Tinha pintado de cores mais sinistras

Sua já, por sinistra, renomada heráldica.

Da cabeça aos pés está todo vermelho,

Horrendamente tinto pelo sangue de pais, mães, filhas e filhos,

Cozido e retostado pelas ruas em chamas

Que iluminavam, com luz diabólica,

Os seus vis assassinos.

Assado em ódio e fogo,

A estatura ampliada pelo sangue coagulado,

Esse Pirro infernal de olhos de rubi caçava o velho Príamo.”

Lúcia deitada; já era tarde. Alguns minutos depois das duas da manhã a respiração desacelera e ela se vai por alguns minutos. A paz do sono dura pouco, ela fala algumas palavras que logo se agrupam em um grito agudo que ocupa o quarto por

inteiro. O quarto fica mudo. Por volta das quatro, ela acorda, faz algumas anotações no diário dos sonhos da Lúcia e vai ao banheiro. A valsa dos lençóis recomeça e perdura até de manhã. Enquanto ela se veste, as costas magras, a postura torta, alguma fratura de costela mal cicatrizada. Parecia uma cena do filme Maquinista. Aproveito para desbravar os mistérios da noite anterior.

Extraído do diário de sonhos da Lúcia:

“Palavras chaves: Vô, espingarda, fazenda, pássaro, cachorro...”

Descrição: Dia na fazenda velha do vô. Ele usa a flanela preta e vermelha, calça cáqui e sandália. Unhas do pé muito compridas, saindo para fora dos dedos. O sol tapa o rosto dele. Estou pequena, como criança, vendo de baixo. A vô fala alguma coisa. Não dá pra ouvir, parece debaixo da água. Ele responde, ao invés de voz sai latido. Latido de cachorro grande. A vô responde de novo, como se estivesse embaixo da água. Ele caminha até o pórtico da casa. Tira espingarda debaixo de uma madeira solta do piso da varanda. Casa velha, da fazenda. Os passarinhos começam a voar barulho de moedas, dourados refletindo o sol. Vô puxa a espingarda aponta pra eles. Atira. Um dos passarinhos dourados cai do céu. Na grama na minha frente. “Que lindo vovô, olha, amarelinho!”. Vô ignora e vai até o passarinho, asa bate ainda, barulho de moeda. Vô se abaixa, pega o corpo do bicho e come cru. Arranca a cabeça com os dentes. A cara do vô aparece. Longa de cachorro. De doberman. ”

Capítulo 16 - Experimento Mental

Quinta-feira, você acorda. Até ontem você era o motorista do Major. Às vezes ele até contava histórias de vida, uma em particular te marcou:

‘Hoje vou te contar uma boa Tenente 2. Em 2004 eu fui para uma missão de paz no Haiti. Você que era do interior? A não esse era o Tenente 1 né. Enfim, você sabe, quando bicho morre, a carcaça incha e explode por causa dos gases acumulados, sai vísceras, tudo pra fora. Lá em Porto Príncipe morria gente todo dia, os corpos jogados nas calçadas acumulam gases, incham. Eu e meu colega, armados com espingardas de bala de sal, íamos atirando nos corpos mortos de barriga inchada, descomprimindo’

Ontem, um motoboy surgiu do nada na Ipiranga, acertou o lado do carro à paisana. Hoje de volta ao transporte público. Por causa da hora sua mãe ainda está em casa e percebe a falta do carro, pergunta sobre ele, o dia já começou mal. O sol nasce no horizonte e tinge o céu de rosa, a caminhada até a parada de ônibus é nostálgica. A grama ainda úmida do orvalho sob as suas botas, o som das motos, o cheiro de pão novo do mercado da esquina. Talvez você estivesse mesmo precisando de uma folga daquelas histórias. Só pegar o ônibus e ir trabalhar como uma pessoa normal. Só mais

um dia no escritório. Mas é impossível parar de pensar no grunhido de Bronson no elevador, na bomba, nos sons do porão do complexo.

Na parada, você torce para o ônibus se atrasar, suas mãos começam a suar, seu âmagô sabe que a cada segundo está mais próximo do complexo. Você começa a barganhar consigo, “*só mais hoje...*”, sussurra baixinho enquanto caminha com passo nervoso de um lado para o outro. Os grafites e anúncios presos à parada prendem sua atenção por alguns segundos. A possibilidade de alugar algum daqueles quartinhos expostos na folha invade seus pensamentos, mas é impossível, o ônibus chegou. Cumprimenta o motorista e a cobradora, uma senhora muito simpática de olhos azuis e cansados. Conseguiu um dos últimos assentos disponíveis no ônibus lotado. No caminho o suor das mãos intensifica, uma dor no peito começa, seus olhos embaçam. O ônibus para, sobem dois homens, um de bigode e rosto levemente avermelhado. Todos os assentos estão lotados agora, eles são forçados a ficar de pé ao seu lado. A viagem parece estar em câmera lenta, o ônibus parece separado do mundo, flutuando no vazio. Você olha pela janela, tenta entender onde está, mas a janela parece uma tela de cinema, a rua é um filme, a resolução diminuindo a cada metro.

Os arredores ficam familiares, por entre a névoa de baixa resolução você reconhece a silhueta da farmácia na esquina, em frente à loja de móveis, esta voltando a si. É necessário expandir e comprimir contra a massa viva de pessoas para desembarcar. Antes que a massa reponha a homeostase, os homens seguem ágeis pelo corredor criado por você. Os degraus do ônibus são a última coisa da qual você se lembra antes de descer. É natural, depois de uma pancada na cabeça, a perda de memória recente. O golpe não foi desferido no veículo, mas todo o trajeto se perdeu, é provável que enquanto estava sendo arrastado, ainda grogue, tenha feito a mesma pergunta repetidas vezes: “*-Que horas são?*”. A consciência começa a voltar em decorrência dos tapinhas no rosto desferidos pelo homem de bigode que sorri pra você:

“-Bom dia.”

Dentro de uma loja de conveniência abandonada, tímidos raios de luz escapam por entre os furos nos sacos pretos de lixo que cobrem o vazio das antigas vitrines. Mesmo essa luz discreta já incomoda sua visão e te força a fazer careta. Você sente algo grudento no topo da cabeça. Eles conversam entre si e sua memória volta aos poucos. Uma vaga lembrança dos dois de pé ao seu lado no ônibus. A sua cabeça ainda dói, faz a conta, Já deve ser oito e meia passado. Agora não faz mais diferença se eles te matarem ou não. Com esse atraso todo o Major ia desconfiar de alguma coisa, ele já não ia muito com sua cara. Provavelmente ia te chamar pra conversar e depois te jogar no porão e se divertir por alguns dias. Se você parar para pensar bem, é até mesmo melhor morrer em uma loja de conveniência abandonada, assim dá para manter um pouco de dignidade, morrer igual homem. Se fechar os olhos e se esforçar o suficiente,

pode visualizar um quarto, igual aquele da parada. Você pode sentir o peso dos lençóis sobre o corpo, o conforto do armário branco de uma porta no canto da sala, recheado com os melhores tênis que o dinheiro pode comprar. E lá você morre, dormindo, ou de velhice, ou de qualquer uma dessas doenças nobres e indolores das quais as vovozinhas padecem. Mas essa não é a realidade, aqui entre nós, no mundo dos seres racionais, você está em uma loja de conveniência abandonada com dois homens desconhecidos que te arrastaram inconsciente até aqui. Dois homens que não se deram ao menos o trabalho de te amarrar. Eles te subestimaram, afinal você é Tenente Número 2, oficial do exército brasileiro, agente do BEIP. Se levanta e vai para cima do homem de bigode. O resultado é mais uma perda de memória recente.

“Tô te falando cara, o yoga não é milenar porra nenhuma, foi inventado nos anos 60 por um gringo. Ele era descendente de indianos, isso é verdade. Mas na real era só um dono de estacionamento rotativo que criou um sistema para relaxar os funcionários entre turnos. Era aquelas práticas de RH, interação, integração, como diz mesmo? Enfim daí se espalhou pelo mundo corporativo e surgiram aqueles merdas new wave tipo Alan Watts e aqueles papo da era de aquário e rolou um rebranding. Olha só, o príncipe acordou.”

Essa pérola de sabedoria invade seus ouvidos enquanto você senta com as costas apoiadas em uma prateleira vazia. A dor se espalhou para a parte da frente da cabeça, como uma coroa. Seu olho esquerdo está pesado, o que prejudica um pouco sua noção de perspectiva e confere ao mundo um caráter achatado, como se a realidade estivesse impressa em uma folha de papel. Agora são três pessoas conversando no ambiente, e você o quarto semi-acordado. O homem de bigode que discursava te oferece um cigarro, conforme ele se aproxima, ganha um caráter tridimensional, como que saltando da página. Você aceita, ele coloca o cigarro entre seus lábios, aproxima o isqueiro aceso, com esforço você traga. Ele acende um para ele.

“Olha colega, por que você não nos conta um pouco sobre o complexo?”

Um calafrio percorre sua espinha, como ele sabe do complexo? Você tosse, quase deixa o cigarro cair, mas não responde.

“Você sabe que fui eu que matei o seu amigo Bronson né? Ivone pode ter dado o primeiro golpe, mas quem viu ele morrer no fim fui eu. Esfaqueei ele bem no buxo 5 vezes, para arrancar bem pra fora mesmo. Foi tão nojento que eles acobertaram, disseram que foi falta de ar ou sufocamento no hospital. Você tem mãe né? Por que não abre o coração e a gente te envia bonitinho, com tudo no lugar pra ela poder te enterrar?”

Ele mentiu, você conseguiu uma pequena vitória.

“Viu isso em um filme? Eu vi o corpo de Bronson, foi sufocamento mesmo” - O homem se irrita e te dá um tapa de mão aberta na sua cara, o cigarro sai voando, o mundo gira, mas não o suficiente para levar sua consciência embora. ‘Gotta a light? If you touch me again i’ll kill you’. Você repara que nos dedos mínimo e anelar da mão direita que te acertaram no rosto, estão deformados, esmagados um contra o outro. Ele chuta seu estômago.

“Por que você defende esses merdas? Abre a boca logo.”

Ele cospe em você. O catarro aterriza no seu rosto, o cheiro invade suas narinas. Seu estômago se contrai. Mas você não faz nem careta, foi treinado para isso. Mantém a postura. Não é um chute na barriga que te fará trair seus colegas de profissão. O homem de cabelo branco que chegou por último sabia disso, ele impede o de bigode de se aproximar.

“Chega, Sandro.”

No momento em que ele declarou o nome do colega, fica explícito que você não sobreviverá ao encontro. Tudo bem, até agora sua maior indignidade foi um cuspe no rosto, coisa de criança. O homem de cabelo branco se aproxima, nivela o rosto com o seu. Você repara nas marcas fundas do tempo, olhar para ele era olhar para um campo de planalto em preâmbulos de chuva, daqueles que se vê pela janela do carro ao subir a serra. Ele não foi sempre assim, durante a vida já foi diferentes paisagens, essa última foi imposta, rasgada no rosto pelos meios da força. Contudo você não tem como saber disso, eu não te culpo. Afinal é a primeira vez vendo o homem assim tão de perto, mesmo tendo se deparado com as consequências de suas ações, não tinha como adivinhar que foi ele um dos autores do seu pesadelo recorrente. Aquele do homem que fazia barulho de porco. O velho abre a boca para falar.

Capítulo 16.5 - A história de um kinja

‘Na segunda metade de 1974, Pelo meio-dia, um ronco de avião ou de helicóptero se aproximou. O pessoal saiu da maloca para ver. A criançada estava toda no pátio para ver. O avião derramou como que um pó. Todos menos um foram atingidos e morreram. Enquanto isso, os homens vinham por terra com facas e revólveres. Tudo por uma estrada. João da Silva, esse nome eu peguei depois, na cidade.⁴’

Qual a paisagem original que foi roubada do rosto daquelas crianças?

⁴ Baseado na reportagem **Ditadura militar quase dizimou os waimiri atroari – e indígenas temem novo massacre**, de Kevin Damasio. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/04/ditadura-militar-waimiri-atroari-massacre-genocidio-aldeia-tribo-amazonia-indigena-indio-governo>

Capítulo 16.75 - Experimento Mental 2

Mais uma história de terror, por estar confrontando a própria morte essa chega diferente a seus ouvidos. Você vê seu irmão mais novo, com aquela merda de inocência infantil olhando para cima na direção do barulho do avião. Você consegue ouvir o choro da sua mãe enquanto o desgraçadinho se contorce de dor no chão com as costas vermelhas de brotoeja. Isso te remete aquela vez que vocês foram pescar com tio Cláudio, e o desgraçadinho comeu a isca dos peixes e quase morreu de choque anafilático. Logo hoje esse cara vem te contar uma história dessas. Logo depois do que aconteceu de manhã, do guri pegar a arma na sua mochila. Um nó na garganta. Imagina se o guri não consegue nem ver seu rosto uma última vez no funeral, por causa de um tiro na cabeça. A História de terror conquistou sua imaginação, todos os corpos que você ajudou a esconder, todos os desaparecimentos, produtos do seu trabalho. Produtos. Mais um dia na firma. Você percebe que não, nunca foi apenas colaborador, você é, das 7:30 as 19:00 (sem contar eventuais horas extras), um monstro. O tempo tira uma folga, todos em silêncio. Quem quebra o silêncio dessa vez é você. Fala sobre a produção em detalhes, descreve os espaços. Tudo o que você conhece, sistematizado. Um fluxo que começa com a prospecção dos subversivos, captura, análise e desaparecimento. Faz questão de pontuar que você colaborou apenas com um desses processos, antes fazia trabalho de infraestrutura, nem sabia o que acontecia naquela parte específica do complexo, só aprendeu mais tarde. E eles escutam.

Os demais começam a chegar, HRQ, o rapaz da moto vermelha, a senhorinha cobradora do ônibus, Lúcia. Se reúnem ao seu redor. José abre a jaqueta e puxa o revólver, formal ele alcança a arma para Lúcia, ela aceita. Você sabia que ia ser morto, mas na hora derradeira não consegue segurar as lágrimas. Os olhos e a boca inchadas de choro acentuam a infantilidade das suas feições para os observadores externos ali reunidos.

“Comunistas desgraçados, vocês nunca vão dominar o Brasil.” - As palavras escorrem no meio das lágrimas, com pouca força, uma última tentativa de entrar para história. Mas o desespero é mais forte, enquanto a mulher aponta a arma para sua cabeça.

“Eu não quero morrer, não quero morrer” - Luiza hesita, aponta a arma para o chão.

“Não era isso que você queria?” - Pergunta José ao tomar o revólver das mãos dela. Ela dá de ombros e vai embora.

“É mais fácil na TV né?” - finaliza José e entrega o revólver para Maria Inês. Ela aceita a arma, você olha para ela e súplica com os olhos, não é o suficiente. Você vê sua mãe no fundo do cano do revólver. Clichê.

Capítulo 17 - Os dias seguintes

Dia 01 quarta-feira:

“Ele morreu igual menino, dançando.” - me disse Maria Inês, sentada em uma mesa na Cidade Baixa, estava de vestido longo, óculos escuros e um chapéu, uma viúva de cinema. Ela me recebeu como a um velho amigo, nem precisei me apresentar. Sentei na cadeira de frente para ela, na mesa entre nós um filé ao molho madeira, que ela casualmente levava do prato para o chão com garfadas discretas e elegantes. Os pombos se reuniram ao redor da mesa, e brigavam pelas sobras. “Igual menino entende? Dançando, entende?” - era impossível saber se ela se referia à queda do corpo inanimado de Tenente 2, ou aos movimentos erráticos do próprio filho pendurado no teto na noite em que se matou. Sobreposição de estados. “Quando eu era jovem, e trabalhava dando aula de piano na loja do meu pai, tinham 40 mil carros em Porto Alegre. Às vezes parecia que você podia ficar sozinho na cidade. Hoje prédios e mais prédios, todos empilhados pelo centro, por tudo. Só de olhar pela janela do meu apartamento eu já me sinto pequena, tanta gente empilhada, cada janelinha alguém lá dentro. A luz acesa ou apagada, tanto faz. Tanta gente e eu ainda escuto a morte me chamar. Sabe meu filho?. Esses dias eu caí na rua” - ela tira os óculos para mostrar os hematomas no rosto - “Na frente do meu prédio, não tinha ninguém para ir no hospital comigo, ficou uma vizinha discutindo com o paramédico. Pelo menos é isso que comentaram no grupo do condomínio. Eu não me lembro muito bem, bati a cabeça no fim das contas.” - Ela respira fundo, olha para longe, por cima do ombro. Os garçons olham feio para a mesa, e as pessoas ao redor comentam sobre a senhora falando “sozinha”. Mais uma maluca do bairro, a única diferença é que essa tinha dinheiro para almoçar. “Sabe como é fácil matar alguém meu filho? Foi só puxar o gatilho já tinham até mirado por mim... Desde aquele dia eu nunca deixei de pensar no meu menino. Ele já tinha 40 anos, e ainda estava lá, preso naquele dia... Eu nunca consegui voltar a escrever, eu era jornalista sabia? Mas tudo bem eu conseguia trabalhar, ocupar a cabeça, seguir em frente. Eu sempre fui frágil, meu menino, ele era muito forte, terminou esmagado pelo peso da própria força. Sozinho.” - Eu não entendia por que não estava feliz ouvindo aquelas palavras. Era aquilo que eu mais queria, foi frustrante quando Lúcia não puxou o gatilho, mas agora, ouvir aquela senhora, era ouvir a voz do sofrimento da terra, destilado pelos mecanismos de purificação do corpo humano, e distribuído nas gotículas invisíveis de saliva. Ouvir aquela senhora me deixou triste. “Eu lembro quando ele ainda era novo e morava comigo, eu passava o dia todo no ônibus, trocava notas por moedas, moedas por notas e tudo era cinza. Mas no caminho de casa tudo se iluminava, as colocações dos passageiros viravam música...”

Dia 02 quinta-feira:

A luz natural causou reações mistas no apartamento de Lúcia, apesar de diminuir a atmosfera opressiva, ela também revelou as cicatrizes do abandono, a poeira acumulada, os espaços vazios, a pia do banheiro suja e o pó pelos cantos. Sarcófago. Depois de entregar a arma e partir, Lúcia arrancou o TNT das janelas, e nesse momento enquanto escrevo as palavras, ela varre o chão da própria casa. As costas magras curvadas sobre as tarefas do cotidiano.

Por que observar alguém realizando as tarefas do cotidiano? Por que ler uma história sobre alguém observando alguém? Essa resposta eu não tenho, mas pelo menos você está aqui comigo. De todas as possibilidades você escolheu essa. E eu te agradeço por isso, senão o que seria de mim? Mais uma árvore que cai na floresta sem fazer barulho. E o que seria de Lúcia, que antes existia dividida entre as memórias da minha vida e as páginas de um relato, mas agora ela pode se expandir e crescer dentro das suas imaginações, conquistar novos mundos.

Ela continua metódica até o fim do dia. Tem um sono agitado. As luzes fortes da rua invadem o quarto e garantem uma luminosidade espectral, como se o eco da luz entrasse no quarto. Efeito adverso da remoção do TNT. Para resolver esse problema ela estende um lençol sobre as janelas, mas o resultado foi mais simbólico do que prático. A conclusão desse dia pode ser na voz dela:

Extraído do diário de sonhos da Lúcia:

“Palavras chaves: espingarda, cordeiro, porta, cachorro...”

Descrição: É noite, vou para cozinha. Sento um pouco. Caminho pelo corredor que leva ao banheiro, no fundo uma porta vermelha. Sinto medo.

A porta está emperrada. Com mais força abro ela. Estou em uma região deserta. Lá longe uma casa abandonada. Na minha frente um cordeirinho, igual os da fazenda. Pego ele no colo. Vou para a casa. As paredes estão podres com infiltração, me lembro de Matheus. Lá dentro, uma criança correndo em volta de uma mesa velha. Mãe cozinhando na ruína da cozinha, dia que eu quebrei a cafeteira, alguns santinhos de nossa senhora da salete na parede e cartões postais do interior do Rio Grande do Sul. A mãe cantarola baixinho, me bate no rosto quando eu chego, doeu, ela não me levou no hospital esse dia, fiquei com aquela fratura esquisita na cara.

No corredor eu adolescente conversando com um garoto. Nós dois fumando cigarro. Na sala de estar eu no sofá cercada de lixo, garrafas vazias, pacotes de comida, frascos de remédio. Subo as escadas para o quarto principal, meus pés afundam nos degraus. Por fim, eu antes, com o cabelo comprido, sentada trabalhando, Matheus entra no cômodo e me dá um beijo.

De repente todo o cenário é interrompido por homens usando fardas militares e máscaras de cabeça de cachorro. Eles arrastam a mãe pelos cabelos, dão um tapa no rosto da criança. Espancam os adolescentes, invadem o quarto e arrastam a eu de antes pelas pernas, e botam um saco na cabeça de Matheus.

Eu abraço forte o cordeiro e saio correndo. Em volta da casa tudo virou um banhado de lodo, o cordeiro grita e foge. Mas eu continuo. Rápido. Mas os homens com máscara de cachorro vem atrás. Me arrasto pelo lodo. Lutando sem parar, mas os homens vão chegando cada vez mais perto. Vejo a carcaça do cordeiro, coloco a mão dentro de um talho no estômago. De lá saí a espingarda do vô. Viro. Na hora de puxar o gatilho acordo.

Dia 03 A sexta-feira:

Já faz um tempo que Tenente 2 não passa em casa. Sua mãe já tem dificuldade de trabalhar. Nos primeiros dias ela fez pouco caso, achou que era natural do ofício do filho. Ele nunca havia ficado tanto tempo sem dar notícia. Ela pediu ajuda aos parentes e os mais próximos vieram ajudar nas coisas da casa, levar as crianças para escola. Alguns deles queriam fazer camisetas e passeatas, outros falavam dele no passado. A comoção familiar durou pouco e como chegou foi embora, Tenente 2 não apareceu mais.

Dia 04 A segunda-feira depois daquela:

Depois chegaram as hienas. Um homem baixo com o cabelo preto duro de gel, camisa social de manga curta, calça social e bíblia debaixo do braço foi a primeira. Um pastor com cara de rato. Falava manso quando bateu na porta, muito diferente dos discursos inflamados do culto de quarta-feira à noite, a intensidade escondida no paletó que ele não vestia no momento. Ele falou do acolhimento da comunidade, de como ficou sabendo da perda dela e do que poderia fazer para ajudar. Falou também de como a região estava modernizando que estava valorizando tudo ao redor, e que às vezes pode ficar difícil manter o padrão de vida com um a menos em casa, mas que ele estava sempre por ali e que a porta da igreja estava sempre aberta para novos fiéis. Deixou um santinho com número de telefone. Os vizinhos vem reforçar as promessas. Hienas andam em bando.

Dia 05 A terça-feira depois daquela:

Ela se juntou aos demais, foi mais fácil aceitar a perda do filho assim, cercada de propósito e braços acolhedores. Depois de integrada no meio, foi visitada por uma hiena com feições mais familiares para nós telespectadores. O pastor voltou acompanhado por um jovem que tinha sobrenome de construtora. Eles fizeram uma oferta em dinheiro pela propriedade, e ela aceitou. Era mais fácil seguir em frente

assim. Mudar para se libertar da ausência. Nesse mundo de violência, quem vence no final são os que comem os restos. Constroem em cima deles, os grandes empreendimentos imobiliários. Concreto e vidro. Concreto e vidro.

Capítulo 18 - Despedida do Porco

Em uma das visitas a rede neopnet cara de rato encontrei um conhecido com olhos de convertido. Moreira estava abrigado em uma das igrejas do pastor. Ele foi recebido de braços abertos, era um grande amigo da igreja, havia contribuído com inúmeras obras da fé e auxiliando na compra de muitos terrenos, além disso seu secto era capacitado e trabalhava bem. Faziam manutenções e melhorias na igreja, em troca de abrigo. Contudo Moreira era um homem ambicioso, queria pregar. Era ridícula a ideia de que um homem cego pela fé recém descoberta tivesse o direito de pregar. Moreira deveria ter sido abatido, descartado, um produto defeituoso, contudo, parecia que cara de rato gostava de tê-lo por perto, uma lembrança da própria sanidade comparada ao comportamento errático. A representação viva de como uma mudança radical na vida pode te transformar em um ser patético, o antiexemplo. O BEIP sabia do paradeiro de Moreira, e Capitão Silveira decidiu continuar alimentando os delírios do homem. O Major achou a ideia divertida, o Néctar continuava fluindo.

Moreira e seus homens se reuniam na igreja no fim da noite, alguns de terno, outros com “batinas brancas”: lençóis com um furo para a cabeça. Eles se sentavam em círculo e escreviam o novíssimo testamento. De acordo com Moreira, o apocalipse já havia acontecido, foi aquele dia na oficina quando Irmão destruiu o novo Éden. Ele foi influenciado por Sandro, a segunda serpente, que matou seu Irmão e o convenceu a se voltar contra o profeta. O novíssimo testamento partia da concepção de que o Néctar, do qual Moreira se tornou usuário ativo, era o sangue de Deus, contaminado pelo sangue dos homens, especificamente dos Homens, no masculino. De acordo com o profeta, Deus havia tirado a própria vida, insatisfeito com o modo de vida cruel de suas criações, o trabalho havia sido desvirtuado pelo dinheiro, a beleza do ofício havia se perdido nas engrenagens da máquina. A felicidade do homem universal estava escondida dentro do trabalho servil, grandes profetas: receptáculos especiais da vontade revelados pelo Néctar, guiarão as novas gerações e darão sentido ao seu trabalho. O novo mundo será feito de milhares de microestruturas produtivas espalhadas pelo mundo, formigueiros. O novíssimo testamento era um tratado político.

Logo os boatos sobre as práticas incomuns dos homens de Moreira começaram a se espalhar entre os fiéis. As reclamações começaram pelos vizinhos. Os gritos. Eram gritos de delírio, de agonia, de liberdade, de êxtase. Limpavam patologicamente o salão da igreja, arrastavam os móveis de lugar, desmontavam e remontavam qualquer coisa que possuísse parafusos. Tudo em estado de inocência, uma tentativa de recuperar o bucolismo da oficina. Quando questionado sobre as atitudes, chegou a

conclusão de que a seus homens, faltava o componente do trabalho manual. Isso foi fácil de resolver, começaram a oferecer serviços para a comunidade, a um preço muito competitivo que revertia nas melhorias do templo e na qualidade de vida de cara de rato e seus assessores. O que incomodava de verdade a comunidade eram os olhos insanos dos homens que consertavam suas pias, seus telhados, limpavam suas caixas d'água. Olhos vazios, sorrisos extensos acompanhados de trabalho ultra eficiente. 'Bom dia, boa tarde, já ouviu falar do novíssimo testamento?', disse o homem que desentupia o ralo do banheiro cheio de cabelo. Uma família começa a se comportar um pouquinho estranho, nada absurdo, doses homeopáticas em uma caixa d'água. O culpado em questão foi repreendido pelos colegas em frente às cabeças da igreja, contudo, foi canonizado no novíssimo testamento. Um exemplo de como deveria ser feito o processo de conversão 'sugerida'. Como os olhos deveriam ser abertos pelo Néctar e pela palavra, 'espalhado na água dos cegos'. Os cômodos administrativos da igreja não eram lugar para fanáticos, ali prosperavam homens de negócios como cara de rato, os lunáticos e crentes deveriam permanecer sempre sob o púlpito, olhando o pastor de baixo para cima. Foi ordenada a transferência de Moreira e seus seguidores para uma das fazendas de reabilitação de usuários de drogas, da qual ficaria encarregado. Moreira foi relutante, ficar tão longe da fonte de dinheiro era duro para ele, mas percebeu a quantidade de trabalho infinita em uma fazenda, ficou feliz, decidiu abdicar do mundo material. O velho Moreira estava morto, não era mais um homem ganancioso, era um homem espiritualizado.

O Néctar se espalhava cada vez mais. Junto com ele as plantas cresciam, o mundo ficava mais verde, na própria igreja o jardim ficou maior e revoltado, causou frustração aos jardineiros que tinham que trabalhar dobrado para mantê-lo. Logo sentiriam falta de Moreira e seus homens. Moreira havia percebido que aos cristãos faltava um centro de convergência, um alvo para direcionar o imaginário religioso, onde a costura do céu e da terra se misturem em uma só e possamos, através do delírio coletivo ascender ao céu. Amém. Lá no interior, as almas perdidas viriam encontrá-lo, um templo de peregrinação, a Meca cristã, o Novíssimo Éden. Eu podia ter seguido o homem em sua jornada espiritual, mas antes da partida, em uma das reuniões noturnas do secto traguei o néctar, queria descobrir como era o castelo de um profeta. Foi decepcionante, o castelo estava dentro de seus olhos, nada demais, era um homem comum.

Capítulo 19 - Empatia

“Escrever é sobre empatia Cynthia! Como eu vou escrever alguma coisa se eu não estiver lá fora vivendo em?” - grita um D'allagnol alcoolizado. Escrever não é sobre empatia. Escrever é sobre controlar o leitor, dominar a respiração com sinais de pontuações e artifícios de linguagem, se fundir com o leitor como um vírus. Inserir novos pensamentos que se fundem com os antigos, e depois que tudo ficar homogêneo nos mecanismos da consciência eu me torno parte de você. Acredito que

D'allagnol também sabe disso, mas se recusa a acreditar que mais um de seus projetos é um delírio narcisístico puro, ele nasceu para mudar o mundo, ia fazê-lo através da literatura. 'Ajudar pessoas'. "Quem sabe você não tem um pouco de empatia comigo em? Ou então com teu filho? Seu bêbado! Essa bobagem de escritor era linda quando a gente era novinho, agora tu é só um marido de merda e um pai ausente", responde Cynthia. "Ausente? Mas eu sempre volto pra casa todo dia, sempre pergunto como foi a escola e tudo mais", "E tudo mais..." - concluí uma Cynthia pouco enérgica ao trancar a porta do quarto principal. D'allagnol ostracizado, nem pareceu se incomodar com o exílio. Foi com o passo de sempre em direção ao escritório. Não viu, ou fingiu não ver o filho que observava tudo por uma fresta na porta.

Enfim, sozinho. Senta na sua poltrona e olha para o teto, lá está ele, o soquete da lâmpada. O tempo fez o plástico branco se contorcer em um rosto de feições cruéis. Os dois parafusos que o prendem ao teto viraram pupilas, os sulcos em volta são olheiras. A lâmpada bem no centro, com seu brilho amarelado de tungstênio, era um nariz cômico e logo abaixo dele, uma rachadura profunda. A boca. D'allagnol fala com o soquete: "Eles tentam nos parar, nos censurar, começaram com esse design de interior escandinavo, tentaram te tirar de mim, mas consegui te manter aqui. Um último bastião de resistência, de inspiração. De quem eu sou, de quem eu era. Eles não entendem o que eu preciso fazer, eu preciso seguir meu coração. Parar de seguir. E ela me lembrou disso, aquele corpo franzino, o cabelo curto ela reacendeu minhas paixões, quem eu sou. Quem nós somos. Quem eu era. Eu sempre conversei com você por muitas noites enquanto morava sozinho e você sempre me ouviu sem julgar, mesmo agora todo retorcido ainda escuta. Talvez no fundo essa circunstância seja minha culpa, é verdade, pessoas apenas cavaram minha cova, mas eu me enterrei. Me dê força para mudar, para sair desse abismo, me lembre de quem eu era, do que eu sou." - Na solidão pessoas desenvolvem estranhos hábitos. Eu não sou imune a isso, de forma alguma. Não é à toa que caminho pelos cantos das salas. Porém nessa noite algo extraordinário aconteceu. O soquete respondeu. Eu não pude escutar, seria uma desonestidade intelectual da minha parte conjecturar o que foi dito ao psicólogo. Mas tenho certeza que respondeu, pude ver nos olhos do homem e no diálogo que se seguiu. Os dois conversaram noite adentro como velhos amigos. Na manhã seguinte, D'allagnol acordou sozinho no apartamento.

Visita a própria suíte de casal como um estrangeiro, o design escandinavo nunca foi tão frio. Os tons cinzentos das paredes combinavam elegantes com o preto do jogo de cama e das portas do armário. Um ambiente sintético. D'allagnol, um autômato, seleciona o paletó do dia, metade do armário vazio. Ele pega sua maleta, mas esquece de fechá-la. Seus papéis escorrem para o chão e se espalham pelo tapete. Ele fala algum palavrão e se curva para arrumar a bagunça. Depois de resgatar cinco folhas, solta um segundo palavrão e desiste de continuar, uma falha na programação. Um ato

humano. Mas foi apenas um lapso ele volta para o caminho da porta da frente. Não se dá o trabalho de visitar o quarto do filho e sai pela porta.

Na calçada alguém chama a atenção de D'allagnol: "Doutor, um minuto da sua atenção por favor. Eu estava passando pela região", inúmeras bitucas no chão ao lado do interlocutor que falava com um cigarro aceso entre os dedos - "vi o senhor por aqui e gostaria de discutir um assunto importante". "Sim, como posso ajudar?", responde o psicólogo tremendo, tomado por um pavor latente. O homem comprido, a voz metálica, as feições duras, braços tão longos que arrastavam no chão. "O senhor sabe como é inconveniente conversar no meio da rua, com essa barulheira dos carros, por favor permita-me lhe dar uma carona para o trabalho hoje". Evangelista conclui a fala apontando para um carro preto estacionado logo à frente.

Sentam os dois no banco de trás, Tenente 1 dirige calado. No banco do passageiro, senta um homem com cabeça de cachorro. Dessa vez não consigo me esgueirar para dentro do automóvel, permaneço estático na calçada observando a partida como uma esposa de marinheiro. Me reencontro com D'allagnol na recepção de seu consultório algum tempo depois, ele entra pela porta apressado e se depara com Lúcia lendo uma revista na sala de espera. O maneirismo de autômato ficou dentro do carro preto, agora ele assumiu um trejeito de presa, um marsupial que escapou por entre as mandíbulas de algum animal maior. Ele se tranca no consultório sem cumprimentar a paciente. O tempo passa diferente para os dois. Depois de 15 minutos para Lúcia e 2 horas para D'allagnol, ela bate na porta e pergunta se está tudo bem com o psicólogo, é possível escutar o som de algo caindo seguido por passos sobressaltado. Ele abre a porta. Os dois se encaram, ele aponta para a cadeira em um gesto curto, dá bom dia e prossegue com o roteiro da consulta enquanto rabisca alguma coisa. Havia escutas na sala, câmeras de alta resolução e delay minúsculo na transmissão. Tudo financiado com o dinheiro público dos brasileiros, e conectado ao wifi do próprio psicólogo.

A consulta seguiu como protocolado. Luiza esperou, mas ninguém veio lhe buscar. Maria Inês também não apareceu mais no saguão do prédio, indiferente Luiza decide ir direto para casa. A caminhada é mais curta do que o trajeto de carro, passeando pelo centro histórico a pé ela se sente normal por alguns instantes. Olhou as vitrines das lojas de quinquilharias no calçadão da rua das Andradas, lembrou de Matheus olhando nervoso por cima dos ombros paranóico com a multidão. Problemas simples. Ela chega na Demétrio Ribeiro, é uma rua bonita, parece ser de algum bairro diferente, como se recortada do Bom Fim e inserida no coração da cidade. Tomada por um falso senso de segurança Lúcia não percebeu o casal que começou a segui-lá na esquina. Ela é abordada em frente ao edifício, enquanto tira a chave da bolsa, eram os proprietários da casa alugada na praia, não estavam usando farda. Luiza deixa a chave cair. Poucas palavras. Esconde o medo atrás da mesma expressão fria que vestia quando saiu do prédio, junta as chaves do chão e insere na fechadura do portão da frente, os outros

dois próximos demais, como sombras. Entram no saguão do prédio, sobem as escadas. Nenhum vizinho cruzou com eles no caminho, Lúcia nem pensou em gritar, aceitou o próprio destino. Em frente ao apartamento, insere a chave na fechadura, a porta já estava destrancada. Ainda com a mesma expressão inabalável ela gira a maçaneta.

Sentado no centro da sala, Tenente 1 recebe os três visitantes. O senhor das moscas. No chão à sua frente vestidos estendidos como uma mortalha, a espuma do sofá espalhada como neve, os móveis todos fora do lugar, as gavetas abertas, um burraco na parede. Exposição do MARGS. “Bom dia saco de porra, dormiu bem?”, “ Bom dia” - responde Lúcia juntando as roupas do chão. “Na hora da morte do capitão, onde você estava?”, “Saíndo da consulta obrigatória de vocês, mas tu já sabia disso”. A resposta desagrada o homem, homem não, garoto. Ele entorta a boca em um tique de raiva *‘Ele torce a boca igual o pai dele’* se levanta e derruba as roupas da mão da mulher. “Vou fingir que não ouvi esse desrespeito, e vou perguntar outra coisa. Onde você foi na quarta-feira passada?” *‘Eles não te respeitam seu merdinha’* “Lugar nenhum, o monitoramento de vocês é tão ruim assim?”. Tenente 1 agarra firme a arma na cintura. *‘Grandão com a arma na mão’*. A Arma cria trepadeiras e se funde com a mão do menino, as raízes metálicas se alimentam das veias. “Nós temos o GPS do seu celular, sabemos que foi espertinha de deixar ele em casa, mas olhando as câmeras não vi ninguém aqui, que engraçado né? E aí? Onde você estava?” - Lúcia fica em silêncio - junta as roupas do chão e..., ele as derruba novamente. Lúcia junta as roupas do chão e com elas debaixo do braço, caminha pelo cor..., ele as derruba novamente. Lúcia junta as roupas do chão e com elas debaixo do braço, caminha pelo corredor, em direção ao quarto. Tenente 1 começa a espumar de raiva, levanta a arma, destrava a segurança e aponta para a nuca da mulher. Parecia ver um rosto na parte de trás da cabeça, talvez um pai, um irmão, um filho da puta que te desrespeitou no bar, seu chefe ou o próprio Voldemort. “Não vale a pena...” - intervém o Proprietário 1. “Ninguém pediu sua opinião verme” - A Arma começa a desenrolar as trepadeiras, apesar da indelicadeza, ela volta destravada ao coldre. “Se você mentir pra mim, eu venho aqui pessoalmente te matar” - grita e sai pela porta deixando os dois proprietários se entreolhando constrangidos. Lúcia volta para a sala com o papel que José havia lhe dado: “Tenho esse endereço, me abordaram na saída da consulta e me coagiram para esse local aqui, fui esperta o suficiente para anotar”. Proprietário 1 pega o papel e sai acompanhado da colega sem fechar a porta. Na frente do prédio o papel é transferido ao Tenente 1. “Viram só? A cadelinha foi bem treinada?” - ele conclui pinçando o papel entre o indicador e o dedão. Lúcia olha pela janela, finalmente livre da expressão fria, se segura para não rir.

‘Calou a boca agora né? Seu merda’ - Soldado 1 (futuro Tenente 1) para o corpo estendido frio na calçada em frente ao Margot na João Alfredo. O sangue vertia do buraco de bala, as pessoas corriam desordenadas do local.

Um esquadrão antibombas da polícia é enviado para o endereço do papel. Depois de averiguado o ambiente, um investigador da polícia civil e os heróis do BEIP são chamados. Eles encontram um apartamento de um quarto na Azenha atormentado por uma obra incessante ao lado. O apartamento, assim como o bairro, acompanhou a decadência do estádio de futebol abandonado em seu coração, contudo, os dois grandes cemitérios, cada vez mais lotados, ainda mantinham a imponência na contramão do Olímpico. Dois prédios em “U” de três andares, um de cada lado da rua, suas paredes populadas do chão ao teto com quadrados. Pequenas janelas cada uma com sua cor de vidro, detalhes e flores particulares. Ao olhar por elas se enxerga uma combinação de legado com sonhos e expectativas impossíveis. Em alguns desses quadrados é possível ver seu próprio reflexo, em todos, seu futuro. Ao pensar assim em retrospecto sobre os cemitérios da Azenha, acredito que não poderia ter sido escolhido um bairro melhor para aquele apartamento de um quarto. Lá dentro foram encontradas muitas fotos, coladas simetricamente do chão ao teto, em linhas e colunas. Todos rostos de pessoas com seus respectivos nomes abaixo, horas haviam sido dedicadas aquele ambiente. Era uma necrópole. Rostos ao invés de souvenirs. Monumento do Soldado sem Nome. Os corpos aos quais esses rostos pertenceram não tiveram direito ao seu quadrado nas paredes dos cemitérios da Azenha. Rostos que os rapazes do BEIP e seus antecessores tentaram apagar da história. Nenhuma daquelas famílias pôde dizer adeus. Nenhum filho, pai ou irmão se viu refletido nas paredes dos prédios em “U” e tirou conclusões sobre a vida, que mesmo pessoais e patéticas ainda carregam todo o sentido do mundo. As fotos das vítimas desaparecidas encaram os presentes. Algumas com sorriso jovial, outras com expressões soturnas de velhice. Retratos de sonhos e expectativas interrompidos e sem conclusão. Os investigadores encontraram um apartamento velho, cheio de vidas roubadas. Os homens conversam entre si, mas é impossível escutar devido ao barulho das esmerilhadeiras.

Capítulo 20 - ShivaKali

A noite engole a cidade, o escritório do apartamento de D'allagnol continua com as luzes acesas. No momento, o dono do cômodo sentado na velha poltrona de couro e debruçado sobre a mesa, desfruta da companhia de uma garrafa que se esvazia aos poucos, como uma ampolheta. A perna direita não para de oscilar como se tivesse vida própria. “O que foi?” - ele pergunta para o teto, se defendendo do julgamento do soquete. “É verdade, não adianta em nada esperar não é mesmo?” - levanta cambaleante e pega as chaves do carro. Antes de sair por definitivo, percebe que esqueceu sua companheira e volta para o escritório em busca da garrafa. Balbucia

para o teto e continua em sua missão. Eu o acompanho até a garagem, ele destranca o carro e abre a porta, a garrafa escapa de sua mão e rola gentil pelo chão sem quebrar, ele a segue e eu aproveito para me esticar no banco de trás. O fato de termos chegado ao nosso destino é por si só um milagre. O carro serpenteou pela noite. Patinou pelo asfalto como que sem atrito algum. Em um dos sinais vermelhos do caminho, D'allagnol pegou no sono, foi acordado pelo som das buzinas dos carros acumulados atrás dele. Após um momento de breve confusão mental, lembrou do seu objetivo e seguiu para seu destino como o salvador que acreditava ser.

Estaciona com a roda em cima da calçada em frente ao Princesa da Noite. Aquele foi era o pedacinho do céu que ele frequentou nos últimos tempos, o antigo proprietário era um pouco violento com os funcionários e com o público, mas o cheiro daquele lugar era maravilhoso, as surras do dono deixaram a garota coxa, D'allagnol achava o passo manco muito charmoso. A luz está apagada hoje, ele tenta conferir a hora, mas os ponteiros do relógio estavam incompreensíveis. Ele caminha até a entrada, o cartaz continuava pendurado. O lugar estava quase vazio, dois ou três bêbados saudosistas assombravam as mesas. Sem a iluminação neon, o ambiente expunha sua verdadeira face, uma casa ressignificada. Alguns móveis ficaram, como o sofá atirado em um dos cantos, e algumas cadeiras da mesa da sala, o resto foi descartado, mas as marcas ficaram no assoalho. No banheiro, uma banheira rosa, populada por lâminas de barbear e escovas de dente. Durante a era de ouro haviam seis quartos no Princesa, hoje as paredes de MDF foram derrubadas e o ambiente tornou a sua configuração original com apenas três, que eram fechados ao público. De um deles era possível ouvir um choro baixinho, a menina que D'allagnol achava 'estonteante, de uma beleza virginal!'. Desde a mudança de gestão ela se trancava no quarto a noite, e enquanto os clientes não fossem embora ela não dormia, ficava sentada na cama agarrada a uma faca de cozinha. As primeiras semanas foram as mais difíceis para a família, a abstinência de Néctar foi cruel, sem apoio externo, quase morreram de fome. A menina sentia muita dor por causa das feridas, dor que aumentava com as tremedeiras involuntárias. Ossos quebrados haviam calcinado de qualquer jeito, coxa para sempre. O rosto havia sido invadido por cicatrizes, têmperas e supercílios projetados para fora. Seus pais haviam perdido o emprego formal, mas a casa já havia sido financiada, estavam presos aquele pedaço de chão. Dadas as circunstâncias, eles decidiram continuar com o bar, pelo menos para pagar a comida. Muitos dos antigos clientes acabaram morrendo em um acidente em uma oficina, mas de qualquer jeito sempre existe demanda para bar.

D'allagnol estava com a cabeça enfiada na mesa, a pizza congelada consumida horas antes, lutava para fugir do seu estômago, mas ele se recusava a deixá-la sair. Foi forte o suficiente para pedir uma cerveja, foi trazida à mesa com pouco entusiasmo pela dona do bar, que já mentalizava a natureza do vômito que teria de enfrentar mais tarde.

Ela tinha uma lembrança vaga dele, mas todo aquele tempo era uma grande névoa em sua memória, se parava muito para lembrar acabava invadida pelas lágrimas. Ela e o marido já não conversavam mais, deitavam de costas um para o outro até o sono chegar. Irmão 1 havia roubado todas as fotos de família que conseguiu encontrar pela casa. “Me da uma tragada daquele negócio”, o homem tira ela do transe, ela só vai embora. Ele bebe. “75% de toda a literatura é sobre gente triste e bêbada! Eu tô no meu direito porra!”, fala sozinho, dois dedos vem e voltam da boca, fumava seu cigarro invisível. Foi perambular pelo recinto quando ninguém estava vendo, foi até o banheiro, se deitou na banheira rosa. Fiquei vendo ele dormir, encolhido, vomitado, um verdadeiro escritor. No fim da madrugada Lúcia estava de pé olhando para ele ao meu lado, os dedos vermelhos espremendo a faca. Em todo seu esplendor, os cabelos em chamas, como uma coroa, todas as mãos ocupadas, menos a que seguraria a cabeça. Ela se aproxima, mancando por causa dos meses de violência no interior do complexo. O rosto levemente deformado. Está muito próxima da banheira agora, D’allagnol ainda em estado de semiconsciência etílica, as mãos se erguem em direção a figura, os braços balançando como um recém nascido que procura a mãe. D’allagnol é Shiva, a força criadora com seu incrível talento literário, pronto para ser pisoteado em nome dos inocentes. Na janela em cima da banheira um pote de hidratante para o corpo, Lúcia tinha o mesmo cheiro das minhas flores de cristal. Uma das mãos dele se mexe fora de sintonia, ela faz um corte transversal na palma, ele solta um grunhido e começa a se arrastar para fora da banheira, em ângulo, para longe da faca, não estava disposto ao sincretismo do sacrifício, ela perdoa e deixa ele rastejar para fora do banheiro, depois, levantar e correr para o mundo.

A corrida embriagada pelo ambiente desconhecido causou alvoroço na casa, ele derrubou as cadeiras de cima das mesas e bateu com o rosto contra a porta de ferro que o Irmão usou para substituir a porta de entrada normal da residência que havia sido quebrada por algum de seus bêbados revoltos em algum dia qualquer. Os donos do bar acordam assustados com o barulho, se tranquilizam ao verem o bêbado se debatendo como um peixe contra a porta, eles destrancam e levantam um pouco a grade, só o suficiente para D’allagnol se arrastar, ele sai. Os donos e sua filha compartilham uma risada gostosa às custas do ser patético, um som que a muito não se ouvia dentro daquelas paredes.

D’allagnol, sai serpenteando pela noite, completamente sóbrio pela adrenalina. A mão sangrando no volante. Torço por um acidente, mesmo que eu fosse fugir para o escritório e voltar sem arranhões, ainda torcia para que o carro batesse que tudo acabasse. Abre o porta luvas, encontra um pano de feltro e enrola na mão, desesperado acredita que a mão vai gangrenar e cair, nunca havia sido atacado assim tão gravemente antes. E se a faca estivesse envenenada? Deve ter visto a mesma coisa que eu, e talvez para pedir perdão, procura nos contatos profissionais o número

de Lúcia. Tinha o número dos pacientes para tentar conter suicídios. Não sei qual foi o evento que desencadeou a reação em cadeia que o faria voltar para a esposa, mas vivendo no futuro, tenho certeza que os dois estão predestinados a ficarem juntos. Não é possível que uma cadeia de aleatoriedades dessa configuração não tenha sido redigida por um Deus que existe e é cruel. Ela estava aprisionada a ele pela as correntes do destino. Hoje Lúcia não atendeu, mas a chamada ficou registrada, e outra pessoa ficou sabendo de sua ocorrência. Ele volta para a casa, se enrola nos lençóis com a roupa do corpo, dorme sem culpa, acorda da mesma forma que deitou. Na manhã seguinte, apesar de ter ido ao quarto do filho para acordá-lo para aula, encontra um pouco de paz no silêncio do abandono. Senta para escrever e conversar com o sotaque, tento ler por cima de seu ombro, mas é inútil, suas palavras eram uma perda de tempo.

Caminho sem rumo pelo bairro Montserrat. A história cresceu, muitas perspectivas e vontades colidindo, todas as pessoas com suas motivações complexas e problemas familiares. Penso no meu dever de capturá-las, preservá-las no meu legado para a humanidade. Em um dos postes de luz um João-de-Barro constrói sua casa, em algum momento da história, algum João-de-Barro foi o João-de-Barro mais produtivo de todos, construiu mais casas ou as melhores casas, ou as maiores casas ou as casas mais lindas. Joões-de-Barro não tem uma consciência coletiva, todo o trabalho magistral desse ser único reduzido ao irrelevante. Em frente a mim sentada em um banco, uma senhora vende café e salgados, lê um livro esperando pelos clientes, 'Um Novo Mundo: o Despertar de Uma Nova Consciência'. Um ser iluminado, aqueles belos salgados caseiros, sua "iluminação", como as flores são a "iluminação" das árvores; Hare Krishna Krishna Krishna Hare Hare. Não existe nada de fundamentalmente errado nisso, ela não era diferente das beatas dos cultos, dos bêbados nos bares, dos seres humanos procurando respostas completas em uma realidade estocástica. Hierarquias divinas e sincretismos new wave esmagados por um jogo de cara e coroa. Hoje em dia todos podem ser profetas, basta escolher: cara ou coroa. Eu sou diferente, li os clássicos, tenho um propósito. Um homem compra um café e um folhado enfeitado com algumas sementes de gergelim, faz uma pergunta sobre o livro, ela responde entusiasmada descrevendo alguns pontos cruciais, ele responde com uma recomendação, a conversa acaba. Passam alguns cães correndo livres, um deles, Samiêda, se interessa pelo cheiro da comida, a senhora larga o livro, faz carinho na cabeça do animal, e divide com ele um pouco de seu almoço. A dona do cachorro chega se desculpando, uma moça bonita, a senhora diz que não se importa, está tudo bem. A dona do cachorro pergunta sobre o livro, a senhora discorre um pouco, a moça acaba comprando um café e se despede. De volta a leitura, as crianças brincam em algum lugar ali perto, grandes descobertas acontecendo, montes de areia sendo desbravados, alguma daquelas crianças poderia estar tendo um despertar da própria consciência, se percebendo como um ser individual. Meus olhos voltam para o

joão-de-barro, talvez aquele fosse o pássaro, que através da aleatoriedade da evolução, desenvolveria a consciência. O cavalo que comeu o coelho. Depois dele, todos seus descendentes teriam-na, desenvolveriam uma linguagem, começariam a construir estruturas mais sofisticadas, cidades inteiras de joões-de-barro, aprenderiam a cozer o barro, torná-lo vítreo, as estruturas se empilhariam. Canto coroa, seriam eles os primeiros a construir o verdadeiro castelo. Coloco o rosto entre as mãos, respiro fundo, estou tão cansado, meu tempo nesse mundo está acabando, mas isso é um pleonismo, tudo acaba, o dia de hoje estava tão agradável que eu acabei sendo capturado por ele, respiro fundo, levanto o rosto, era noite de novo. Acho que acabei pegando no sono, a senhora havia partido para casa, nada de sons de criança, a praça estava escura e ameaçadora, vultos erráticos entre as árvores, estamos de volta ao mundo dos cowboys. Sem saber para onde ir, cansado dos meus próprios pensamentos, me recuso a voltar para o escritório, por hoje pelo menos, vagarei pela noite. Isso desperta uma memória perdida, os prédios eram diferentes, as luzes menos brilhantes, os carros não haviam dominado o mundo. Eu havia trocado cruzeiros com o homem que se casaria com a mulher que eu amava, agora eu vagava febril pelas ruas com a sensação de estar sendo observado. Assim como chegou, a memória foi embora, não era uma memória, era o Idiota de Dostoiévski.

Devo ter perdido algum detalhe importante das vidas de minhas personagens. Na consulta seguinte D'allagnol e Lucía estavam muito mais íntimos. Trocavam sorrisos por baixo do roteiro pré programado. Dois adultos brincando de Romeu e Julieta, lutando sozinhos contra os olhos invisíveis na parede. Essa era a sensação na sala, mas a realidade era diferente. D'allagnol havia atendido várias vítimas, conhecia os padrões do isolamento causado por aquele tipo de violência sistemática. Mesmo sem perceber, falava as palavras certas de conforto. Ela, em contrapartida, isolada do seu mundo antigo, navegando no vazio, aceitava a ternura. Não tinha futuro ali, os dois sabiam, era uma questão de tempo até tudo desmoronar, eles sabiam que eram monitorados, mandar mensagens crípticas era parte da diversão. Uma rebelião adolescente, a revolução pelo amor. Torço o nariz, minha protagonista foi roubada de mim, de certa forma assumiu um status de vilã, decido continuar observando esperando o colapso inevitável. D'allagnol rabisca algo enquanto eles conversam, desliza o papel para Luiza no meio da conversa roteirizada. A sala era monitorada por vídeo também. Um convite para uma cerveja. Ela sorri, ambos sabiam que era impossível. Era só uma brincadeira.

Tenente 1 observa tudo aquilo sentado no seu computador. Na cabeça, a promessa que fez, "Se você mentir pra mim, eu venho aqui pessoalmente te matar". O apartamento do Tenente estava imundo, roupas atiradas em todos os cômodos. Uma espessa camada de pó crescia sobre todos os espaços que não eram transitados pelo rapaz. Ele morava sozinho, engolido pela própria sujeira. Não tinha muitos móveis, o

armário ainda estava dentro da caixa, nunca seria montado, servia como varal para um lençol estendido. A poeira se estendia sobre o lençol, dormia direto em cima do colchão, o cheiro azedo de lixo orgânico acumulado, se misturava com o cheiro da fumaça dos escapamentos dos ônibus que invadiam pelas frestas das divisórias finas que separavam a sala principal do mundo lá fora. O apartamento era uma antiga sala comercial, o azulejo branco do piso não me deixava mentir. O som constante da rua o impedia de abrir as janelas durante o dia, as paredes tremiam com o trânsito. Não é como se ele passasse o dia em casa. Só confrontava o cheiro dos próprios detritos de madrugada. Mesmo assim usava a tela do computador como a janela de suas ambições, fugia de si mesmo. Não era um homem de guerra, se auto destruíra querendo transformar-se em um. Via a aprovação do Major como uma prova da conversão em um monstro. Era um cordeiro em pele de lobo, sua violência era errática, descuidada e brutal, queria provar a todo custo que era um lobo, tudo bem, podia ter sido uma ovelha em algum momento, mas agora era um lobo concreto, a própria estrutura da penugem tinha mudado, mas os lobos ainda sentiam aquele cheiro doce de ovelha, se divertiam com as tentativas, como pais vendo crianças caindo ao darem os primeiros passos. Ele via os sorrisos e os meios termos na interação de Lúcia e D'allagnol, sentia que estavam rindo dele. Ele odiava aquilo, era impossível não odiar, riam dele, procurava por motivos para cumprir promessas, considerava a própria palavra sagrada, mesmo que precisasse distorcer um pouco a realidade para cumpri-lá.

Ele adorava ouvir as gravações da casa de praia: 'Você não me ama mais' - Dizia a voz metálica de Lúcia ecoando do passado. 'É claro que eu amo...' - respondia uma memória de Matheus. Tenente 1 tinha um interesse em particular pelo experimento da casa de praia. Faltavam coisas a serem explicadas, de onde surgiu aquela estatueta de santa? Isso o manteve acordado por mais tempo do que ele jamais admitiria.

O porteiro abre a porta sem questionar muito. O psicólogo espera o elevador com a testa escorada em um espelho, soluça uma ou duas vezes. Seu bafo embaça o vidro. O edifício Demetrius era comum, construção dos anos 80, quatro ou cinco apartamentos por andar. Sobe no elevador, o equipamento, original do projeto, era devagar e balançava para os lados. O estômago de D'allagnol não parecia muito feliz com o movimento, contudo, o pior não aconteceu, e a pizza congelada se manteve no estômago do nosso salvador. Estava cercado de milagres. D'allagnol desce no quinto andar, e toca a campainha do 501. Nenhuma resposta. Toca de novo. Depois de uma eternidade que deve ter durado uns 30 segundos, Lúcia abre a porta. Ela estava ali, o homem não acredita. O endereço na ficha de paciente estava certo. Ele flutua como se tivesse feito algo grandioso, começa a abrir a boca para falar, mas a mulher é mais rápida. "Você nos matou" - ela fala com um sorriso. D'allagnol murcha. "Entre, vamos pelo menos morrer bêbados" - ela complementa fatalista.

Sentados no sofá:

“Eles botaram uma arma na minha cabeça, três deles, dentro do meu carro, falaram que eu ia morrer, deram risada. E o pior de tudo perguntaram de você. Olha eu não sei no que você está metida, mas eu posso te ajudar...” - soluça - “Pode confiar em mim, eu já passei por coisa muito pior, muito pior. Enfim te trouxe essa garrafa, acho rude aparecer na casa das pessoas sem avisar e sem trazer nada” - D’allagnol sempre foi do tipo dramático. Lúcia toma um gole. “E qual é seu grandioso plano vindo aqui? Como pretende me ajudar?” - o cinismo foi tão intenso, que imagino que até mesmo Tenente 1 percebeu no meio dos tons metálicos da transmissão.

“Não sei se você percebeu, mas essa casa está um lixo” - ela ainda não havia terminado de arrumar a bagunça dos visitantes anteriores. “Talvez seus pensamentos estivessem mais organizados se você arrumasse a casa. Isso que eu provei no meu livro. A solução de todos os seus problemas começa com arrumar a cama.” Lúcia não se segura e ri alto. “Não adianta rir, é científico, pequenos objetivos que te levam a conquistar grandes objetivos, essa é história da vida. Olha para mim um homem de sucesso” - Lúcia ri mais alto ainda. “Eu não vim aqui para ver meu trabalho ser ridicularizado.” - Exclama o bêbado com seu ego ferido. “Para com isso Mateus” - entre um riso e outro. Ao ouvir isso ele se curva na direção dela, os olhos brilhantes com esperança: “Do que me chamou?”. Lúcia respira fundo, a risada some, vai para a cozinha: “Quer alguma coisa? Por que você veio mesmo?”. “Vim te salvar! Te levar para longe de tudo isso. Quem sabe até pro Uruguai. Ou então pro Chile, e daí...”. Logo ao lado do sofá onde D’allagnol sentava, havia uma tomada desalinhada, o quadro mal posicionado, foi nela, que a seis meses atrás, o falecido Bronson escondeu uma escuta. Afinal, essa é uma história sobre o molde de alumínio que um dia foi um formigueiro. Todas as salas, ante salas, corredores e labirintos, imortalizados em um molde metálico, sem vida. Tenente 1 destranca a porta com a chave reserva dele. “Te peguei passarinho” - fala ao entrar em cena.

FIM DA PARTE II

Capítulo 21 - Interlúdio

A música para de tocar no complexo. A tensão no ar é palpável. Já faziam semanas que a música seguia ininterrupta. Três dias direto que o Major estava no porão. Todos vão para o corredor olhar. A porta se abre, lá de dentro sai o homem com uma regata branca manchada de sangue. No ombro esquerdo uma cruz de ferro tatuada. Era um homem religioso, mas seu Deus não era de sacrifício, não era de redenção. Era um Deus de violência, de subjugação, um Deus do executor, de quem segura o machado. No ombro direito uma toalha de rosto manchada. Ele limpa as mãos na toalha e sinaliza para que Tenente 2 se aproxime. “Uma vez eu estava passando ao lado de uma praça, eu escutei um padre velho gritando ‘quem nunca errou que atire a primeira pedra’. De repente um português corre até o meio da praça e joga uma pedra no velho.

O padre chocado responde: ‘você nunca errou?’, e o português: ‘Dessa distância não’’. Major sorri, o ambiente fica em silêncio até que Bronson quebra o som com uma gargalhada forçada. Todos acompanham em seguida, menos Tenente 2. Major se aproxima do garoto, passa a mão suja de sangue no rosto do outro e fala no ouvido: “Você me lembra do meu primeiro filho.”; “E o que aconteceu com ele?”; “se matou”. Major se afasta do Tenente 2. “Aoki vai lá para limpar a bagunça, depois, deixem a mulher ir, deem um dos apartamentos vagos para ela morar, eu vou estar na minha sala por mais trinta minutos, se alguém tiver alguma dúvida agora é a hora de perguntar”. Caminha pelo longo corredor do andar superior do complexo. Sua sala ficava em uma das extremidades do prédio, em uma posição privilegiada da qual podia acompanhar a movimentação dos demais oficiais. Sua porta estava sempre aberta, mesmo em reuniões particulares. Um indicativo simbólico da vigilância. Simbólico porque todas as salas eram monitoradas por grampos e câmeras. Quando alguém de fora vinha se reunir com o Major era ordenado que alguns soldados ficassem no corredor próximos a sala. O visitante sentava de costas para a porta, em uma cadeira de metal propositalmente desconfortável enquanto o Major acenava imperial para os oficiais. A decoração da sala em si era quase cômica. Uma bandeira imensa do Brasil, uma poltrona de couro, e, na parede atrás dela, uma cabeça de javali empalhada pendurada sobre uma espingarda de caça. E claro, em uma das paredes os cinco quadros com os rostos de homens nojentos. Na outra extremidade, uma estranha porta vermelha.

Era fácil entrar na sala do Major sendo invisível. A porta aberta me economizou massa cinzenta. Nesse dia quando ele ascendeu do porão. Eu o segui. Logo depois do Major se acomodar em sua poltrona, Evangelista entra. Ele não senta na cadeira de metal, sabe que é uma armadilha para visitantes. “Permissão para falar senhor!” - “A vontade homem pode falar”, “Por que soltar aquela mulher, senhor? Ela viu o interior do complexo, e seu papel no experimento já foi cumprido. Não acha que ela pode comprometer nossos projetos?”, “Me surpreende você perguntar isso Capitão. Esse é o ponto, queremos achar os outros. Eles virão até ela e assim virão até nós. Essa perseguição sorrateira cansa, por que não dar uma chance a eles? Uma guerra declarada, e exterminar de vez com todos? Nosso próprio senhor Jesus Cristo já disse: *‘Deixem vir a mim as crianças’*”. “Entendido senhor, um excelente plano” - Evangelista sai como entrou. Ninguém mais interrompe os afazeres do Major. Ao partir, ele para por um instante, olha no fundo dos meus olhos, e fala sem forçar a voz, alto o suficiente para qualquer um ouvir:

“Você quer ver não quer? O fim de tudo? O mar transmutado em ácido nítrico correndo a areia cobre. Todas as praias do mundo convertidas em baterias inúteis. Gerando vida distorcida e podre, enquanto os humanos restantes se matam em pântanos radioativos com paus e pedras. Quer os massacres da transamazônica não quer?” - Palavras

duras. Eu deveria estar satisfeito com elas. Contando os segundos para observar o sangue tomar conta de todas as paisagens. Aquele homem era a violência que eu tanto procurei, deveria beijar-lhe os pés. Contudo naquele momento, a voz dele só contorceu meu estômago. Lúcia é arrastada pelo segundo tenente Dr. Aoki.

Você quer ver não quer? Sentado em um trono de flores no céu, olhando de cima. Os tornozelos finos dela, os pés imóveis deslizando no chão. Você quer ver não é? Entrar, com toda sua onipotência, na sala branca no porão sem sentir o cheiro. Isso não dá para esquecer. O cheiro fica para sempre nas roupas, nos cabelos, na alma. Eu sou aquele cheiro, por isso crianças costumam apertar gatilhos quando olham para mim.

Parte III: A Boca do Cão

Capítulo 22 - Pesque Pague

“O primeiro para avisar, o segundo para garantir” - diz tenente 1 no centro da sala, acariciando os cabelos encharcados de sangue de Lúcia. A segunda bala se alojou na cabeça da mulher sem grandes dramas, a primeira, passou de raspão na têmpora e acabou na parede acima do sofá. D'allagnol começa a se mover nervoso, abre a boca para falar mas é interrompido - “Senta ai filho da puta” - Tenente 1 pega o telefone do bolso e faz uma ligação para o major. Ao ver o militar com o telefone em mãos D'allagnol tenta gritar para quem quer que estivesse do outro lado da linha: “Eu não fiz nada, me deixa ir, eu não quero morrer” - os gritos morrem no vácuo. “O Major está vindo para cá agora se falar qualquer coisa diferente de mim te mato igual aquela vadia ali ok?”. D'allagnol faz que sim com a cabeça. Tenente 1 senta em uma cadeira e acende um cigarro, o cheiro toma conta do apartamento. Os dois tiros em rápida sucessão causaram uma certa comoção dentro do prédio, os sussurros das famílias curiosas dos apartamentos ao redor. Alguém até chamou a polícia, mas as delegacias já tinham sido notificadas sobre o estado de exceção naquele endereço.

A espera tomou conta do apartamento, muito semelhante à espera antes da morte do Tenente 2, um ambiente pesado e surreal. Um pesque pague, Tenente 1 com seu anzol fundido no braço esperando o dono da fazenda chegar para avaliar a qualidade da pesca. O sangue se mistura com o tom bege do piso. Tenente 1 acende mais um cigarro. D'allagnol não suporta mais o silêncio e soluça baixinho, os ombros sobem e descem em sincronia. Um bagre se debatendo no fundo do balde branco. Tenente 1 está em outro lugar naquele momento. Os olhos distantes, engolidos por uma névoa vítrica. Adrenalina pulsa em suas veias, e transborda em uma tremedeira na mão que segura o cigarro. Ele vê as árvores, o lago, sentado em uma pedra, ao lado dos amigos. Não é a primeira vez que ele havia puxado o gatilho, mas pode ser que, em sua cabeça aquela fosse a primeira ‘pessoa’ que ele matou. Mas mesmo assim é

impossível saber o quanto ele sentia de verdade. Eu poderia perguntar, mas estava incapaz de me mover, eu também estava sendo consumido pela espera.

O Major entra pela porta, com suas botas de couro militar. Em uma das mãos uma maleta marrom, também de couro. Tenente 1 salta da cadeira, com tanta veemência que ela cai no chão, bate uma continência entusiasmada. “O que aconteceu aqui tenente?” - pergunta o homem com naturalidade, depois de olhar as árvores, o lago e o fundo do balde. “Eu escutei as gravações, senhor, como tinha lhe dito. Descobri uma inconsistência no depoimento e acho que pode estar diretamente relacionado ao assassinato do capitão. Vim investigar.”, “E por que tem um corpo no chão tenente?” “Ela tentou resistir à apreensão e eu tive que recorrer ao protocolo.”, “Condiz com a verdade doutor?” - D'allagnol, o patético marsupial, o peixe bagre definitivo, faz um sinal positivo com a cabeça. Seu sofrimento era cartunesco, tremia de bater os dentes, torcia para ser engolido pelo sofá. Não tive a oportunidade de verificar, mas é possível que parte da sua alma tenha ficado presa a mobília, uma mancha escura no feltro. E mesmo assim eu não conseguia sorrir, amava tanto Lúcia que não consegui desfrutar do presente com ela ali, contorcida no chão.

“Você sempre foi do tipo corajoso tenente, do tipo que enfia o dedo na tomada e faz merda. Ela podia saber alguma coisa e agora não adianta mais nada. Você quase fez um bom trabalho, se tivesse sido um pouco melhor ganhava um carinho na cabeça. Agora fica quietinho enquanto eu falo com o doutor.” - o Major que se aproximou de D'allagnol não era mais o dono da fazenda. Transmutado. Cada passo mais animalesco, babando, bíblico. Um animal antropomórfico de pelagem escura, sua barriga protuberante, redonda, inchada, de vermes. Na superfície da criatura era possível perceber uma ondulação, e, por entre as falhas do pelo, infinitas larvas se movimentavam comendo camadas de carne antiga. Os cantos da boca aberta contorcidos em uma lembrança de sorriso, no centro, dentes amarelados, desgastados de tanto roer ossos. A cabeça de pastor alemão se aproxima para comer a alma do marsupial e começa a falar:

“Você sabia que tortura moderna é francesa? A tortura como mecanismo científico começou no congo belga, com a árdua missão de combater um inimigo invisível, infiltrado na população. O sucesso mundial foi rápido, quem aperfeiçoou tudo foram os americanos, eles que ensinaram a base para gente, todas essas táticas modernas, de entrar na cabeça sabe? Mas é tipo *rock'n'roll* e jovem guarda, eles inventaram, mas a gente faz melhor.” - o diabo acende um cigarro, e volta a ser homem - “Eu sou o tipo de homem que adora trabalhar, adoro desmontar e montar de novo, eu trabalho e esqueço onde estou, que horas são eu até esqueço de comer, mas eu nunca esqueço de fumar.” - abre a maleta e puxa um alicate.

Ao chegar perto de D'allagnol, o major é recebido com uma garrafada no rosto. A vida acha seu caminho, e o patético atinge um golpe. O sangue escorre. Em um instinto desesperado de sobrevivência, D'allagnol tenta chegar a porta, mas acaba tropeçando nas próprias pernas e cai fracassado no chão. Major se aproxima dele e senta sobre as costas do bagre, que ainda se debate. A garrafa atingiu o lado do rosto do major, próximo ao olho, mas ele não pareceu muito incomodado com isso. Assim, pertinho, rosto com rosto, era possível ver as pupilas intoxicadas e dilatadas do Major. "E agora, o que vai fazer meu rapaz?" - pergunta ele por trás de um sorriso cínico. "Eu não sei de nada, eu não sei de nada" - implora D'allagnol. Aproveito a distração generalizada para pegar o celular de Lúcia de cima da mesinha ao lado do sofá e me esgueirar até o quarto. Ligo para o número de emergência, quebro a regra, não consigo ser um espectador silencioso. Não hoje. Não depois de ter lido as páginas que li em voz alta para ela no cativieiro. Não hoje. Interrompido por um berro do psicólogo, um dos vizinhos do prédio bate à porta. "Eu to tentando dormir, da pra calar a porra da boca?". "Desculpe pelo incomodo senhor", diz a cabeça de pastor alemão coberta de sangue, o vizinho vai embora sem olhar para dentro. Os paramédicos conseguem entrar pela porta da frente que havia sido deixada aberta por um homem de casaco preto e boné que passou arrastando uma mala ao sair.

Um carro preto estaciona em frente ao hotel, de dentro sai um homem de boné vermelho e jaqueta. Era impossível saber se o homem suava pelo peso da mala que arrastava, ou por estar usando uma jaqueta no calor da noite porto alegreense. Sem cuidado nenhum, ele arrasta a mala pelos paralelepípedos do estacionamento até a recepção. As motos passam zunindo na rodovia atrás dele. O segurança vai ao seu encontro, e antes que ele possa falar qualquer coisa é interrompido pela voz familiar do Tenente 1 ofegante.

"É uma bagagem daquela família que se hospedou aqui hoje, mãe e filho, Cynthia D'Allagnol o nome dela. Chama o recepcionista para me ajudar com essa porcaria aqui.", "sim senhor" - o segurança obedece, de dentro do lobby iluminado sai um garoto que não parecia ter mais de vinte cinco anos. Ele se prontifica a ajudar. Segura um dos lados da mala, mas é surpreendido pelo peso. Tenente 1 ajuda o garoto, que devia ser até um pouco mais velho que ele, a carregar a mala até perto da porta. Depois, de forma abrupta, Tenente 1 solta seu lado do peso. "Olha, já tá tarde pra cacete e de qualquer jeito o marido me pediu para entregar, eu to com pressa leva lá pra cima para mim por favor" - ele ajeita o boné vermelho, se vira e vai embora antes que o recepcionista possa responder. "Vai ficar me olhando? Ajuda aqui essa parada tá muito pesada pelo amor de deus." - O segurança parece acordar de um sonho. E os dois com muito esforço, conseguem colocar a mala no carrinho dourado de malas. Arrastaram-no até o elevador. "Pode deixar que daqui eu me viro, valeu". O garoto segue empurrando. Uma das rodinhas do carrinho sede no meio do corredor do quinto

andar. A mala escorrega para o chão, o carpete abafa o som da queda, devolve apenas um impacto seco. “O bosta” - xinga baixinho e se esforça para arrastar a mala até a porta do quarto 502. É impossível não reparar nas belas formas pretas e geométricas que escorriam do papel de parede para o carpete cinza. Apesar de distante do centro, ainda era possível ouvir ali naquele andar do hotel o ruído do coração de Porto Alegre. Ele toca a campainha, mas ninguém atende, já não é mais tão cedo assim. Ele toca de novo por persistência profissional. Ninguém atende. Na terceira vez, ele bate à porta com força, revoltado por ter que arrastar aquilo pelo corredor. “O que foi? ” - pergunta Cynthia D’allagnol por detrás da porta e com voz de sono. “É da recepção, seu marido mandou uma mala para você. O cara que deixou aqui pediu para entregar ainda hoje se possível” - depois de um breve silêncio Cynthia abre a porta para o jovem uniformizado.

“Estranho achei que tivéssemos perdido essa mala.” - Era a mala que D’allagnol guardava sempre feita no carro. Ela tenta puxar a mala para dentro do quarto mas não consegue devido ao peso. O recepcionista ajuda, e se retira com um “boa noite” passivo agressivo. Empurraram a bagagem tão pouco para dentro do quarto que a porta quase não fechou. Lito sai da cama curioso - “ O que foi mãe?” - “ Nada, pode voltar a dormir.” Ela tenta puxar o zíper, mas está emperrado. Ela se ajoelha sobre a mala, e puxa com mais força. A peça de metal dourado se mexe um pouquinho, resistindo aos esforços da mulher. Depois de um puxão forte, a mala concede um ato de graça, cede e se abre. O Major passou pouco mais de 20 minutos com o psicólogo, mas o homem que estava dentro da mala era quase irreconhecível. Ele estava desfigurado, como um lutador de boxe após uma guerra de quinze rounds. As pontas dos seus dedos sangravam em função de algumas unhas arrancadas, e um forte cheiro de urina subiu junto com a visão horrível. Por que motivo alguém como o Major mandaria o corpo para a família senão para traumatizar o menino? O objetivo final era criar um novo guerreiro sedento por vingança, garantir a sobrevivência da guerra por mais uma geração. Um passo mais perto dos mares de ácido sulfúrico. Naquela noite os sentidos do garoto foram contaminados. A visão pela forma deformada do pai, o olfato pelo cheiro de mijo, a audição pelos gritos da mãe, o paladar pelo amargo da humilhação e o tato pelo áspero da morte. Independente do futuro, ele não era o mesmo. Os olhos opacos de D’allagnol se mexem perdidos, sem reconhecer a esposa. Ele olha para mim. “Eu não sei de nada, eu não sei de nada” - ele sussurra.

Capítulo 23 - Visitas

Vou de novo interromper a narrativa, sei que Giges permitiria. Antes de descrever, gostaria de deixar claro que apesar das palavras sujas de Giges, a ideia foi também de Ivone, mãe. Hoje entrou mais uma pessoa pela porta do apartamento onde eu me escondia. Depois de servir o café, sento na cadeira de praia em frente a TV velha. “ ...Na madrugada desta quarta-feira uma mulher foi baleada no centro histórico, o crime

aconteceu por volta das...” - uma foto de Luiza, a xícara de café voa da minha mão e se arrebenta na tela. Está cada vez mais difícil caminhar por esse apartamento. Cada vez mais lotado de visitas. Elas apareceram primeiro em sonho, agora não me deixam em nenhum momento. Tenho que andar em zigue-zague por esses poucos metros quadrados. Hoje Luiza se juntou a elas. Parada em um canto perto da porta, os demais ficam todos distribuídos pelo espaço restrito. Me olhando sempre em silêncio. Todos em suas melhores roupas é claro. Alguns rostos conhecidos seus, como os de minha mãe, do Tenente 2 e da mais nova visitante. Mas logo isso vai mudar, o inimigo está cada dia mais errático e desfalcado. Atiraram em uma mulher dentro de casa, esse tipo de coisa não dá para esconder, mesmo com os malabarismos nos fatos. Mais um sacrifício necessário. Olho para o revólver prateado no canto, uma arma é um brinquedo. Antes de toda essa matança essa arma me trazia boas memórias. Lembro de quando meu pai, antes de meu pai sumir, levava-me e a Sandro para pescar. E de como passávamos a tarde inteira atirando em latinhas no meio do mato. Pego a arma na mão, ela não é mais um brinquedo. Meu pai entre os presentes da sala. Munição é cara, tivemos de fazer coisas das quais não nos orgulhamos para consegui-la. Mas agora já temos o suficiente, está na hora de ir para a guerra e terminar com isso. A cabeça já se revelou. Chega de esperar, por onde eu ando a terra treme, pois os mortos andam comigo. De volta à programação original.

Depois de acompanhar as dores da família de D'allagnol, que confesso, me deram um pouco de prazer, continuo sem rumo. Não sabia o que aconteceria agora, havia perdido um pouco a racionalidade, participei afinal de contas. Minha sabedoria escorrendo pelos meus orifícios sensoriais. Lógico que depois de ver Luiza baleada, fiquei um pouco abalado, mas imaginar os médicos chegando a tempo e sua sobrevivência traziam um pouco de alento ao meu coração sofrido. Uma centelha de esperança pulsava, talvez ela não se recupere totalmente e precise de alguém para ajudá-la nas tarefas básicas, eu poderia ser seu cavaleiro. Carregar sua carreira de rodas pelo “escritório”, enquanto ela emitia grunhidos e babava. Isso mesmo, eu deveria continuar por ela. Por isso gravei em direção ao último paladino da esperança José Maria de Almeida. Me esgueirei por uma janela aberta. José Maria de Almeida morava no segundo andar. No mesmo nível da janela havia um telhado de um estacionamento 24 horas. Enquanto subia no muro para acessar o telhado, um dos cachorros do pátio latiu para mim. Latia grosso com a cabeça apontada em minha direção, quase caí do telhado de susto. O dono do porteiro do inferno sai da cabine e olha na direção apontada pela cabeça do cachorro, não tinha nada ali o homem ordena que o animal se cale. Os latidos parecem não incomodar José, que caminha em um zigue-zague peculiar dentro de casa. Parecia desviar de móveis, mas não tinha nada ali além de uma cadeira de praia, uma televisão e um fogãozinho que parecia de brinquedo. O apartamento era de um ambiente só, a umidade manchava os cantos superiores das paredes, tudo cheirava a bolor e café passado. Ele tinha poucas roupas, a maioria

mofada, e todas dobradas em um canto. Ele chega a uma das paredes e enfia o braço em um buraco causado pela umidade. De dentro tira uma caixa de sapatos. Todo o conteúdo da caixa estava envolto em plástico e selado a vácuo. Eram munições. Junto delas, algumas ampolas de vidro, enroladas em papel filme, ele as segurava como se passassem uma tonelada. O destruidor de mundos. Ele pega o néctar, com as mesmas mãos que tocaram o rosto de Ivone. Zigue-zagueia até o banheiro, os azulejos tinham desenho de flor, mas a cor vibrante original a muito os deixou, sobrou apenas o amarelado do tempo, quase do mesmo tom dos vidrinhos nas mãos de José. O chuveiro ficava sobre o vaso, não havia espaço delimitado para ele no cômodo, apenas um ralo no chão. Uma pequena janela basculante, apenas uma formalidade é claro, revelava a dura parede lisa de concreto cinza do prédio vizinho. José abre a tampa da privada e joga o líquido escarlate no vaso sanitário. Ao fazer isso, um peso parece sair de seus ombros, se vê livre de seus pecados. Uma lágrima parece se formar em seus olhos, mas foi apenas um truque da luz. Em silêncio ele olha até tudo desaparecer para o esgoto. Não é o suficiente para estancar seu arrependimento e ele lava o rosto na pia, depois encara, por muitos segundos, a própria face refletida no espelho barato de acrílico. A sua maneira silenciosa, José Maria de Almeida pede perdão. Em seguida desce pelas escadas do prédio, a mochila pesada nas costas tilintava com o som das munições. É acompanhado pelo cheiro de cigarro impregnado para sempre nos corredores e a voz dos vizinhos ouvida através das portas e paredes finas. Destranca a porta da frente para ser recebido pelo centro histórico povoado pelo início da manhã. Desvia das pessoas que vêm aos montes da estação de trem. Nenhuma interação substancial no caminho até a moto, amarra a mochila. Ele dirige.

Pego a conversa pela metade, os homens ali reunidos já haviam passado da fase dos cumprimentos. “E o que você fez com a carga ?”- pergunta Sandro incomodado - “Joguei na privada” - Sandro se projeta sobre o amigo “Como assim? É bom a gente morrer lá dentro, porque senão vão nos matar aqui fora quando ficarem sabendo”. Nem José nem João esboçam qualquer tipo de reação, olham um para o outro e começam a discutir o plano. Conversam sobre as bombas que o homem da cara queimada havia preparado, e as armas escondidas no lote de Sandro. João fala sobre o pessoal, todos os que estavam dispostos a morrer de verdade. Além deles, tinham outros possíveis 15, mas João acredita que desses apenas 7 comparecerão de verdade, ao se referir aos outros falava em tom lúgubre, como se aqueles já fossem homens mortos. Depois de arranjados os preparativos cada um foi cumprir os seus devidos papéis. Combinaram de se encontrar no esconderijo para esperar a manhã do dia seguinte. Na saída Sandro interrompe a partida da moto e conclui com “Acho que fui muito grosso antes, devia ter no máximo uns duzentos reais ali”. Com isso estão encaminhados os preparativos.

Noite de novo, oito homens reunidos em uma sala mal iluminada. Apesar de ter feito as bombas, o homem do rosto queimado não estava entre eles, deveria ter algum papel a cumprir. Poucas palavras foram trocadas, uma garrafa passava de mão em mão. A luz fraca e amarela da lâmpada contornava as faces dos presentes. A noite estava limpa e os postes de luz da rua estavam queimados, ao observador sobrou um céu pontilhado de estrelas. As estrelas sempre me remeteram aos mortos. Pobres almas que partiram. Nada mais justo então, na noite de hoje do que um céu estrelado, afinal sete novas estrelas estavam reunidas ali naquela casa cinza. Um dos mortos rezava o terço. Chamá-lo de homem era um exagero, era pouco mais que um garoto, passava as mãos no cabelo descolorido entre um nó e outro do rosário. Ali naquela noite, percebi que meu relato estava incompleto e assim permaneceria. Deveria ter dado mais atenção aos cinco rostos desconhecidos que ali estavam, entendido suas dores e motivações. Assim poderia adicionar uma dimensão de tragédia a morte deles, assim como os apresentei, eram apenas bucha de canhão.

O tempo passa, alguns tentam dormir, outros conseguem, mas José e Sandro não dormem, sentam do lado de fora conversando noite adentro. O som dos grilos participa da conversa, minha imaginação me leva para a casa de praia em que tive ciúmes de Lúcia ao vê-la abraçada com aquele homem repugnante, enquanto isso os dois, José e Sandro, revivem memórias formativas. Falam de infância, de amores da juventude, do tempo do colégio: “Lembra aquele jogo de corrida que seu pai jogava no videogame? Aquela corrida de 24 horas?”, “Sim, ele ficou a semana inteira pensando em uma estratégia para terminar a corrida no fim de semana. Nurburgring 24 horas. Passou o fim de semana sem deixar ninguém encostar na televisão.”, “Ele chegou a terminar?”, “Terminou, daí desbloqueou uma nova corrida.”, “Qual?”, “Nurburgring 48 horas.” - Sandro ri com a conclusão do amigo. Enquanto eles conversavam, fingiram não ver o garoto loiro, Bucha de Canhão 1, sair escondido pela parte de trás da casa. Mesmo assim ele já estava morto, todos estão, a morte é a consequência natural da vida, porém acredito que ele deva ter vivido pelo menos mais alguns anos antes de morrer. Consigo sentir, assim como meu predecessor sentiu ao me encontrar, que um dos homens ali ia viver para sempre como eu. Lá dentro João dorme o sonho dos inocentes, chega até mesmo a roncar. Bucha de Canhão 2 e 3 escorados em uma parede olhavam vídeos curtos no celular. Bucha de Canhão 4 rolava de um lado para o outro em um sono leve, falando frases soltas. Aproveitei a calma para visitar o outro lado da batalha.

Escolho a porta da casa do Tenente 1. Ele estava danificado, havia sido punido pelo Major. Mancava, a face contorcida em uma carranca com marcas roxas das pancadas do superior. Não conseguia dormir por causa da dor, decidiu passar um café. Carregava de novo no corpo a humilhação do treinamento. Era um oficial graduado, não merecia aquilo. Só havia feito seu trabalho. A mão falha e a jarra da cafeteira se

estilhaça no chão, o café escuro se espalha no mesmo padrão que o sangue da cabeça de Lúcia. Pensamentos intrusivos. Tenta limpar o chão mas as dores no corpo o impedem, talvez uma costela quebrada. Eu me pergunto se Tenente 1 via fantasmas, ou era tão cego pelos próprios objetivos que só via tudo como um obstáculo para sua transformação. As agressões do Major abalaram sua compostura, acreditava ser o favorito. Decide pegar o carro, sai sem rumo. Paramos em uma sinaleira, pelo espelho retrovisor é possível ver a frustração. Um antigo amigo meu bate no vidro, os olhos brancos de catarata olham para longe. Era impossível que Tenente 1 soubesse da infinita sabedoria daquele homem. Abaixou o vidro e puxa a pistola que mantinha debaixo da coxa, era a mesma com a qual atirou na cabeça de Lúcia. Sacode o cego pelo colarinho da camisa, saliva escorre do canto da sua boca enquanto palavras saem tortas, sem sentido. Um eco do vazio. O sinal muda de cor e ele deixa o homem ir embora. O cego não se abala, apenas se levanta e espera o próximo sinal vermelho para tentar conseguir algum dinheiro. A arma ficou em cima do painel do carro, não voltou para o esconderijo debaixo da coxa. A interação foi dura para o Tenente 1, que agora se contorcia ainda mais de dor pelos movimentos bruscos. Ele estaciona em um canto escuro qualquer de uma rua qualquer. Tenta segurar as lágrimas mas não consegue, as lágrimas brotam como um grande orgasmo e ele chora de soluçar. Os soluços abalam a forma do homem. As contorções do abdômen aumentam a dor na costela. Em cima do painel a arma brilha fantasmagórica com seu metal exposto refletindo as luzes dos postes ou das estrelas, era impossível saber. Mais do que isso, a Arma está apetitosa, sensual, é quase incontável o reflexo que Tenente 1 tem de enfiá-la na boca, chupar a virtude do metal. Segura com as duas mãos com um toque gentil que eu nunca havia visto partir dele. O longo dedo indicador desliza até o gatilho, começa a curvar delicado. Nunca vi ele desejar uma mulher, mas era impossível não comparar. Ele não puxou o gatilho, viveu para lutar mais um dia. Essa é uma história sobre gozo interrompido.

A próxima visita foi ao Major. Devo dizer, decepcionante. Ele dormia como uma pedra, com a barriga para cima. Seu apartamento era grande, mas vazio, como se houvesse se mudado a pouco tempo. Nem mesmo a poeira ousava a se acumular nos cantos daquele lugar. Nenhuma obra de arte, apenas a poltrona e a cama, aquilo ali não era sua casa. Sua casa era o complexo, sua sala meticulosamente decorada, os corredores tortuosos e mal iluminados como sua mente. Ele não cozinhava nem limpava, possuía uma funcionária que cuidava de tudo. Apesar de se verem todos os dias, ele não trocava com ela uma única palavra. Deixava o dinheiro em cima da mesa, costumava atrasar, fazia ela pedir, mas a reprimia por falar. Agora ele dormia calmo. Não sentia ansiedade pela guerra, mas com certeza sentia seu sabor. A guerra era uma questão de tempo, inevitável, para ele, não importava se seria hoje ou amanhã. Até mesmo adormecido ele parecia pronto, as juntas das mãos cortadas de desferir golpes, mãos que rezam para Deus de ferro.

A manhã seguinte, quando encontraram Tenente 2 inchado em um dos afluentes do Guaíba, foi meu último dia como contador de histórias, eu escolhi um lado, o de José Maria de Almeida. Talvez depois de tudo isso, um senso de justiça nasceu dentro de mim, entraria com eles, morreria com eles. Seria uma peça decisiva no combate, como um menestrel de outrem, vivendo a história desses homens guerreiros. Seria Virgílio guiando os cegos pelo inferno. Equipados com as histórias e documentos de Tenente 2 estavam prontos para conhecer o Complexo. Bucha de Canhão de 1 a 4 iam pela guarita leste, os três demais pela norte, eu aproveitei para escrever minha despedida. Minha narrativa sobre formigas e amores não correspondidos acaba aqui, ao futuro, resta apenas incerteza.

Capítulo 24 - Nurburgring 24 Horas

Pedro Ferreira, Daniel Lucas Andrade, Simão Martinelli, Vinícius Luz, esses eram os nomes daqueles que Giges chamou de Bucha de Canhão. Todos escolheram estar aqui, e aqui chegaram por seus próprios pés. Eu e mais sete homens entramos no complexo, um dos guardas havia sido subornado, mas as falsificações dos documentos de identificação estavam ótimas. Giges estava no carro conosco, mas nenhum de nós podia vê-lo ainda. Éramos como fantasmas no labirinto de prédios, cada vez mais próximos do centro. Ninguém pensou em deixar uma linha vermelha para trás, todos já haviam aceitado a própria morte. Conforme o centro se aproxima, as guaritas ficam mais criteriosas, cada vez os documentos um pouquinho mais dissecados. Em algum ponto sua verdadeira forma seria revelada. Mas nós todos já sabíamos disso. O que não sabíamos era que, após a morte do Tenente 2, o Major emitiu a ordem de que qualquer documento falsificado deveria chegar até pelo menos, a quinta guarita. Carlos Gomes, como a rua, HRQ, apesar de ser médico de formação, era ótimo com bombas. Já havia preparado-nas com dias de antecedência e ofereceu um treinamento para que os demais pudessem operá-las. “Por que você não vem conosco?”, “Tenho coisas a resolver aqui nesse mundo, só que no futuro”, Carlos era um homem tão complexo como qualquer outro, porém fora amaldiçoado pelo passado, nunca voltou. Descobri algumas semanas depois, quando ele se matou, o porquê de não ter se juntado a nós. O segundo tenente Dr Aoki havia sido transferido para o seu hospital. Carlos fez questão de matar o homem e depois se matar. Tudo isso em público dentro do hospital, ele sempre teve um lado teatral. Acreditava na semiótica e na guerra mental. Dizia que o verdadeiro campo de batalha é a mente dos populares, quando perguntei a fonte ele citou o Manual de Campanha Operações Psicológicas C 45-4, disse que viu em um vídeo do youtube. Nada mais justo do que um suicídio messiânico para um homem como esse. Ele sempre falava sobre um livro que escreveu. Pediu que eu tentasse reaver, pois havia sido roubado pelo Major. ‘O Pomar’. Não sabia se o livro existia, mas com certeza o seu autor era ótimo em fazer bombas.

Na terceira guarita os guardas podiam estar falando alemão, nenhum de nós escutava nada, Sandro tremia segurando a arma, devia ter cheirado entre uma ida no banheiro e outra. A manhã avançava, já eram cerca de sete horas. Estava calor, o suor escorria pelas costas da camiseta, era um dia agradável, céu azul, sem nuvens, nada disso importa. Passamos mais uma guarita. O carro se movia muito devagar pela estrada de paralelepípedos, balançava de um lado para o outro, acompanhando a rotina dos soldados, evitei olhar para o rosto dos homens que corriam de um lado para o outro cortando grama, não poderia hesitar. Não eram homens, eram a continuação de um projeto. Uma ideia revisitada. Chegamos na quarta, tudo certo. Era um círculo de verificações e burocracia, a estrada parecia desnivelada como se estivéssemos indo em direção ao centro da terra. O complexo era o sistema digestivo de algum animal gigantesco e ainda não catalogado. A primeira guarita ornamentada era a epiglote, cada uma das suas sucessoras um esfíncter, deglutindo cada vez mais. Descíamos por aquele esôfago circular em um ritmo maçante. Sete e quinze, quinta guarita, cada vez mais próximos do estômago, depois dessa ainda haviam mais duas. O prédio principal observava todo pátio ao redor, não era alto, mas esticado na horizontal. Conseguimos passar pela quinta guarita sem problemas, porém ficou claro que nossa presença havia sido notada. Logo que o carro seguiu em frente o guarda fez uma ligação, era possível que uma patrulha já nos esperasse à frente, antes de que nos cruzássemos ouvimos a explosão no portão leste.

Um soldado havia encontrado um objeto estranho no pátio, estava com ele em mãos, quando a bomba foi acionada, seu braço e a metade esquerda de seu tórax se transformaram em uma massa vermelha espalhada pela grama recém cortada. Morreu na hora. Viva a tecnologia. Ocorreram diversas explosões. Descemos do carro e nos juntamos à correria generalizada dos soldados, passamos pela patrulha que nos esperava, a prioridade deles tinha mudado nos últimos segundos. Sexta guarita, ainda não disparamos nenhum tiro. Na próxima não tivemos muita opção, já estavam em contenção. Jogamos uma das granadas improvisadas feitas com pedaleira de bicicleta, atiramos com rifles em ajuste semi-automático. Os soldados da guarita atiraram de volta, ninguém do nosso lado foi atingido. Logo à frente, escondida por um mato alto, destoante do resto da grama bem aparada, uma casinha com uma porta vermelha. Fomos para lá, as balas cruzavam o céu como um sonho. Sandro arrebentou a porta em dois segundos, entramos e descemos a escada. Bem vindos ao intestino grosso.

Enquanto a porta se fechava atrás de mim, e escondia os teimosos raios de sol, pude ver inúmeras marcas de unha na parte interna da porta, pedaços de carne alojados nos sulcos. Tudo que restou de luz foi um tímido e corajoso filete que entrava pelo buraco da fechadura, e seguia apontando em frente. Mesmo o pequeno raio nos abandonou após alguns instantes de caminhada. Era um corredor escuro, ninguém nos perseguiu, os soldados das guaritas e patrulhas, como cães assustados, não ousavam entrar ali.

Posso sentir a água entrar nos meus tênis enquanto caminhamos com as mãos encostadas na parede, sempre em frente, não existe nenhuma possibilidade de desviar do caminho, nenhuma bifurcação. Caminhamos, à luz das lanternas dos celulares era engolida pela a escuridão ao redor, prendíamos a respiração. As deformidades do cimento esférico pareciam se mover. O ambiente deglutia, uma onda de ácido gástrico surgiria a qualquer momento, levando todo material orgânico, deixando apenas ossos e rifles. Caminhamos, nossos passos ecoam, nosso equipamento tilinta, qualquer ouvinte atento poderia nos escutar a quilômetros de distância. Sandro andava tenso atrás de mim, a temperatura parecia ter subido dez graus, estávamos todos derretendo de suor, as gotas se misturavam com a água parada do chão causando um barulho constante de goteira. A ideia de que alguém se arrastou por aquele chão imundo com feridas abertas para chegar até a porta trancada consumia meus pensamentos. Caminhamos. Quanto daquela água no chão seria sangue? Isso com certeza justificaria o cheiro de podridão que inundava o ambiente. O túnel afunila a cada passo, as paredes começam a apertar os ombros. Por sorte João com seus ombros largos ficou em penúltimo, apenas a frente de Giges. No fim do túnel encontrei uma parede lisa, nada ali. Não era possível que as plantas estivessem erradas, deveria existir uma abertura em algum lugar. A claustrofobia começa a invadir os cantos escuros dos pensamentos, um líder frágil cercado de seguidores fracos em um túnel estreito, éramos incapazes de dar meia volta, andamos de costas, alguém tropeçou em uma deformidade não percebida e foi segurado pelo companheiro de trás. Me aproximei para analisar. Era um buraco quadrado grande o suficiente para um ser humano passar se arrastando de cócoras. O contorno do buraco era deformado, como que se cavado por mãos humanas, mas isso era apenas uma simulação. Era impossível que qualquer pessoa tivesse feito um buraco daquele tamanho com as mãos, foram usadas máquinas para quebrar o concreto. Feito em um ponto que não comprometeria a estrutura do túnel. Aquilo era parte da tortura, uma ilusão. “Um buraco” - Falei, alguém sugeriu olhar - “ Eu vou” - era uma voz nova, a voz de Giges. Nenhum de nós o tinha ouvido falar, olhamos para trás, em busca da origem do som, não tinha ninguém lá. Ele começou a aparecer, seu corpo tomando forma, saindo da névoa. “Sou um fantasma dessas paredes, eu posso ver o que tem do outro lado e contar para vocês, confiem em mim” - era mentira, lógico, mas o stress da situação deve ter tomado conta de mim, me pareceu uma ótima ideia. Ele desapareceu de novo, voltando a névoa, sentimos o contato daquele ser magro e frágil com nossos corpos conforme ele se arrastava no espaço entre nós e as paredes. O tempo passou e ouvimos a voz de novo “Estão todos do outro lado do buraco esperando vocês no escuro, uma armadilha. O primeiro que passar pelo buraco será baleado, vai tapar o furo e dificultar a passagem, será impossível de voltar pois eles já estão com as armas apontadas para a porta vermelha. Estão presos, e eu aqui com vocês”. A nossa morte já havia sido coreografada, para o Major era uma instalação de arte, corpos empilhados em um túnel escuro. Um agonizando entalado no buraco

quadrado enquanto os outros correm desesperados em direção a porta vermelha e acabam rasgados por metal. A proporção água/sangue mudaria drasticamente. Decido voltar ao fim do túnel, tatear a parede, em busca de qualquer coisa. Me abaixo e percebo que o fim da linha era uma esfera de água no concreto, havia como passar por baixo, mas a parede deixa de ser, haviam formações erodidas como de uma gruta, decido me arrastar por debaixo da bola de infiltração encontrar uma saída “esperem aqui”.

Começo de quatro, as paredes estreitas compactando meu corpo, ainda consigo segurar o celular com uma das mãos, mas ele não ilumina mais de um palmo a frente, vejo chão de concreto se tornando rocha, a superfície lisa fica pontiaguda, a água começa a ficar mais clara, meus joelhos doem, sigo em frente. Sinto o sangue na calça, o teto fica tão baixo que fica impossível engatinhar, deito e rastejo me puxando com o braço direito para frente e outro escondido atrás do corpo, imobilizado. A água não é mais estática, ela flui, não consigo mover a cabeça no espaço, a água invade no meu nariz começo a me afogar, mas não posso parar, sempre em frente. Quando eu começo a perder a consciência, o túnel deságua em uma pequena cachoeira, aterrizo semiconsciente em uma galeria aberta. O local é iluminado por luzes brancas penduradas no teto, um refletor. De todos os cantos da sala escorrem filetes de água que se juntam no centro em uma piscina, era impossível dizer se o ambiente era natural ou não, mas com certeza era antigo. Olhando para cima vi uma enorme pedra redonda e perfeita tapando o que parecia ser a entrada: *Gólgota*. No canto oposto da sala, uma abertura do tamanho de um buraco de ar condicionado, as pedras se alinhavam, colocadas ali para escalar. Era uma ilusão de dificuldade, uma escada escondida. Comecei a subir, a ilusão ficou mais clara, algumas pedras eram de papel machê e desmanchavam na mão exibindo o verdadeiro caminho. Entrei no buraco, parecia ter sido feito para mim as paredes e o chão eram aveludados e macios, o caminho era iluminado, meus ombros passavam com folga pela abertura, contudo não conseguia me levantar, a ilusão do desafio permanece. No fim do túnel, caio no forro de algum teto. Por uma abertura nas placas vejo a sala abaixo, O porão é amplo, uma escada colada na parede, sem corrimão, era feita de uma madeira escura, destoante do restante do ambiente de azulejos que algum dia foram brancos, hoje estavam amarelados e manchados de qualquer resíduo humano imaginável. Um dos cantos da sala era forrado de jornais, ali jazia uma cadeira próxima a uma bateria de carro, e uma caixa de ferramentas. Além disso, cordas, uma arara de roupas e um toca disco velho com alguns vinis ao seu lado. No centro haviam sido improvisadas barricadas, e atrás delas vários militares apontavam com seus rifles para um buraco na parede, próximo ao chão. Dou um beijo no meu anel de São Jorge e do teto faço chover granadas improvisadas com pedaleiras. A primeira vez que eu beijei uma menina eu tinha 12 anos, foi num terreno baldio onde jogávamos bola depois da aula, o sol estava alto e o

nome dela era Isabela. O beijo foi horrível, depois fui contar para todo mundo do colégio.

Meus amigos respondem às explosões e gritos dos soldados. Entram na sala pelo buraco. A ponta dos rifles cuspidos, arrastam-se o mais rápido possível, uma linha ordenada de formigas, sempre atirando. Paro de assistir e saio em busca de uma forma de entrar na guerra. Os interfonos tremem com uma voz. “Primeiramente, bem vindos senhores, aqui é meu lugar favorito de todo mundo, a minha oficina, meu escritório. Em segundo lugar, antes de começarem a rezar, gostaria de lembrar que foi Deus quem comprou essas balas” - Em seguida começa a tocar Odair José, e a sala fica inundada de gás lacrimogêneo.

Capítulo 25 - Nurburgring 48 Horas

Acho um cano de metal que desce pela parede, sem questionar escorrego por ele, no meio do caminho os pregos arrebentam, me solto e caio de pé no chão. Meu tornozelo arrebenta com a aterrissagem. A adrenalina me impede de mancar, sigo em frente. Sempre em frente. Meu passo começa a ficar pesado, olho para baixo, estou pisando na lama. No meio da névoa, vejo o contorno de uma casa desmanchada. Uma figura de homem se destaca da neblina, uma máscara de gás. Ele andava meio retorcido, como se tivesse apanhado recentemente. De todos os seus semelhantes, era o único que não portava um fuzil, apenas uma pistola. Boi de piranha. Salto para cima dele com uma coronhada de fuzil. Ele cai, com a máscara quebrada, o gás entra em seus olhos e ele começa a chorar, era um menino. As balas rasgam o céu. Uma raiva incontável toma conta de mim, solto o rifle e começo a golpear com a coronha do revólver. Sangue, pedaços de dente e de acrílico se misturam à lama. Eu não consigo parar. Os fantasmas se reúnem ao nosso redor. Depois de alguns segundos, um dos rastros dourados me encontra. A bala pega no meu ombro, vou ao chão com dificuldade de respirar, sinto a clavícula pegar fogo. Consegui ver que o tiro atravessou direto, pelo respingo na lama. Cuspo sangue. Fico imerso, consigo ver Capitão Evangelista vindo do meio dos fantasmas com um chapéu de caçador do império britânico. Tão confiante na no próprio tiro que vem recitando:

“E logo o encontra

Desferindo nos gregos os seus golpes cansados;

A velha espada, já rebelde ao seu braço,

Cai onde entende, e onde cai demora,

Repugnando o comando. Combate desigual!

Pirro se arroja contra Príamo; cego de ódio, só atinge o vácuo;

Mas basta o sopro e o sibilar da espada em fúria

Pra derrubar o alquebrado rei.”

Rastejo pela lama, mergulhado. Uso o corpo do tenente semi-vivo para ocultar meus movimentos e pego sua pistola no caminho. A dor no ombro aumenta. Não consigo mais mexer o braço direito. Evangelista se vira na minha direção e olha no fundo do meu olho, minha arma estava apontada para ele, disparo e ele cai seco. Não mais na lama, mas no chão duro e frio, o tenente treme ao lado dele devido ao choque induzido pelo traumatismo craniano. Os movimentos espásticos do corpo eram iguais aos do meu irmão quando caiu de boca aberta na borda da piscina. Dona Ivone carregou ele nos braços com o rostinho coberto de sangue, Pietá. Olho ao redor. Corpos inteiros e despedaçados se espalham, o buraco pelo qual os rapazes rastejaram colapsou, ouvia o som de mais soldados no túnel. Eram apenas um ou dois tentando desobstruir a entrada, o resto dos reforços deveria estar dando a volta. João e Sandro estavam vivos ainda, juntaram algum pedaço da mobília e se preparavam para subir a escada protegida pelos últimos sobreviventes que disparavam baladas tímidas, sem nome marcado. Alguém me ajudou a levantar pelo meu ombro ruim. Quase desmaiei de dor, meus pés fraquejaram, mas quem me segurava era Simão. Sustentou meu peso. Ainda sobramos quatro, demos sorte, achei que morreríamos logo no primeiro confronto. Ele estava chorando, olhava para mim e pedia socorro, dizia que queria ir embora, o soldado em choque emitia sons de pato Donald enquanto tentava respirar, dou um tiro de misericórdia nele. Simão senta e chora baixinho, considero dar um tiro de misericórdia nele, não consigo. Tento instruí-lo para que se mate e não se deixe capturar. Acho que ele não vai conseguir. Espero que ele reaja e que o matem rápido. Me viro João e Sandro estão subindo as escadas, João na frente com um tampo de mesa nas mãos, Sandro atira por cima do ombro do amigo, tento seguí-los. Não sei como, mas eles chegam até o topo, eu vejo as costas deles da base da escada, se jogam contra os soldados que atiram da porta e os derrubam como pinos de boliche, João já cai morto sobre eles. Todos estavam gritando, eu não conseguia apagar a memória dos sons do pato Donald dos meus ouvidos. Sandro some da minha vista enquanto subo as escadas. A luz do porão piscava, a porta era um halo de luz natural, subo como um morto. Sandro matou os últimos soldados restantes. O vejo caminhar pelo longo corredor vazio do complexo até a única porta ainda fechada do andar. Era uma porta de madeira vermelha, maciça, sem fresta. Ele saltita como um menino até lá, milagrosamente não foi atingido por nada durante o confronto, ao botar a mão na maçaneta o imagino sorrindo, feliz com a guerra, mas não consegui ver seu rosto. Ele abre a porta em um movimento brusco, som e fúria, a cabeça dele some do corpo e pinta o cenário. O corredor fica com cheiro de moedas devido ao disparo, o nariz me leva para o início da tarde de domingo, na banca de jornal depois da missa, onde o pai comprava cigarros e me dava as moedas para qualquer coisa. Ele odiava a missa, só ia para agradar os sogros.

A espingarda que disparou estava pendurada em uma corda amarrada a maçaneta, uma armadilha sardônica de desenho animado. O mais corajoso de todos os argonautas morreu em uma piada. Eu entro na sala tomado pelo mesmo ódio que causara a morte de Sandro. A sala estava vazia, além da espingarda pendurada, era só um escritório. Caminho até a mesa de centro, sinto com a ponta dos dedos a madeira de alta qualidade do tampo, as ranhuras existem visualmente mas o verniz impede que elas sejam sentidas. Uma cobertura estéril, tornava o ser morto em uma decoração eterna. “Madeira nunca apodrece”, o que não apodrece é a pintura. Escuto uma risada metálica vindo dos alto falantes: “Me desculpe rapaz, não consegui estar presente hoje, tive de ir a uma reunião de pais e filhos, viva o trabalho remoto” - era a voz do Major. Alguns anos depois, o mesmo filho que ele foi acompanhar, espancou-o até a morte com um taco de sinuca. O Major conseguiu contaminar o próprio filho com a guerra, só não imaginava que ela se voltaria contra ele. As testemunhas disseram que foi um desentendimento sobre veganismo. Hoje o Major havia vencido, ele gargalhava do conforto das caixas de som metálicas. “Patético, rastejando, comunista imundo, sempre morre na praia. Uma pena que a gente não passou mais tempo junto. Existem milhares de mim, praticamente um por cidade. Eu sou um produto de fabricação em massa, eu sou imort..” - Giges puxou alguma tomada, quando entrou na sala eu tapava as mãos com o rosto, um maldito verso de música grudou na minha cabeça: “agora eu era herói, e meu cavalo só falava inglês”, ao perceber o homem esguio com minha visão periférica aponto a arma sem exitar, puxo o gatilho, mas as balas acabaram. Minha mão continua apertando com vontade própria, “click, click, click”. Só sobrou o estalo, eu estava tão cansado, queria que meu pai entrasse pela porta e me carregasse até a cama. “Agora eu era herói, e meu cavalo só falava inglês” na minha versão pessoal o violão havia sido substituído pelo quack do pato Donald, e a percussão, pelo click da arma vazia. “Calma meu amigo, só quero conversar” - Giges quebra o silêncio - “Olá de novo. Já nos vimos, mas não tivemos a oportunidade de conversar. Giges não é meu nome de verdade, é um nome de palco. O de verdade já esqueci. Mas isso não vem ao caso agora.” - o rosto dele quase colado no meu, seus olhos vermelhos com lágrimas do gás lacrimogêneo que nos recebeu, sua expressão é rasgada por um imenso sorriso povoado por poucos dentes. Pensando a fundo, é até surpreendente que aquele homem tivesse algum dente, ou que comesse qualquer coisa. Era magro como um palito, parecia que um espirro quebraria todos seus ossos, “Eu quero te oferecer um emprego novo”. Essa frase é demais para mim. Eu salto sobre ele, não oferece nenhuma resistência. Ele cai de costas no chão, agarro sua cabeça com as duas mãos e me preparo para arreventá-la contra o piso, mas ele fala antes do movimento iniciar, eu escuto - “O que eu te ofereço é uma chance de continuar sua missão pelo tempo que desejar, me permita pegar a chave no meu bolso”. A cólera morre, eu solto a frágil criatura podre. Os longos dedos magros pegam uma chave velha, “essa chave abre uma porta que vai te levar para o escritório. Tudo

que você precisa fazer é girar a chave no ar, assim como se estivesse destrancando uma porta mesmo, vai dar para sentir a resistência da fechadura. Lá dentro, em cima da mesa de centro tem um livro de capa marrom e um contrato. Caso assine o contrato, guarde o livro na minha coleção. Decida como prosseguir. Demore o tempo que quiser eu te espero aqui colega” - eu aceito o convite. Sinto a resistência da fechadura, escuto o som do trinco. “Agora é só andar para frente”. Sempre em frente.

Capítulo 26 - Nurburgring 72 Horas

Uma sala sem janelas. O ambiente é segmentado em três espaços, um povoado por poltronas de feltro branco posicionadas nas diagonais de um sofá do mesmo material e cor, todos sobre um tapete shaggy cinza com tons de marrom. Complementando, uma mesa de vidro com revistas muito antigas. Tento pegar uma delas, mas se esfarela nos meus dedos, mera decoração. Sobre o sofá, um clássico quadro de palhaço triste, Soir Bleu em tamanho reduzido, quem diria que os dois semestres de artes visuais na UFRGS seriam úteis. No outro canto, paredes de madeira, um cabideiro povoado por roupas limpas, e algumas dezenas de quadros pendurados, todos releituras de “Os Retirantes” de Candido Portinari. Tiro minhas roupas, sendo observado por todos os ângulos pelas famílias famintas das pinturas, passo a toalha em meu corpo, o tecido era tão macio quanto um sonho, todo o sangue seco desgruda da pele como mágica, não fica nenhum resíduo na toalha. Visto os trajes, paletó e calças pretas acompanhadas de uma camiseta de linho branca, os olhos fundos e pretos da fome acompanham o abotoar da camisa e o fechar das calças, desvio do peso do mundo encarando a versão pop art do quadro. No centro da sala sobre uma classe de madeira comum, como as de escola pública, um projetor antigo ronronava enquanto reproduzia na parede imagens de um homem jogando alumínio derretido em um formigueiro. O loop durava mais ou menos 30 segundos. Entre um ciclo e outro apareciam imagens de Lúcia em uma casa de praia, um homem cego perambulando por Porto Alegre e os eventos dos últimos dias. É possível que as imagens mudem com o passar do tempo, cansei de esperar. Do lado do projetor estavam posicionados o livro marrom. Dou uma folheada no livro, fora todo escrito a mão, a caligrafia era firme e prática, os traços fortes criavam sulcos fundos no papel, as letras apesar de cursivas, eram pouco ornamentadas. Ao lado um contrato e uma caneta, assino no fim da página sem ler, como um homem morto. O vídeo chega ao fim de mais um loop, dessa vez mostra o velho cego pedindo trocado na sinaleira, cai sem vida no meio da rua, o semáforo muda para verde. A atitude é questionada por algumas buzinas de motoristas impacientes, depois de provada a ineficácia do som, os carros desviam, as rodas passando a centímetros da cabeça do homem, só deus sabe por quanto tempo o corpo fica lá apodrecendo sob o sol forte. Sempre me questionei se foi recolhido pelos médicos legistas, pelo DMLU ou pelos ratos. De trás da projeção aparece uma porta na parede, mas antes de prosseguir volto para contar minha escolha a Giges.

Ele continua sentado na sala do major com as mãos tapando o rosto, fez o melhor que pode para obstruir a porta enquanto os soldados tentavam invadir. Ele reage ao som de trinco e se vira na minha direção. Os olhos estão brancos e leitosos, cegos de catarata. “É lindo lá dentro não é? Eu que decorei” - percebo que estou usando a mesma roupa que ele, porém muito mais limpa e asseada. O paletó dele estava desgastado e cinza de velho, as calças rasgadas no joelho. Tento me lembrar que roupa o mendigo de olhos leitosos usava, mas me escapa da memória. “Vem deixa eu te ajudar” - respondo. “Não sabia que você ia assinar tão rápido, achei que tinha pelo menos mais umas duas horas de visão. Mas viver é se adaptar.” - Giges, o eterno otimista - “Meu avô ficou cego, depois de um tempo você se acostuma”. “E agora que ninguém mais te vê o que você pretende fazer?” - apesar da pergunta soar capciosa, me pareceu sincera. “Não sei, continuar, sempre em frente”. “Eu ia te perguntar se posso ficar morando no escritório, foi tudo que eu construí gostaria que lá fosse minha tumba. Você viu que o lugar é infinito se não quiser nunca mais precisamos nos encontrar, mas eu ia agradecer se você pudesse me trazer comida e outras coisas para me ajudar no crepúsculo dos meus dias. Em troca posso te ensinar o que sei sobre a sua nova vida.”, “pode ser, quer ir agora?”, “Quero, sim por favor. E mais uma coisa, podemos visitar Lúcia? Preciso me desculpar”, aceno positivamente com a cabeça e começo a conduzi-lo pelo braço em direção a porta. Sinto uma leve resistência, “E então, podemos ou não?” perguntou, esqueci que o homem havia ficado cego, “Podemos sim, agora vamos”. Ele sorri.

Pego o livro marrom de cima da classe e guio o homem cego através da porta iluminada pela projeção, do outro lado um amplo corredor com paredes e teto de vidro, éramos observados por um viveiro de plantas morrendo. Árvores secas e sem folhas, galhos retorcidos, flores cinzas e velhas estendidas no chão, tornando-se pó. Pensei ter visto uma serpente. Ao longe o som do mar quebrando em pedras, e o lamento do vento retorcendo alguma paisagem tão distante quanto uma memória. A densidade de plantas era tanta que tapava o céu, a luz entrava pelos pontilhados dos galhos. A luz não é natural. Parece uma imitação artificial da combinação de cores de um dia ensolarado, projetada por infinitos holofotes posicionados para garantir a impossibilidade da existência de qualquer sombra; Uma simulação de sol a pino. Caminhar naquele corredor era como caminhar por dentro de um corpo infestado de câncer, bolsões pretos na base dos galhos dificultam o fluxo da seiva nas grandes árvores, matando-as de cima para baixo, o gramado parece ter sofrido uma queima recente, ossadas de pássaros se acumulam em pilhas de poucos centímetros. “Onde estamos?” - pergunta Giges - “Em uma espécie de viveiro” - “Há o jardim! Agora é só continuar seguindo em frente”. Será que o “jardim” sempre foi assim? Não importa, sempre em frente.

O próximo ambiente é um saguão de mármore branco, grandes colunas ornadas com fios de ouro se estendiam do chão ao teto. No centro, uma mesa de mogno em semicírculo povoada por um computador, logo atrás um elevador aberto e iluminado por uma luz amarela, duas escadas circulares também brancas com os corrimões de mármore negro, levavam a um mesanino com duas salas: “Manutenção” e “Administração”. Um zumbido constante ecoava no ambiente e ocupava o fundo da consciência. “Estamos no saguão. Eu sei pelo barulho, olhe para cima” eu olho. Infinitas moscas varejeiras se enroscam umas sobre as outras tornando o teto uma massa preta móvel. A parte das colunas que tocam no teto estão desgastadas, lixadas pelo atrito das varejeiras em movimento eterno. Um calafrio percorre minha espinha, e uma sensação de nojo engole minha barriga, estava curioso para investigar o mezanino, mas o desgosto foi tamanho que a única opção foi seguir em direção ao elevador. Giges percebeu o aumento da velocidade de movimento e a reação em meu corpo e abriu um sorriso sádico. Um carpete vermelho, e um espelho ornamentado decoram o maquinário. O painel ostenta 64 botões dourados, todos devidamente catalogados com um nome e números em intervalos de 100, Giges tem três botões, outra pessoa intitulada Gálio tem dez. Embaixo do painel tem uma alavanca, puxo por curiosidade, o painel desliza e revela mais 64 botões todos nomeados e numerados, puxo mais uma vez para baixo. Os caracteres param de ser do alfabeto latino, não reconheço as letras, mas de qualquer forma não sou o homem mais culto do mundo. Puxo mais algumas vezes, deixam de ser palavras os nomes e viram riscos, marcas, símbolos. Puxo de novo e de novo, o painel parece ser infinito, puxo de novo, o conjunto de símbolos não parece concebidos por mãos humanas, eles me causam um desconforto, uma sensação de pequenez, era como olhar para algo que nenhum olho deveria ver, tocar em algo que não deveria ser tocado. Mudo o sentido da alavanca e volto para o nível onde estava Giges. Clico no botão “Giges” com a numeração mais alta. Os corredores do modelo “Giges” eram estilo colonial, com estátuas de gárgulas, retratos de santos, tampos de madeira e grandes relógios mecânicos. Depois que chegamos no andar dele o sorriso sádico se transmutou em nostálgico e sincero. Ele deve ter reconhecido o cheiro do andar, ou a textura do carpete. O sorriso de alguém que volta para casa. Caminhamos até o quarto número trezentos, era uma peça única de vinte e tantos metros quadrados, forrada até o teto com estantes de livros, caixas de CD’s, fitas, etc. Todas cheias até o topo. Coloco o livro marrom em um espaço no fim de uma estante. “Pronto, coloquei o livro marrom na estante, seu trabalho está finalizado”.

“Você entendeu o que é esse lugar José? Um museu, de pensamentos e algoritmos mortos. Uma biblioteca infinita, com a história da humanidade curada e contada por alguns seletos representantes dos quais você agora faz parte. Eu me enxergo com os olhos do meu antecessor, temos a missão de preservar o máximo de relatos e pequenas crônicas da vida das pessoas que caminham sobre a terra. Ando me

desconectando dos fluxos de informação, não consigo mais acompanhar, percebi que era hora de passar a tocha, lógico, você escorregou a alavanca para baixo, nem todos os nossos predecessores tinham a mesma opinião. Alguns deles tentaram produzir arte, rabiscos insanos de mentes deterioradas condenadas a viver para sempre, outros eram tão primitivos que ainda não haviam sido tocados pela luz da razão e usaram seu precioso espaço para a própria escatologia. Porém cada um, um indivíduo único, a ideia de preservar sempre esteve nos nossos genes, os antigos só ainda não conheciam os métodos e o arcabouço teórico necessário para fazê-lo, continue com essa missão preserve a história, conte a história!”. “E o que são aqueles andares inferiores, com as escritas não humanas? Como você justifica isso?”, “Luzes que cegam os verdadeiros deveres de um homem. Deixe essa pergunta para os arqueólogos do futuro meu rapaz, para aqueles que escreveram tais mensagens. Nós como humanos temos que preservar garantir que tudo seja escrito e que todos tenham o direito de viver aqui conosco para sempre através de nossas palavras. Todo o trabalho da humanidade é feito para ser perdido, incêndios, guerras, o que eu te ofereço é o contrário. Um sarcófago hermético onde tudo que você escrever continuará preservado para sempre, mesmo que a nossa língua morra, as palavras ainda estarão aqui para alguém decifrar. Você mesmo pode se basear nos estudos que nos ajudam a decifrar hieróglifos e escrever manuais de língua para os homens do futuro, para ensiná-los a compreender suas palavras. Você nem precisa escrever. No ano atual de nosso senhor, você pode gravar, filmar, digitar, tanto faz mas pode preservar tudo, veja!” Giges pega um de seus livros, rasga as páginas e atira o livro no chão, após alguns segundos uma nova cópia do mesmo livro se materializa intacta no espaço da estante que era ocupado pelo original. “Depois de consolidado não pode ser destruído, esse lugar é o inconsciente coletivo! Daqui que saem e para aqui que vão todas as ideias, e você é o guardião de tudo isso, o verdadeiro profeta” - ele conclui napoleônico. Respondo: “Nunca gostei dessa baboseira de psicologia Junguiana, esse lugar é anti-natural, uma antítese a morte, todas as obras, assim como os homens que as fizeram tem que morrer um dia, tudo além disso é arrogância da nossa parte, você entende tanto desse lugar quanto eu. Foi jogado aqui, por circunstâncias alheias a você mesmo, te ofereceram uma explicação racional que você sabe que não é verdadeira e nem completa e você decidiu aceitá-la, cego na própria ignorância. Todos os sinais que apontaram para o lado oposto você decidiu ignorar, um típico defensor de uma razão inventada. Olhe ao seu redor o quanto esse lugar é decrépito e decadente, olhe as moscas no saguão, sua razão está apodrecendo tudo. Ao tentar produzir a antítese da morte, você apodrece o que considera ser um palácio da razão”. “O que você acha que é isto então? Uma obra divina? Quem é você para falar mal de podridão esse é só o próximo estágio do corpo a razão perdura no mármore branco intacto do chão, as moscas comem apenas a carne. E se for uma obra divina, que controle eu tenho sobre isso, afinal Deus criou as moscas, as larvas, os parasitas de árvores, acreditar nisso é

limitante, nosso trabalho aqui é produzir e preservar o conhecimento, através da nossa razão ocupar cada milímetro de espaço deste lugar.” - “Talvez, não seja mais hora de produzir, e sim de investigar as coisas antigas, lá no fundo pode ser que estejam as respostas e os motivos desse lugar”, “luzes que cegam. Acredito que eu estava errado sobre você meu amigo, não é um homem ainda. Está perdido na exploração de um mundo que não conhece, mas tudo bem, o tempo passa, você vai ver”.

De certa forma, ele tinha razão, o tempo passou, e a estrutura era imensa. Os pensamentos se acumulam e misturam, logo no começo tentei acessar as estruturas misteriosas nos níveis mais baixos, nunca consegui passar pelos elaborados sistemas de fechadura. Passei a acreditar no propósito divino, mas diferente de Giges, eu acreditava que aquele jardim morto antes da entrada era o jardim do éden, eu era o homem que tinha a chave e o dever de devolvê-lo para humanidade, sonhava com milhares de pessoas inundando o espaço e tudo florescendo ao redor. Trouxe alguns seletos para testar a hipótese, todos que tiveram coragem de continuar depois de ver as pinturas de Portinari, envelheceram em instantes, se mesclaram a terra. Por alguns segundos, belas flores nascem dos corpos mortos, saindo pelos buracos do crânio, rompendo as fibras da pele, contudo os bolsões pretos logo tomaram as raízes e mataram tudo. Consigo ouvi-los desesperados arranhando o vidro como gatos que pedem comida de manhã cedo. Voltei para dentro, procurar as respostas e os motivos. Talvez a torre fosse como um relógio, uma engrenagem da qual eu fazia parte, como um autômato amarrado a uma função. Depois me atingiu, 64 x 64 no elevador, era óbvio que eu estava dentro de um computador. Eu existia dentro dos circuitos, os andares com símbolos misteriosos eram escrita técnica que eu apenas não conhecia. De súbito percebi que não era nada disso, que não tinha uma explicação, eu era como uma formiga, porém o palácio que eu construiria não seria habitado por ninguém. Um dia nada disso importava mais, eu estava condenado a condição humana e não tinha nada que eu pudesse fazer, apenas sorrir e aproveitar cada segundo. Mesmo isso evoluiu, comecei a pensar em dobras do espaço tempo, inflexões na realidade, de como tudo era uma inflexão e um ponto de mudança constante, um grande labirinto das mudanças de um universo vazio e aleatório. Outro dia percebi que nenhuma dessas ideias era minha de verdade. Todas as ideias invadidas por pensamentos prontos, apropriadas por meus olhos e regurgitadas pra mim mesmo no vazio que ocupava meus dias. Giges estava certo, em algum momento comecei a escrever, mas não coloquei nenhum grande peso sobre isso, só fiz o que senti que deveria ser feito, afinal sou um humano condenado a produzir, um humano cuja produção permanecerá conservada em uma sala eterna e incompreensível. Até o tempo se dobrou sobre mim, isso tudo que eu contei é o futuro. “Podemos ver Lúcia agora?” - Giges nos coloca de volta podemos”. Volto a realidade, ando invisível por meio dos soldados que buscam por corpos. Dou adeus para o complexo maldito.

Capítulo 27 - Algumas pessoas são gentis

Estou no canto da sala, luz branca ilumina todos os cantos, os aparelhos médicos bipam sincopados, Giges estava extasiado, ajoelhado ao lado da cama lutava para conter as lágrimas: “quanta saudade achei que você estava em estado vegetativo, mas está aqui, acordada!”, a mulher almoçava sentada na cama com o encosto elevado há 45 graus. Eu nunca tinha visto aquela pessoa na minha vida, não era nem a Luiza, a mulher que havia ido na reunião, nem Lúcia, a outra que havia morrido esmagada por um micro-ondas junto com o namorado na praia. Era uma terceira, o cabelo desenhado em um pequeno topete, vários fios brancos apareciam. O olho esquerdo coberto por uma bandagem, na ficha da mulher estavam descritos as medicações e procedimentos necessários para a recuperação da cirurgia de correção de astigmatismo. O quarto estava vazio quando entramos, Giges não precisou de mim para chegar até lá, disse que se guiava pelo cheiro. Uma TV ligada no quarto, reparo que é aquele psicólogo que trabalhava para o BEIP. Heitor D'allagnol. Ele estava machucado e com os cabelos raspados, pelo menos uns trinta anos mais velho, reduzido a um senhorzinho que falava embolado, consequência de uma lesão na mandíbula. Era difícil entendê-lo. O vídeo em particular havia sido legendado. Ele dizia, que não havia sido torturado por militares, que muito pelo contrário eles haviam resgatado-no dos ratos comunistas que estavam se apossando dos jovens. “Urubu” diz ‘Lúcia’ conversa para a tela, Giges chega ao lado da cama sorrateiro. Responde como se a colocação houvesse sido feita contra ele. “Não! Eu vim por que eu te amo! Eu mudei tudo por você, meu jeito de pensar, minha obra, graças a você eu peguei nojo ao sofrimento, desisti do meu posto, voltei a ser mortal”. Ele estica a mão tentando tocar, ela atira a bandeja contra ele e se levanta enjoada em direção ao banheiro, escuto os sons da repulsa por detrás da porta fechada, logo em seguida a mulher aciona o alarme da enfermeira. Giges reage com sua agilidade de barata e vasculha a cama com as palmas das mãos abertas. Derruba a comadre de inox que cai com um estardalhaço no chão. Segue vasculhando, encontra o criado-mudo, vão ao chão uma garrafa de água e um pacote de lençinhos umedecidos. Ele encontra a gaveta e puxa com tanta força que ela se desencaixa do móvel. A campainha de emergência é tocada de novo, Giges tira um caderninho do bolso, joga em meio aos pertences da mulher, bagunça tudo um pouco, e depois pega o caderno triunfante, como se sempre estivesse ali, esfrega-o contra o rosto e grita: “Vamos”, eu o pego pelo ombro e voltamos para o escritório.

Ao chegarmos ele implora por um minuto da minha atenção, me entrega o caderninho pede que eu leia a última página, a caligrafia de Lúcia era firme e prática, os traços fortes criavam sulcos fundos no papel, as letras apesar de cursivas, eram pouco ornamentadas. Me recuso, ele implora, olho para o rosto velho e cego, lembro de meu avô, volto atrás. No momento é impossível não ser gentil com esse verme de coração partido.

Extraído do diário de sonhos da Lúcia:

“Palavras chaves: Matheus, geladeira, mar, perdão...”

Descrição: Som do mar quebrando nas pedras, céu azul, sol forte, areia amarela. Cabana de salva vidas vermelha. Praia vazia. Mar calmo, clarinho. Estou sentada no banco de madeira, cabelos compridos. Uma briza agradável movimentava meus cabelos. Matheus no chão na minha frente, brincando com conchas. Ele fala comigo:

- “Acordou diferente hoje, fala logo...” - algo nesse sentido. Não lembro muito bem. Lembro da minha resposta:

- “Eu te perdoo. Entre o perdão e continuar com esse esqueleto do que já fomos um dia existe um abismo. Eu ainda te amo, mas já não faz mais sentido. Eu te via como uma pessoa que não precisava se esforçar para ser boa, disposto a se mexer e mudar as coisas. Agora tudo isso foi coberto por uma camada de ódio e ego que cresce cada dia mais um pouco com o meu sofrimento. E o pior de tudo é que isso começou a crescer dentro de mim também. Foi um prazer te conhecer, tchau”.

Dou um beijo na bochecha dele. Ele pula da casinha em cima do monte de areia. A praia está cheia de eletrodomésticos antigos. Ele vai até uma geladeira inclinada, meio enterrada na areia. Abre a porta, olha para trás e fala pra mim:

- “Tchau”

Entra na geladeira. Fecha a porta. Uma onda vem e engole todos os eletrodomésticos. A praia fica vazia. O texto abalou Giges, “está terminado”, ele sorri.

Tento procurar pelas notícias de ontem no celular, me deparo com a dura realidade de que ali não existe acesso a internet. Aqui estou, condenado a vagar invisível pelo resto da eternidade em busca de wifi grátis em lugares públicos. Aviso ao meu colega de quarto que vou sair, ele pede para que eu traga o almoço. Visito meu apartamento, uma ponte com a realidade. Percebo que não estou amarrado ao escritório, ainda posso viver uma vida normal. O escritório é uma escolha. Essa sensação durou pouco. No começo o escritório era só uma imagem no canto do olho, depois começou a engolir toda minha visão, me chamado, via suas formas quando fechava os olhos, escutava seus sussurros ao tentar dormir, aquele lugar era um imã, não conseguiria me afastar por muito tempo, mais do que isso, aquele lugar era minha vocação, ali se encontrava meu propósito, eu só precisava procurar em alguma daquelas salas.

No tempo que fiquei fora, alguém havia invadido o prédio, o ar condicionado do apartamento ao lado havia sido arrancado da parede, sobraram só os cabos balançando e hélices de plástico penduradas. Meu apartamento também havia sido invadido, as roupas estavam reviradas, TV e butijão de gás desaparecidos. Por sorte

Pedro Ferreira, bucha-de-canhão 1, aquele rapaz que fugiu da casa na noite de preparação, já havia se adiantado e disseminava nossa história nas redes sociais, tínhamos uma voz. No dia de hoje eu decidi fazer o que fazia antes, passo um café, olho pela janela, os visitantes não foram embora, pelo contrário, alguns deles usavam fardas agora. O tenente com o rosto amassado me encarava triste no canto. Aproveito para me despedir do apartamento, da vida normal, da guerra.

O calor começa a ceder, as estações estão mudando. O vento sopra com um som familiar e me transporta para uma velha memória agri-doce, lembro do rosto da mulher que eu amei, de um abraço depois de uma briga e do vento entrando pela janela, nós dois monumentais no centro da sala contra os movimentos da terra, isolados em um tempo só nosso. Lembro do chão de parque velho, da persiana que não descia até o final, da janela do vizinho a um braço de distância e da pequena fresta entre os prédios que permitia que o sol banhasse a cama por 15 minutinhos no começo da tarde. Lembro de fofocar com ela as intrigas familiares do vizinho, discutir as coisas do dia, as reclamações causadas pelo meu péssimo hábito de lavar as roupas de madrugada. Lembro de como ela alagava o banheiro depois do banho, do frizz matinal nos cabelos encaracolados, ela dizendo que se sentia uma ovelha. Lembro dela cortando cebola com meus óculos EPI. O som do vento é a voz da mulher que eu abandonei.

Volto com comida e Giges agradece, com isso dá se início a uma longa tradição de almoço entre nós dois. Me perguntava como estava o mundo, contava histórias de sua produção, especulávamos sobre o escritório, eu falava de coisas que considerava engraçadas ou peculiares, observações do dia a dia. Ele era nojento e fascinante, ninguém o escolheria como companhia para passar a eternidade.

“Eu entendi! Finalmente! O castelo em Júpiter, aquela figura sentada. É uma criança solitária! Deus é uma criança! De dentro do palácio criou tudo que nunca poderia ter, uma realidade perfeita. Criou o campo. Depois começou a sentir inveja dos seres humanos que brincavam e riam uns com os outros. Nos castigou por sermos o que ele nunca pode ser, o que ele nos criou para ser. Criou o diabo dentro de nossos corações. Criou o arame farpado.”, “Você acredita nas bobagens que fala?” - respondo.

Nossa relação nunca foi das melhores, tivéssemos altos e baixos, ficamos quase 3 anos sem falar, mas quando ele ficou demente, chorei por perder meu companheiro. Me lembrei daquela bobagem que ele falava sobre o Deus solitário. Agora ele vagava balbuciando pelos corredores, as roupas esfaceladas e fedidas. Ele arrastava uma sacolinha cheia de livros de sua própria autoria, um corpo arrastando a mente. Se chocava contra as paredes por causa da cegueira. O encontrei chorando como criança depois de bater o joelho em uma quina. Os ossos cada vez mais fraquinhos e as varizes mais proeminentes. Gritava nomes femininos “Lúcia! Lúcia...!”, cada vez estava

em um nível mais baixo, mais próximo das partes não humanas do escritório. Estava sendo atraído para baixo, sugado por um vórtice.

Em relação ao mundo, nos primeiros anos tentei manter contato com os conhecidos. Dos sobreviventes, a moça que tomou o tiro no rosto dentro do apartamento voltou a trabalhar, tem um apartamento no Bom Fim e uma cicatriz no rosto. Lúcia de Siracusa. D'allagnol entrou para a política, eleito deputado, Pedro Ferreira estava fazendo faculdade de alguma coisa em algum lugar e era uma pessoa requisitada pela mídia para contar sua história. No começo era visto com grande gravitas e seriedade, mas depois de um ou dois anos passava a maior parte do tempo indo de podcast em podcast contar variações da mesma história que todo mundo já conhecia. Me distanciei, os sons do escritório eram altos demais, taparam os sons do mundo, não tinha porque sair.

Visitei a obra de Giges depois que ele sumiu, sem dúvida era prolífico, escrevia a mão, com tinta, os garranchos eram incompreensíveis. Passei para os experimentos escritos a máquina, a pontuação era inexistente, dizer que a escrita era fluxo de consciência era uma ofensa à literatura. Mais tarde ele descobriu as canetas esferográficas e atingiu uma prosa legível. Falou sobre muitas coisas ao longo da vida, e como qualquer ser humano, nunca chegou a nenhuma conclusão coerente. No fim havia se tornado um bom escritor, um pouco desleixado e prolixo sem dúvida, mas interessante. Na sua última fase, a melhor, os primeiros textos eram violentos e asquerosos, fantasias de poder encapsuladas em uma filosofia de senso comum. Giges, por quase cem anos, descreveu o que leu em jornais, viu em necrotérios, ouviu de famílias cujos entes queridos foram vítimas de crimes horríveis. Isso era o que ele considerava preservar a história da humanidade, seu grande propósito, a razão de seu respirar. “Um ser pode ser descrito pela natureza de sua violência”, “Nunca se conhece um povo sem conhecer seus rituais violentos”, “A violência brota do solo”, frases essas acompanhadas de descrições ginecológicas das coisas mais grotescas que ele encontrou no mundo. Tiveram algumas colocações espirituosas também, não sejamos injustos, mas no fim ele nunca escondeu quem foi.

O andar de baixo ao seu era decorado como um museu de história natural, o começo do corredor estava revirado, borboletas empalhadas se espalharam pelo chão, pinturas rasgadas, páginas de caderno arrancadas com medidas e números. Era impossível saber porque a temática da destruição foi escolhida por Gálio. Ele se percebia como um cientista, escolheu esse nome por se considerar o descobridor do elemento. Seus primeiros tratados continham ofensas pessoais a Paul-Émile Lecoq de Boisbaudran. Páginas e páginas sobre divagações filosóficas defendendo o poder da razão. Tratados sobre a natureza do éter e do miasma, falava muito sobre como a física pode alcançar a alma do homem, mudar a natureza da matéria, das emoções. Era um homem inteligente, dominava o ferramentário da lógica, conhecia todas as palavras bonitas e

científicas do seu tempo, mas em pouco tempo desconectado do mundo, ficou para trás da ciência, insistiu por mais alguns anos, depois resignado, tentou se dedicar à literatura. Não aguentou, cedeu o controle da torre a Giges, seu discípulo. Depois disso, seu futuro foi relatado nas palavras do aprendiz, passou os cem anos de Giges perambulando cego por um mundo que o lembrava todos os dias de seus inúmeros fracassos, e do tempo desperdiçado pela sua ciência. Ele foi um homem sem sorte, apesar da inteligência e disponibilidade de tempo para trabalhar, dedicou sua atenção para todas as rotas erradas.

Giges foi o último membro de uma seita que “protegia a torre”, a seita começou duas gerações antes de Gálio, duzentos e setenta anos no total. Uma delas durou apenas vinte anos e toda sua produção foi dedicada aos níveis inferiores do escritório, “Um Tratado Sobre a Língua dos Anjos e Seu Ferramental”. Várias tentativas de reprodução das letras estranhas raspadas nas paredes. A qualidade dos rabiscos era variada, encontrei uma lâmina enferrujada e cega jogada próximo ao que presumo ter sido o último grifo feito com ela. Assumindo que aquele era o último, também era possível perceber o aumento de destreza e evolução do pensamento do autor, tantas repetições que conseguia fazer curvas precisas ao entalhar, como um verdadeiro artesão. “De tempo suficiente há alguém e será impossível ouvir qualquer coisa além do chamado”, frase inicial do tratado. Levei esse livro comigo nas minhas explorações.

Quão grande é o mundo? 12.742 km. Não faz diferença, ele cresce e diminui, pulsa. Caminhos e tentativas pelas ruas e avenidas construídas por antecessores. Todos os dias nas sombras dos edifícios gigantescos que tapam o sol, milhões de pessoas com seus sonhos multilados são forçadas a rastejar pelas margens, procurando um canto escuro para fazer suas necessidades. Pode-se criar um objetivo complexo, viver com uma missão. Pode-se escolher um sonho de qualquer tamanho: ter o próprio sustento, se mudar para uma capital, derrubar o governo, enriquecer. Mas todos os sonhos são indiferentes, tudo que existe são os andares inferiores. Eu estava magro, minha cabeça grande sobre os ombros, as roupas largas na cintura, eu era como um peão no tabuleiro de xadrez. Eu precisava descer, me sacrificar para descobrir o que tinha lá embaixo. O andar não possuía nenhuma fonte de iluminação a não ser o elevador, já fazia dias que eu ficava no batente da luz, olhando para aquela inscrição na única parede metálica do andar zero. Energia elétrica tomava conta do ambiente e se apresentava em fogo de santelmo emanado do anel de São Jorge em minhas mãos. O metal da superfície era polido e especular. As demais paredes e o chão eram feitos de alguma espécie de mineral multicolorido, os padrões das formações pareciam galáxias. Era difícil respirar lá embaixo, o ar era frio e rarefeito, sem nenhum cheiro, meu corpo tremia. Pareço perder minha autonomia, minhas pernas criam vida e começam a marchar, sempre em frente. Meu braço eletrizado estica, como se puxado por um ímã, eu sinto ele leve, todos os movimentos são muito intuitivos, eu fui feito para aquilo.

Deslizo meus dedos pelo símbolo misterioso, quase invisível, gravado em relevo no centro da superfície de metal, não oferece resistência nenhuma ao toque. Uma porta. Meus cabelos se levantam por conta da eletricidade. Empurro com gentileza, nada acontece. Tento puxar, nada acontece. Empurro com força, nada acontece. Tento colocar o anel no símbolo como se fosse uma chave, nada acontece. Soco e chuto a superfície, nada acontece. Imploro para que ela se abra, nada acontece. Depois de duas horas de tentativas inúteis, sento no chão com paletó e camisa aos meus pés e encharcado de suor. Respiro fundo e me dedico a leitura de “Um Tratado Sobre a Língua dos Anjos e Seu Ferramental”, a porta do elevador se fecha, Giges deve ter chamado de algum andar. A luz é roubada do ambiente, mas o mineral é luminescente, deve ser radioativo. Levanto e chamo o elevador, tomado de raiva, Giges atrapalhando meu destino. Eu me arrependo de ter poupado a vida dele, quando o elevador chega ele está lá dentro curvadinho no canto. A raiva toma conta de mim, eu arrasto-no pelos cabelos escassos do topo da cabeça, mas abundantes nas laterais, para fora do elevador. Ele se agarra desesperado à sua sacola de livros, eu piso em sua mão forçando-o a soltá-la, jogo os livros para dentro do elevador e aperto um botão qualquer. Ele solta um grito desesperado, quase como um choro de criança. Eu agarro firme “Um Tratado Sobre a Língua dos Anjos e Seu Ferramental” e começo a espancá-lo na cabeça. O sangue respinga na parede, eu sinto a raiva primordial do primata obrigado a trabalhar em uma indústria de manufatura. Repito os golpes até ele parar de gritar e perder a consciência. Jogo o livro para o lado e sento no chão, olho as feridas do rosto dele se fechando na frágil luminescência. Depois ele acorda e começa a chorar, exijo que cale a boca, ele não cala. Me levanto com o livro na mão esperando que ele recue de medo, mas ele é cego, então apenas chuto sua cabeça, ele cai de novo. Passo por cima do corpo em direção ao elevador, aperto o botão o elevador chega seleciono meu andar, por entre a porta prestes a fechar, vejo uma luz branca tomar conta da sala. A porta abriu.

Aperto várias vezes o botão para voltar para o zero, mas não adianta, o elevador me levará até meu andar. Esse tempo foi bem elucidativo, cheguei a duas conclusões. A primeira, Deus estava testando minha vontade, me fez castigar o meu único companheiro, pois o mesmo criticou seus objetivos divinos para com o escritório. A segunda é de que não haveria retorno da jornada até o fundo. Seria meu último feito nesta existência. Como homem sentimental que sempre fui, me vem à cabeça despedidas. Saio para o mundo externo, desço no meu antigo apartamento, que não existe mais, tudo está tão diferente. O interior do prédio é uma escuridão total, escuto apenas o ranger do maquinário, tudo virou uma grande fábrica vertical, cem por cento automatizada. O centro histórico de Porto Alegre, se tornou um aglomerado de prédios escuros e sem janelas, todos com as paredes coladas, próximo ao chão, um pequeno quadrado com o mínimo de espaço para pequenos robôs com câmeras e esteiras passassem entre eles. Não havia percebido quanto tempo contínuo fiquei no escritório,

não lembro mais se comi ou dormi, o céu lá se mantém naquela cor artificial eterna, céu sabor artificial brigadeiro, os dias se misturaram e assim passaram os anos. Seis, dez, vinte anos perdidos nos meus próprios pensamentos, sem construir nada, a vida é assustadora no fim das contas. Visito meu bairro de infância, pessoas ainda moram lá. Lugares onde gente nasceu não deveriam mudar, eu já não existo mais nesse mundo, um fantasma.

Satisfeito com minha despedida? Eu choro, no meu cômodo vazio no escritório. Nenhuma obra, nenhum livro, nenhuma gravura na parede, nenhum produto escatológico. Um grande nada e o tempo passou, a vida me engoliu, eu choro seco, como uma noite sem estrelas. Meu corpo inteiro treme com cada respiração pesada enquanto arfo por ar, a sala parece feita de vácuo. Caio em posição fetal, tento pensar na guerra, nos mortos, nos amores, no sacrifício, mas nada restou, só um homem fraco chorando sem lágrimas em uma sala vazia no fim do tempo. Não sei quanto tempo fiquei ali, pode ter sido centenas de milhares de anos ou quinze minutos. Me levanto amassado e doído, dor na lombar. Recolho minhas coisas e me preparo para descer. Sinto o vazio de ansiedade na boca do estômago. Tento me sentir um pouco mais feliz, aquela ansiedade de palco, de criança no aniversário, mas não adianta, o rosto ainda marcado por lágrimas secas não pode sorrir. Como um viajante boto uma mochila sobre as costas, mas a minha está vazia, vou lá para retirar coisas não para deixar. Então sigo com um último boa noite:

“No silêncio, meio da noite

o “*Plic, plac, planc...*” dos aparelhos,

Há acelerações nas urdiduras,

Por quê você quer me COmandar?

Visto a couraça,

Pois não contem comigo para tal fim!

Quero mais é participar da festa,

Aceitar o velho tear,

Remendar o véu,

Trocar o pranto pelo ENcanto,

Ser, sempre + feliz !

Esperem-me amigos,

Sempre sonhando em reverter o *Hades!*⁵

⁵ ROCHA, Suzana Viana de Harlequim, **Noturna Travessia** escrito poucos dias antes do seu falecimento. Fica aqui uma última homenagem de seu neto e autor deste livro.